

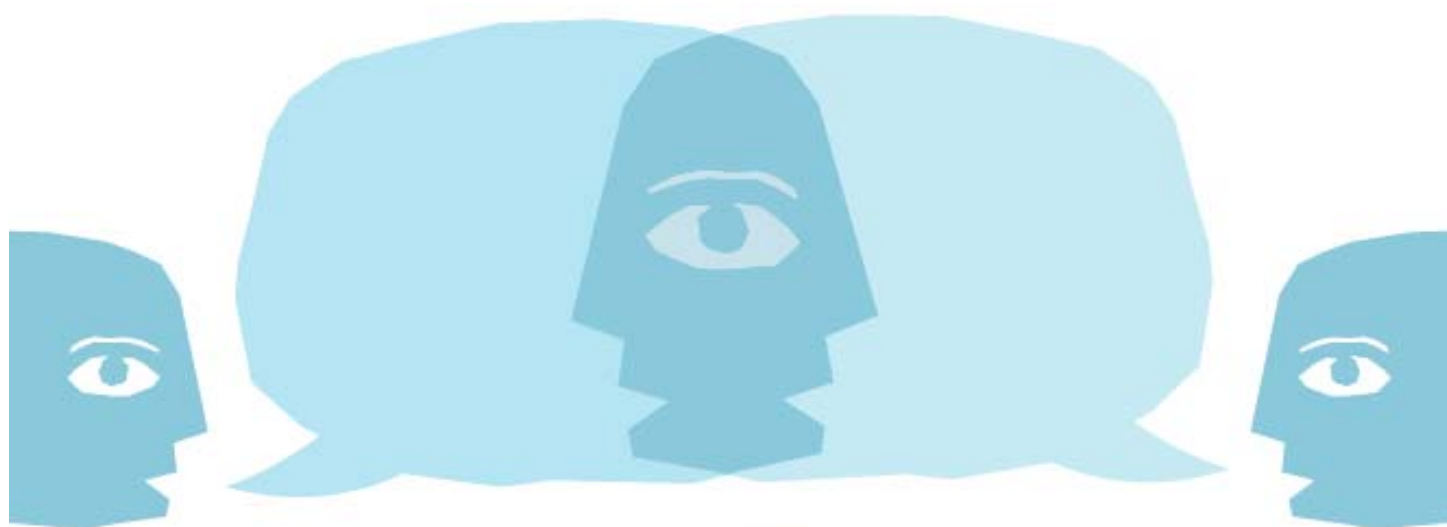


**II Congresso Sul Brasileiro
de Fenomenologia
& II Congresso Paranaense de
Estudos Fenomenológicos**

VÍNCULO, RELAÇÃO E DIÁLOGO

**Anais do II Congresso de Estudos
Fenomenológicos do Paraná e II Congresso Sul
Brasileiro de Fenomenologia**

Vínculo, relação e diálogo



Auditório Prof. Dr. Ulysses de Campos no
Setor de Ciências Sociais Aplicadas
Av. Prefeito Lothário Meissner, 3400
Jd. Botânico - 80210-170 Curitiba-PR



DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LABFENO - Laboratório de
Fenomenologia e Subjetividade

Ficha catalográfica

II Congresso de Estudos Fenomenológicos do Paraná / II Congresso Sul Brasileiro de Fenomenologia (1. : 2011 : Curitiba, PR).

Anais do II Congresso de Estudos Fenomenológicos do Paraná / II Congresso Sul Brasileiro de Fenomenologia, de 02 a 04 de junho de 2011 – Curitiba, Universidade Federal do Paraná, Departamento de Psicologia Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade (LabFeno), 2011.

1. Psicologia Fenomenológica / Psicologia Existencial-humanista / Fenomenologia/

Edição Eletrônica

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ SETOR DE
CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**Anais do II Congresso de Estudos Fenomenológicos
do Paraná e II Congresso Sul Brasileiro de
Fenomenologia**

Vínculo, relação e diálogo

Curitiba 2011

©2011. Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade / Psicologia /
HL / UFPR

É permitida a reprodução parcial ou total, desde
que citada a fonte.
Edição Eletrônica

Reitor da UFPR
Prof. Zaki Akel Sobrinho

Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes
Diretor: Prof.^a Maria Tarcisa Silva Bega

Chefe do Departamento de Psicologia
Prof..Adriano de Holanda

Suplente do Departamento de Psicologia
Prof.^a Joanneliese de Lucas Freitas

Produção, distribuição e informações:
Laboratório de Fenomenologia e
Subjetividade (Labfeno/UFPR) Brasil
e-mail: nedhu@ufpr.br / labfeno@ufpr.br
Home page: www.labfeno.ufpr.br

Coordenação do evento
Prof. Adriano de Holanda
Prof. Carlos Augusto Serbena
Prof.^a Joanneliese de Lucas Freitas

Edição dos anais
Prof. Carlos Augusto Serbena

Revisão dos anais:
Roberson Aparecido Ribeiro de Campos

Local do evento:
Auditório Prof. Dr. Ulysses de Campos no Setor de Ciências Sociais
Aplicadas
Av. Prefeito Lothário Meissner, 3400 - Jd. Botânico
80210-170 Curitiba-PR

Ressalva: Os resumos aqui exibidos foram publicados na íntegra e
não passaram por revisão, já que os textos são de inteira
responsabilidade de seus autores.

Apresentação

O **II Congresso de Estudos Fenomenológicos do Paraná / II Congresso Sul Brasileiro de Fenomenologia** é uma promoção do Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade (Labfeno/UFPR) do Departamento de Psicologia da UFPR e representa uma continuidade do processo iniciado em 2009 com o primeiro congresso, apresentando e divulgando trabalhos, pesquisas e práticas na abordagem fenomenológica e humanista em psicologia e nas ciências humanas.

O tema central dessa edição do Congresso – **Vínculo, relação e diálogo** – aponta para a relação do ser humano com o mundo, as coisas e os outros, fundamental na constituição do próprio ser humano como um ser-com e um ser-em-relação. Diferentes modalidades de estar com o outro e de estar no mundo que mostram que o sujeito autossuficiente e independente dos outros seres e do mundo é algo secundário, derivado da própria condição existencial do homem – no mundo, com os outros, no tempo e em processo. Da mesma forma o pensamento fenomenológico também se apresenta, no mundo, nos sujeitos, sobre estes e suas relações e em processo. A história da fenomenologia é a história do pensamento de Husserl e suas dissidências, na qual o retorno “às coisas mesmas” e a experiência é fundamento e o impulso que move o pensamento e a teorização.

Neste sentido o atual congresso procura apresentar um amplo painel da produção acadêmica que se realiza sob este impulso no Brasil. A Comissão Organizadora, antes de analisar e dirigir o processo, procurou acolher e mostrar-se receptiva aos trabalhos e práticas que se realizam no Brasil buscando este retorno a experiência e ao mundo humano com o olhar fenomenológico. Deste modo, este congresso surge como uma maneira de dar visibilidade e estes trabalhos e práticas e como um espaço de encontro e reflexão das pessoas e profissionais vinculados a este pensamento que se mostra extremamente fecundo, constatados nas mesas redondas e nos mais de 100 trabalhos apresentados neste encontro.

Prof. Adriano Holanda
Prof. Carlos Augusto Serbena
Prof.^a Joanneliese de Lucas Freitas
(Coordenadores)

**II Congresso de Estudos Fenomenológicos do Paraná
II Congresso Sul Brasileiro de Fenomenologia**

Vínculo, relação e diálogo

02 a 04 de junho de 2011

Curitiba - Paraná

Promoção

Universidade Federal Do Paraná
Setor de Ciências Humanas Letras E Artes
Departamento de Psicologia
Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade (Labfeno/UFPR)

Coordenação Geral e Organização

Prof. Adriano Holanda
Prof. Carlos Augusto Serbena
Prof.^a Joanneliese de Lucas Freitas

Comissão Científica

Joanneliese de Lucas Freitas (Universidade Federal do Paraná)
Carlos Augusto Serbena (Universidade Federal do Paraná)
Adriano Holanda (Universidade Federal do Paraná)

Sumário

Resumo das apresentações em mesa redonda.....	7
Resumo dos trabalhos apresentados.....	38
Programação do evento.....	142
Mesas-redondas.....	143
Apresentação oral de tema livre.....	145
Apresentação em painel de tema livre	153
Índice de títulos dos trabalhos apresentados	155
Índice de autores dos trabalhos apresentados	161



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA



RESUMO DAS APRESENTAÇÕES EM MESA REDONDA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA



“A CLÍNICA PSICOLÓGICA INFANTIL EM UMA PERSPECTIVA EXISTENCIAL”

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo*

Neste artigo, tentaremos responder aos questionamentos acerca da viabilidade de uma clínica psicológica com base na filosofia da existência. Iniciamos assinalando aspectos que apontam para a possibilidade de uma clínica psicológica infantil em uma perspectiva existencial. Para tanto, consideraremos que o que está em questão na criança, ou seja, seu caráter de indeterminação, de liberdade e de cuidado, em nada difere do adulto. E que os aspectos essenciais na postura do clínico são a atitude fenomenológica, tal como pensada por Edmund Husserl; e a preocupação libertadora, do modo como foi desenvolvida por Martin Heidegger, bem como colocada em prática durante seus seminários em Zollikon. Desta forma, o psicólogo clínico, prescindindo de qualquer posicionamento teórico e da respectiva categorização acerca do comportamento infantil, pode acercar-se do fenômeno tal como esse se apresenta. Por fim, apresentaremos fragmentos de uma análise fenomenológica do discurso clínico em que a queixa em questão era cleptomania. A atuação clínica se deu a partir uma atitude antinatural, tomada pelo clínico, podendo assim desconstruir os elementos identificatórios atribuídos à criança, tanto por parte do psiquiatra como dos familiares. Ao clínico coube desenrolar essa tarefa devolvendo ao menino a responsabilidade por sua existência, e assim ele poder decidir pelo modo como iria conduzir a situação presente, que era foco de tensão.

Palavras-chave: Clínica infantil; Fenomenologia; Filosofia da existência; Indeterminação; Liberdade; Heidegger.

*Professora Adjunta do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e membro da comissão editorial da Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro



“A CONTRIBUIÇÃO DE JASPERS, BINSWANGER, BOSS E TATOSSIAN PARA A PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA”

Virginia Moreira*

Esta comunicação tem como objetivo discutir as contribuições singulares de quatro grandes nomes da tradição da Psicopatologia Fenomenológica: Karl Jaspers, que através de um método descritivo-compreensivo fundou a psicopatologia enquanto área específica do conhecimento com sua Psicopatologia Geral; Ludwig Binswanger, o criador da Psicopatologia Fenomenológica; Medard Boss que se propôs a desenvolver uma psicopatologia de inspiração Daseinsanalítica e, finalmente, Arthur Tatossian que desenvolve uma psicopatologia do Lebenswelt (mundo vivido).

Palavras-chave: Psicopatologia Fenomenológica; Jaspers; Binswanger; Boss; Tatossian.

*Psicoterapeuta, Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Pós-Doutora em Antropologia Médica pela Harvard University. É Professora Titular da Universidade de Fortaleza e Affiliated Faculty da Harvard Medical School. Email: virginiamoreira@unifor.br

“A FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO EM ALES BELLO: PERSPECTIVAS E DESAFIOS”

Márcio Luiz Fernandes*

A reflexão da filósofa Ângela Ales Bello – docente de História da Filosofia Contemporânea na Universidade Lateranense de Roma e Presidente do Centro Italiano de Fenomenologia de Roma – sobre o tema da pluralidade das culturas e das religiões e da arqueologia fenomenológica da experiência religiosa encontrou nos últimos dez anos espaço no ambiente acadêmico brasileiro. A pergunta de fundo é como seria possível justificar que o ser humano conserve uma unidade fundamental apesar das diferentes visões de mundo que caracteriza cada grupo étnico, religioso e cultural. Ales Bello – seguindo as indicações da Escola fenomenológica – propõe o aprofundamento da análise do fenômeno religioso realizado por Gerardus van der Leeuw junto com as contribuições de Husserl. Para a filósofa com a guia destes dois autores é possível avançar nas pesquisas sobre o significado da experiência religiosa quod nos e, desse modo, descobrir por meio do momento hilético e noético como tal experiência se apresenta em si. Os diversos exemplos de escavo fenomenológico a partir das diversas religiões: cristianismo, budismo, hinduísmo, bem como da união mística e contemplação no sufismo, permite-nos perceber o significado da pesquisa da filósofa que, por décadas, recebeu em seus cursos de Fenomenologia da Religião, estudantes e pesquisadores de diferentes culturas e religiões. A análise do fenômeno religioso, porém, segundo a pensadora tem uma peculiaridade: deverá articular o objeto da experiência religiosa com as questões referentes às relações entre o feminino e o masculino; o pensar e o crer; a teologia e a filosofia, a revelação e a mística. O objetivo do trabalho será, portanto, examinar as principais categorias e critérios utilizados pela pensadora na sua investigação e indicar as perspectivas e os desafios futuros.

Palavras-chave: Fenomenologia da religião; Ales Bello; experiência religiosa.

*Professor da PUC-PR

“A FENOMENOLOGIA DA VIDA EM MICHEL HENRY: REFLEXÕES CRÍTICAS DA PSICOPATOLOGIA E PSICOTERAPIA”

Andrés Antunez*

Karin Hellen Kepler Wondracek**

A fenomenologia da Vida inaugurada por Michel Henry não nega a intencionalidade, mas não a coloca em um lugar principal. A consciência é sempre consciência de alguma coisa, pois se dirige a fenômenos exteriores, objetivos e visíveis; mas há fenômenos invisíveis, como os de alegria e o sofrimento, eles se dão na esfera da imanência subjetiva, ou seja, experimentam-se na relação imediata de si consigo, em regiões arcaicas e originárias na passibilidade da vida. Assim, a região mais arcaica da consciência é a auto-afecção, pois nesse plano se revela a própria vida de cada ser, em sua singularidade. A vida só pode ser apreendida pela vivência subjetiva. A camada mais arcaica do si é um pathos, um padecer que é a experiência da vida que flui em mim. A crítica de Michel Henry à Ciência Moderna é a excessiva tendência a objetivar a vida ou a consideração do vivo em abstração, cuja essência é genérica e vazia. Para Henry, a ipseidade é o logos da vida. Com Rolf Kuhn podemos refletir sobre a clínica e a relação terapêutica, onde estas ocupam um lugar de refúgio da qualidade da experiência afetiva de si, pois revaloriza a dimensão do encontro e a especificidade da relação terapêutica. Assim, há um co-pathos, onde a compaixão é a capacidade de se auto-afetar pelo pathos do outro. Nesse sentido, a melancolia ou os traumas psíquicos não constituem uma paragem de uma subjetividade afetiva prometida à felicidade de viver.

Palavras-chave: Fenomenologia; Michel Henry; Vida; Auto-afecção; Pathos.

*Psicólogo, Doutor em Saúde Mental, Professor de graduação e pós-graduação do Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; email: antunez@usp.br;

**Psicóloga e Psicanalista, Doutora em Teologia, Professora Faculdades EST, São Leopoldo, RS; email: karinkw@gmail.com



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA



“A MORTE E O MORRER: CONTRIBUIÇÃO HEIDEGGERIANA PARA A PSICOLOGIA”

Lucia Cecilia da Silva*

A Psicologia pode receber do pensamento fenomenológico-existencial Heidegger contribuições interessantes no que se refere a uma abordagem da experiência mais inarredável que todo homem terá de vivenciar: a morte. Para Heidegger a angústia ante a qual nos damos conta de que somos no mundo como ser-para-a-morte, é o fundamento de todos os medos, de toda ansiedade, de todo terror e pavor que vivemos no cotidiano. Procuramos, no mais ordinário das vezes, viver na impessoalidade e na inautenticidade, fugindo do nosso ser mais próprio que a condição de finitos nos impõe. Ao tentar fugir dessa condição inescapável, acabamos por viver uma vida que não é a nossa, pois inseridos no cotidiano de “todo mundo”, não assumimos que somos responsáveis pelo projeto existencial que aparece no nosso horizonte desde que somos lançados no mundo. Enquanto arquitetos de nossa existência somos seres de cuidado. Sem cuidado não há homem, porque o homem existe somente mediante o cuidado. Assim, cuidado, angústia e morte são aspectos indissociáveis da vivência humana e, como tal, não deve passar despercebido de qualquer reflexão sobre o homem e seus sofrimentos. Se não acolhemos a angústia que a compreensão de que somos seres-para-a-morte encerra, também não nos cuidamos, nem individualmente e nem coletivamente. Aí, talvez, resida uma crucial contradição que observamos nesses tempos pós-modernos de vazio existencial: para fugir da morte, matamos nossa humanidade, esquecendo-nos de quem somos e daquilo que podemos.

Palavras-chave: Morte; Cuidado; Psicologia; Fenomenologia; Heidegger.

*Doutora em Psicologia pela USP, docente na graduação e Pós-graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá. Email: lcsilva@uem.br

“COMO SEI QUE EU SOU EU? CINESTESIA E ESPACIALIDADE NAS CONFERÊNCIAS HUSSERLIANAS DE 1907”

Thiago Gomes de Castro*
William Barbosa Gomes**

O interesse pela relação entre percepção espacial e experiência cinestésica vem aproximando as ciências cognitivas da fenomenologia. Recentemente, pesquisas em neurocognição têm evidenciado o impacto de variações proprioceptivas para o controle da ação no movimento corporal e na integração de diferentes regiões cerebrais. Tais achados fundamentam-se em protocolos neurofuncionais e descrições experienciais de primeira pessoa, que trazem impacto especial aos campos da psicopatologia e reabilitação. Historicamente, o tema da percepção em movimento e sua repercussão para a consciência corporal já havia sido alvo de reflexão do filósofo Edmund Husserl (1859-1938), em escritos relativamente desconhecidos de sua obra. Husserl já havia abordado detidamente os temas da corporeidade e espacialidade em 1907 na Universidade de Göttingen, em uma série de conferências publicadas postumamente e intituladas Dingvorlesung. No trabalho, a emergência da percepção do espaço aparece associada à propriocepção em movimento (Cinestesia) e às variações do noema conforme seu contexto de relações intencionais para a consciência. Nesse tocante, Husserl já afirmava que o assentamento intencional dentro do fluxo temporal dos vividos dependia de uma composição espacial da corporeidade em movimento. O autor chega a afirmar a primazia dos sistemas sensoriais, visual e tátil, sobre outros sistemas secundários. Aliás, Husserl já ensaia a necessidade de se considerar esses sistemas como complementares e interdependentes na formação da espacialidade, o que vai ao encontro das teses multimodais recentes sobre o funcionamento cerebral. Vale ressaltar que o período de Husserl em Göttingen coincide com o fortalecimento da aplicação da fenomenologia na psicologia experimental da Universidade, fazendo frente aos laboratórios de Wundt em Leipzig e de Stumpf em Berlim. Os responsáveis por esta aproximação à fenomenologia são os psicólogos David Katz (1884-1953), que pesquisou a propriocepção tátil e a percepção de cores, e seu orientador Georg Elias Müller (1850-1934), responsável pelo centro de psicologia experimental de Göttingen. Identificadas as importantes diferenças entre achados experimentais e afirmações filosóficas sobre o funcionamento perceptivo, pode-se, no mínimo, destacar as interessantes similaridades entre teoria fenomenológica clássica e os novos achados cognitivos sobre ação intencional na percepção.

Palavras-chave: Espacialidade; Cinestesia; Fenomenologia; Cognição

*Psicólogo, Mestre em Psicologia e Doutorando na Universidade Federal do Rio Grande do Sul: thiago.cast@gmail.com.

**Psicólogo, Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Coordenador do Laboratório de Fenomenologia Experimental e Cognição / LaFEC. E-mail: gomesw@ufrgs.br.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA



“CORPO VIVIDO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A PSICOLOGIA”

Joanneliese de Lucas Freitas*

A experiência humana é dada na unidade de dois aspectos, corpo e consciência, que são irreduzíveis, embora articulados intimamente. O objetivo deste trabalho é refletir sobre o papel da fenomenologia na discussão sobre o corpo como elemento intrínseco a subjetividade humana e as suas contribuições para uma psicologia que tenha como objeto o homem como totalidade complexa mente e corpo. Apresentam-se dois problemas centrais: o corpo como subjetividade e das relações entre fenomenologia e psicologia. Para isto aborda-se a fenomenologia como via de compreensão do humano, explora-se as contribuições de E. Husserl e M. Merleau-Ponty ao pensar o corpo como vivência e desenvolve a noção de corpo como espaço expressivo e de ruptura. Discorre também sobre a psicossomática, doença e adoecimento, destacando que a perspectiva aberta pela fenomenologia a psicologia permite novos olhares sobre os processos de subjetivação.

Palavras-chave: fenomenologia, corpo vivido, Merleau-Ponty, corporeidade, adoecimento.

* Possui graduação em Psicologia pela Universidade de Brasília (1996), mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pela Universidade de Brasília (1999) e doutorado em Psicologia pela Universidade de Brasília (2005). Atualmente é Professora adjunto da Universidade Federal do Paraná. Contato: joanne@ufpr.br.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA



“DE QUE SE OCUPA A PSICOLOGIA, SEGUNDO OS FENOMENÓLOGOS”

Luiz Damon Moutinho*

A psicologia surge, no movimento fenomenológico, antes de mais nada como uma via de acesso à filosofia primeira. A ela cabe certa região eidética, a região do espírito. A bipartição entre os dois domínios, o da filosofia e o da psicologia, sempre foi uma constante na fenomenologia. Mas essa bipartição requer algumas precisões, pois, mais que se ocupar com uma região, é preciso que a psicologia desça até a individualidade concreta. É esse movimento que queremos retomar, e tomaremos Sartre como guia nesse percurso.

Palavras-chave: Psicologia; Fenomenologia; Sartre; Eidética

*Formado em Filosofia pela Universidade de São Paulo onde também concluiu seu mestrado e doutorado. Fez especialização em Filosofia pela École Normale Supérieure de Fontenay/Saint Cloud, e dois pós-doutorados sendo um deles realizado na Université Sorbonne – Paris1. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal do Paraná.

“DESAFIOS PARA UMA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA”

William Barbosa Gomes*

O movimento humanista do meado do século XX tomou o existencialismo como tema central e a fenomenologia como método. Abordagens terapêuticas preocupadas com as questões da existência foram denominadas de fenomenológico-existenciais, sendo seus terapeutas simpáticos ao método fenomenológico. O movimento humanista existencial viveu seu apogeu nos meados do século XX, alcançou grande visibilidade na década de 1950, recuando um pouco para logo retornar em grande estilo no célebre 1968 francês. A seguir, entrou em crescente declínio com o aparecimento de outras novidades como o estruturalismo, pós-estruturalismo, e suas decorrências midiáticas no final do século XX, principalmente em França. No campo psicológico, teve sua visibilidade ofuscada pelo crescimento das teorias cognitivas e mais recentemente pelo movimento denominado de psicologia positiva. No entanto, os ideais existencialistas continuam presentes nas terapias humanísticas, principalmente nas fenomenológico-existenciais, como atestam a publicação de livros e revistas, o surgimento de sociedades e a abertura de centros de formação, acadêmicos e profissionais. A presente exposição contempla os seguintes aspectos: 1) nascimento da clínica psicológica; 2) perspectiva fenomenológica na clínica psicológica; 3) características da clínica fenomenológico-existencial; 4) clínica fenomenológico-existencial no Brasil, 5) clínica fenomenológica e as evidências empíricas; e 6) desafios à clínica fenomenológica no contexto dos movimentos para a integração psicoterapêutica. Destaca-se a abertura da clínica fenomenológica à realização e à pertinência da pesquisa empírica, ainda que sob protestos, mas encontrando resultados bastante favoráveis. Influências da fenomenologia e do existencialismo na clínica psicológica foram importantes para atenuar o dogmatismo psicanalítico na relação e na interpretação psicoterapêutica e serviram de inspiração para a compreensão da condição interpessoal nos tratamentos cognitivos-comportamentais. Contudo, nessa história, o método fenomenológico vem desaparecendo e a análise existencial ganhando proeminência.

Palavras-chave: Psicoterapia; Fenomenologia; Existencialismo; Efetividade; História.

*Psicólogo, Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Coordenador do Laboratório de Fenomenologia Experimental e Cognição / LaFEC. E-mail: gomesw@ufrgs.br

“DIÁLOGO FENOMENOLÓGICO DA SEXUALIDADE EM TRÂNSITO: CORPO, GÊNERO E SEXO”

Maria Alves de Toledo Bruns*

O século XXI é marcado pela conquista das minorias sexuais. Transexuais e travestis cruzam as fronteiras das “normas regulatórias” de gêneros e submetem o corpo a um processo de feminização, assim inscrevendo outros olhares com relação à heteronormatividade. Diante dessa realidade mutante, o diálogo fenomenológico abre a possibilidade de compreensão acerca do lebenswelt do trânsito das reinvenções das cartografias de prazeres corporais bem como do desejo expresso nas vivências afetivo-sexuais de transexuais e travestis. Desse modo, deslocam os olhares preconceituosos e estigmatizadores que cercam as diversidades sexuais. Valho-me de pesquisas desenvolvidas sob minha orientação com integrantes do Grupo de Pesquisa Sexualidadevida/USP-CNPq, Campus de Ribeirão Preto, SP, Brasil, para compreender o trânsito do corpo, gênero e sexo, ou seja, as reinvenções do amor na contemporaneidade. Transexuais e travestis, em busca da auto-realização afetivo-sexual transgridem valores religiosos, normas morais e subvertem os sentidos do ethos da matriz heterossexual. Nesse caminhar, feminizam o corpo com injeções de silicone e botox, piercings, cirurgias plásticas, entre outros procedimentos estéticos para adequarem o sexo biológico ao psíquico. Fetichizam o corpo para satisfazer o consumidor atento às novidades. Compreender esse modo de ser possibilita aos profissionais conhecer a multiplicidade e a fluidez que constitui as identidades sexuais e os papéis e representações de gênero.

Palavras-chave: Corpo; Fenomenologia; Gênero; Sexo.

*Professora Doutora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP – Campus de Ribeirão Preto, SP, Brasil e Líder do Grupo de Pesquisa Sexualidadevida/USP-CNPq – toledobrun@uol.com.br

“FENOMENOLOGIA DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA CONTEMPORÂNEA: NOVAS FORMAS DE PRODUÇÃO DE SENTIDO DO SAGRADO”

Mary Ruth Esperandio*

Este estudo tem como objetivo apresentar uma fenomenologia da experiência religiosa contemporânea a partir da contribuição de dois autores em torno da temática da corporeidade: Merleau-Ponty e Foucault. Enquanto a fenomenologia da percepção merleau-pontiana permite-nos compreender as experiências pessoais a partir das sensações que o corpo percebe e significa, a noção de genealogia foucaultiana ajuda-nos a pensar algumas questões que marcam o corpo em sua constituição na própria história. Longe de querer demarcar aproximações e distanciamentos, convergências e divergências entre esses dois autores, quer-se aproveitar suas teorizações como “caixa de ferramentas” para compreender a produção de sentido da experiência do sagrado nas novas figurações e o que tais experiências nos mostram acerca da intersubjetividade. Sendo assim, a perspectiva da corporeidade no modo como é tematizada por esses dois autores contribui significativamente para o entendimento das experiências religiosas contemporâneas, as quais apontam tanto para certas descontinuidades na história no que diz respeito às formas de produção de sentido da experiência do sagrado quanto para o modo como hoje as sensações corporais passam a ser privilegiadas no processo de abertura ao nosso mundo de fato. As figurações contemporâneas utilizadas no estudo: Igreja Universal do Reino de Deus, União do Vegetal e Santo Daime são apresentadas brevemente e nos servem como evidências de um deslocamento do registro onde se processam os sentidos da experiência do sagrado. Crê-se que esse estudo contribui com uma abordagem da subjetividade contemporânea pela perspectiva da experiência religiosa e pode levantar questões interessantes sobre nossas intervenções clínicas na atualidade.

Palavras-chave: Corpo; Experiência religiosa; Produção de sentido; Genealogia; Sensações.

*Psicóloga – CRP 08/13082 – Doutora em Teologia. Professora Adjunta no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, na linha Teologia e Sociedade. mresperandio@gmail.com

“FENOMENOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS: A CRÍTICA DE HUSSERL AO POSITIVISMO”

Carlos Diógenes Cortes Tourinho*

Quando pensamos a crítica da fenomenologia às ciências positivas, pensamos em dois modos distintos de consideração do mundo. Tal crítica se faz notar, particularmente, quando pensamos a relação da fenomenologia com as ciências humanas. Para Husserl, não podemos inferir, como pretendem as correntes positivistas, uma lei geral a partir da observação de casos particulares. Com a fenomenologia, deparamo-nos, de antemão, com uma eidética. Não há ciência que não comece, segundo Husserl, por estabelecer um quadro de essências obtidas pela técnica de variação imaginária dos objetos. Tal “núcleo invariante” do cogitatum define precisamente a essência daquilo que se mostra na e para a consciência intencional, revelando-se, portanto, em sua dimensão originária. Pelo exercício da redução fenomenológica, retemos no pensamento o que é intencionado enquanto “fenômeno”. Ao invés de inferir leis gerais a partir da observação de casos particulares e da descrição da regularidade desses casos, conforme propõe, do ponto de vista metodológico, o programa positivista, a atitude fenomenológica concentra-se na descrição (ou análise) de essências. Nos termos de Husserl, trata-se, com a atitude fenomenológica, de um processo dinâmico, de uma atitude reflexiva e analítica, cujo intuito passa a ser o de promover a elucidação do sentido originário que a coisa expressa, em sua versão reduzida, independentemente da sua posição de existência. A redução fenomenológica faz reaparecer, na própria consciência intencional, a verdadeira objetividade pela qual o objeto intencionado é constituído e apreendido intuitivamente. Tal redução permite-nos recuperar a autêntica objetividade na própria subjetividade transcendental, unindo, com isso, o objetivo e o subjetivo. Portanto, se a adoção do programa positivista nas ciências humanas deixa-nos, para o estudo do homem, confinados a uma lógica indutiva e probabilística, o método fenomenológico nas ciências humanas convida-nos a exercer uma atitude reflexiva e analítica acerca do sentido íntimo da coisa – tanto aquele que se atualiza no pensamento quanto as significações que se encontram virtualmente ali presentes. Convida-nos, portanto, para uma clarificação do que há de mais originário na coisa sobre a qual retornamos. Eis o convite genuíno da fenomenologia às ciências humanas.

Palavras-chave: Fenomenologia; Ciências Humanas; Edmund Husserl; Positivismo.

*Doutor em Filosofia pela PUC-Rio. Professor Adjunto de Filosofia da Faculdade de Educação da UFF. Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFF. Membro do GT de Filosofia Francesa Contemporânea e do GT de Fenomenologia da ANPOF. E-mail: cdctourinho@yahoo.com.br

“FENOMENOLOGIA E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM PAUL TILlich”

Tommy Akira Goto*

O objetivo deste artigo é apontar a presença da fenomenologia filosófica no pensamento filosófico e teológico de Paul Tillich, tanto sobre a questão metodológica ou a investigação fenômeno religioso. Apesar de Paul Tillich tendo tido uma metodologia própria em sua teologia - tal como o método de correlação e do círculo teológico – também podemos encontrar seus comentários principais obras sobre a fenomenologia e sua aplicabilidade na investigação da experiência religiosa. A fenomenologia que afirmam estar presente no pensamento de Tillich não é nem uma fenomenologia "pura", de acordo com o conceito de Edmund Husserl, nem uma fenomenologia hermenêutica inspirada por Martin Heidegger - apesar de ter sido influenciado por ambos os autores -, mas uma fenomenologia crítica, como sugerido pelo teólogo, que seria a união de ambos os elementos do (a fenomenologia clássica) intuitiva-descritivo crítico-existencial. Neste sentido, vamos começar a partir dos comentários feitos por Tillich na fenomenologia, entendendo o que ele quis dizer sobre esta metodologia e vamos investigar a relevância dessas observações para a construção de sua teologia e filosofia

Palavras-chave: Fenomenologia; Experiência Religiosa; Paul Tillich.

*Psicólogo Doutor em Psicologia Clínica pela PUC-Campinas, Mestre em Filosofia e Ciências da Religião pela UEMESP, Professor da PUC-Minas – Campus Poços de Caldas, Membro do Círculo Latinoamericano de Fenomenologia, Membro da Sociedade Paul Tillich do Brasil e pesquisador na área de Psicologia e Fenomenologia



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA



“FENOMENOLOGIA, CORPO E EXISTÊNCIA EM MERLEAU-PONTY: EM BUSCA DE SENTIDOS FORMATIVOS”

Adão José Peixoto*

O artigo é uma reflexão sobre o sentido do corpo e da existência e sua dimensão formativa. Tomamos como referencial teórico as contribuições da fenomenologia da percepção na perspectiva apresentada por Merleau-Ponty. Neste sentido, procura pensar o corpo enquanto totalidade dialética da existência humana, visando superar as concepções que dicotomizam a relação corpo-consciência.

Palavras-chave: Merleau-Ponty; Filosofia; Corpo; Existência.

*Mestre em Filosofia (PUCCAMP), doutor em Educação (USP), professor da Faculdade de Educação da UFG, nos cursos de Graduação (Pedagogia) e Pós-Graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) em Educação

“FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA ESTUDOS DA EXPERIÊNCIA CONSCIENTE DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA”

Adelma Pimentel*

Paolo Agostinho L. de S. Miindello**

Este trabalho visa explorar as possíveis relações entre experiência consciente e violência psicológica e suas repercussões no auto-conceito de homens e de mulheres em um contexto familiar. Sua prática abre a possibilidade para a morte existencial, lenta e cotidiana das famílias e da sociabilidade pública. Na lógica interna da violência psicológica estão à irracionalidade, pensamentos desprovidos de autocrítica, crítica social e de compreensão de campo, em consequência, não transluz a consciência da existência do outro ou de si mesmo. Ato violento faz surgir uma consciência da finitude dos valores éticos; interrompendo a perspectiva de um continuum do bem-comum. O procedimento interpretativo e metodológico para abordagem do assunto se deu por meio de pesquisa bibliográfica. Foi desenhado um quadro teórico para compor a estrutura que dará sustentação a análise conceitual posterior da pesquisa. A estrutura do artigo é constituída por duas seções: a) exposição de alguns modos que a consciência é pensada por várias ciências e particularmente pelas teses gestálticas; apresentação do pensamento de alguns autores sobre violência que ocorre nas famílias, especialmente a psicológica; b) considerações finais. Esta pesquisa se justifica por consideramos que além das dificuldades teóricas, as neurociências, a psicologia cognitiva, a análise do comportamento e a psiquiatria não têm ferramentas metodológicas para responder precisamente o que é a consciência. Assim, nos afastamos da querela metodológica e elegemos as reflexões gestálticas e algumas da fenomenologia existencial heideggeriana.

Palavras-chave: Experiência consciente; Violência psicológica; Autoconceito; Contexto familiar.

*,PHD em psicologia e psicopatologia do desenvolvimento, Évora/PT. Líder do NUFEN/CNPQ. Orientadora;

** Iniciação científica. Orientando, curso de Psicologia na Universidade Federal do Pará

“INTERVENÇÃO PRECOCE EM PSICOSES”

Ileno Izidio da Costa*

Com base no paradigma internacional da Intervenção Precoce nas Psicoses, o presente curso pretende apresentar os fundamentos desta abordagem embasados nas pesquisas e experiências clínicas pioneiras do Grupo de Intervenção Precoce nas Primeiras Crises do Tipo Psicótico (GIPSI) da Universidade de Brasília. Intervir precocemente implica devotar, tão logo se reconheçam os sinais e/ou sintomas psicóticos, um tratamento cuja amplitude, intensidade e especificidade sejam individualizadas, com vistas a evitar a deterioração biológica, social e psicológica nos primeiros anos que se seguem ao início da psicopatologia”. Para o GIPSI, intervenção precoce significa “ações terapêuticas (medicamentosas, psicológicas, relacionais) imediatas, em primeiras crises de sofrimento psíquico grave, utilizadas o mais cedo possível, com o objetivo de diminuir os efeitos deletérios de tais processos, particularmente nos casos em que se detectam sinais ou sintomas de altos níveis de angústia, sejam eles de estrutura neurótica ou psicótica”. Desta feita, o objetivo principal deste curso é inserir o participante no universo dos questionamentos, pesquisas e experiências clínicas do acompanhamento de pessoas em primeiras crises psíquicas graves com o objetivo de propiciar aos participantes conceitos, experiências e críticas fundamentais sobre o sofrimento psíquico grave humano (as assim chamadas “psicoses” e transtornos correlatos), a intervenção em crises psíquicas, os benefícios e as conseqüências da intervenção precoces, a promoção da saúde mental e, finalmente, as ações a serem desenvolvidas em termos de uma política de saúde mental, dentro da Reforma Psiquiátrica Brasileira.

Palavras-chave: Sofrimento psíquico grave; Intervenção precoce; Psicoses; Saúde mental; Crise psíquica grave.

*Psicólogo Clínico, Mestrados em Psicologia Social e da Personalidade (UnB) e em Filosofia e Ética da Saúde Mental (Inglaterra), Doutor em Psicologia Clínica (UnB/Warwick/Inglaterra), Professor Adjunto do Departamento de Psicologia Clínica, Ex-Coordenador do Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos (CAEP) e atual Coordenador do Grupo de Intervenção Precoce nas Psicoses (GIPSI). Vice-Diretor do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Presidente da Associação de Saúde Mental do Cerrado – ASCER. ileno@unb.br

“MODELO EPISTEMOLÓGICO DE CONSTITUIÇÃO DO CONHECIMENTO: CONCEITO DE MUNDO E DE PESSOA EM GESTALT-TERAPIA”

Jorge Ponciano Ribeiro*

O autor trabalha com o método fenomenológico de construção teórica de saberes através da experiencição do conceito de epistemologia não como um construto, mas como um conjunto de conhecimento visando constituir um saber, no caso, o Conceito de Pessoa e Mundo em Gestalt-terapia. O autor define Mundo e Pessoa a partir de sua própria observação e perspectiva. Em seguida, percorre as seis teorias que, na tradição gestáltica, lhe dão sustentação, as chamadas teorias e filosofias de base. Apresenta citações básicas de autores reconhecidos, através das quais se cria um campo teórico de definições de Psicologia da Gestalt, Teoria do Campo, Teoria Organísmica Holística, Humanismo, Fenomenologia e Existencialismo. O autor abandona minúcias e querelas acadêmicas a respeito de cada uma destas teorias, apresentando seu cerne essencial, aquilo que as define, dentro de uma visão restrita do que existencialmente cada uma delas representa. Ele explicita as diversas teorias em sua dimensão teórica, as sistematiza em função de seu objetivo que é a constituição dos conceitos de mundo e de pessoa, esclarece vínculos entre elas e com a concepção de Gestalt-terapia e conclui avaliando seu resultado. A essência da existência explicitada percorreu a regra básica da fenomenologia: descrever a realidade contida em cada teoria. O objetivo teórico deste trabalho é responder às críticas formuladas à Gestalt-terapia por, em não tendo uma teoria da personalidade, se ter constituído como um modelo de psicoterapia. O texto é uma pesquisa teórica fenomenológica cujo resultado é uma redução fenomenológica expressa e explicitada como Conceito de Mundo e de Pessoa, trazendo no seu bojo uma teoria do sujeito, e/ou da pessoa, em uma perspectiva gestáltica, o que lhe permite, epistemologicamente, se adentrar no mundo clínico da psicoterapia, tendo seu eixo teórico-prático consolidado por uma visão fenomenológica do processo gestáltico, tanto como uma psicoterapia, no sentido clássico, como um método em psicoterapia.

Palavras-chave: Conceito de Mundo e de Pessoa; Epistemologia; Fenomenologia.

*graduado em Filosofia e em Teologia. Psicólogo Clínico, Mestre e Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma. Professor Titular Emérito da Universidade de Brasília (UnB). Fundador e Presidente do Instituto de Gestalt Terapia de Brasília. Email: jorgeponcianoribeiro@yahoo.com.br

“O CUIDADO COMO AMOR: A PROPÓSITO DO SENTIDO DA ANALÍTICA EXISTENCIAL EM HEIDEGGER”

Marcos Aurélio Fernandes*

Nos Seminários de Zollikon, Heidegger se defende de uma crítica de Binswanger, segundo a qual a analítica existencial de Ser e Tempo teria ficado incompleta, por considerar apenas o cuidado (Sorge), entendido como preocupação aflitiva, deixando de considerar o amor. Neste pronunciamento, de relance, Heidegger abre uma brecha hermenêutica decisiva para se interpretar toda a analítica existencial em seu sentido ontológico: “compreendida corretamente, o cuidado (Sorge) não pode ser diferenciado do amor, pois é nome da constituição extático-temporal do traço fundamental da presença (Dasein) enquanto compreensão do ser (Seinsverständnis)”. A presente comunicação pretende se deter sobre este pronunciamento de Heidegger. Emergem, de imediato, algumas perguntas: que sentido este pronunciamento tem enquanto uma resposta às acusações de omissão da analítica existencial em relação aos discursos sobre o amor? Qual a compreensão “correta” do cuidado (Sorge) no contexto da analítica existencial de Ser e Tempo? Como se pode dizer que cuidado (Sorge) e amor se identificam? Como entender cuidado-amor no horizonte da constituição extático-temporal da presença (Dasein)? O que cuidado-amor tem a ver com compreensão do ser (Seinsverständnis)? A comunicação cuidará de tratar destas questões, investigando que possibilidades novas de interpretação se abrem, a partir deste pronunciamento, na compreensão do cuidado-amor. Como, porém, toda compreensão é um poder-ser, a busca de novas possibilidades de interpretação e de compreensão, se tornam também busca de novas possibilidades de ser, ou seja, de agir e sofrer, de se relacionar e de conviver, enfim, de viver e morrer.

Palavras-chave: Cuidado; Amor; Existência; Compreensão do Ser.

*Universidade Católica de Brasília



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA



“O CUIDADO DE SI COMO CUIDADO DO OUTRO: ÉTICA E FINITUDE EM SER E TEMPO”

André Duarte*

A presente investigação busca ressaltar a contribuição heideggeriana para a questão da alteridade, contrapondo-se às interpretações que enfatizam o “solipsismo existencial” do Dasein resoluto como o sintoma de que Heidegger teria desconsiderado o problema ético da relação com o outro em sua analítica existencial. Para tanto, discute-se o movimento argumentativo pelo qual Heidegger, partindo da análise do encontro do outro na cotidianidade mediana, chega até o problema do reconhecimento da alteridade que todo Dasein já traz em si mesmo. Segundo a interpretação aqui proposta, a chave para uma possível leitura ética da analítica existencial se encontra na articulação entre as análises fenomenológicas da angústia e do chamado da consciência, pois é justamente nelas que se revela o estranho apelo silencioso de uma alteridade que já habita cada um. Tais análises devem ser pensadas como a condição ontológica do reconhecimento de si e do outro enquanto singularidade própria, isto é, como alteridade.

Palavras-chave: Heidegger; Ser e Tempo; Ética; Cuidado; Finitude.

*Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPQ. Email: andremacedoduarte@yahoo.com.br

“O INCONSCIENTE COMO EXPERIÊNCIA”

Carlos Augusto Serbena*

O pensamento fenomenológico considera a noção de inconsciente como problemática ou um equivoco pois ela ou nega a consciência do homem ou tende a considerar a consciência como um subproduto, uma estrutura e não um atributo constitutivo do ser humano. Entretanto, a palavra “inconsciente” está no cotidiano das pessoas, sendo utilizada para explicar várias situações corriqueiras, incorporada no senso comum e na cultura. Assim, de alguma forma, apesar das críticas teóricas e epistemológicas a palavra ou noção de “inconsciente” apresenta-se significativa para a vivência humana, apesar da dificuldade em defini-lo e da diversidade de definições. Para realizar uma leitura fenomenológica do inconsciente é necessário primeiro retirar o caráter substancial do inconsciente e colocá-lo em relação à consciência ou um sujeito, pois o inconsciente é sempre inconsciente para um sujeito, não é um inconsciente genérico. Assim, este termo pode ser remetido a uma certa modalidade de relação do sujeito consigo mesmo, isto é a uma vivência extremamente significativa e fundamental, uma experiência. Isto é, a algo que acontece ao sujeito, do qual ele padece e pode estar disposto ou aberto a ela. Ele é visto não como estrutura, mas como qualidade do fenômeno psíquico, conforme descreve a Psicologia Analítica. Desta forma ele torna-se um termo descritivo que denota uma característica descritiva particular da vivência e as suas características podem ser vistas na diferentes abordagens teóricas, recuperando, deste modo, uma vivência humana.

Palavras-chave: fenomenologia, inconsciente, experiência, psicologia analítica.

*Professor do Departamento de Psicologia da UFPR, Mestre em Psicologia e Sociedade (UFSC), Doutor em Ciências Humanas (UFSC), email: caserbena@yahoo.com



“O MÉTODO FENOMENOLÓGICO EM PSICOLOGIA, UMA LEITURA DE NILTON CAMPOS”

Adriano Furtado Holanda*

O trabalho se encaixa na perspectiva da História da Psicologia, num projeto maior que se propõe a construir a história da fenomenologia no Brasil. O nome de Nilton Campos é o responsável pela primeira publicação que relaciona diretamente Fenomenologia ao campo da Psicologia em nosso país. O trabalho procura igualmente lançar luzes sobre as possíveis razões que justificariam o desenvolvimento tardio do pensamento fenomenológico no Brasil, especialmente em relação à psicologia e à filosofia. Partindo da leitura de sua tese de concurso, de 1945, e intitulada O Método Fenomenológico na Psicologia, o trabalho procura isolar as influências e os autores envolvidos no desenvolvimento de seu trabalho, buscando esclarecer os primeiros caminhos da psicologia fenomenológica no país. O trabalho de Nilton Campos está dividido em quatro capítulos: 1) Os Fundamentos da atitude fenomenológica; 2) A investigação fenomenológica descritiva em psicologia; 3) A Legitimidade do método introspectivo; e, 4) As modalidades da natureza intencional da consciência e a distinção entre função e conteúdo. São apontadas as relações com o pensamento de Brentano e da Escola de Berlim, e finaliza por apontar a contemporaneidade do trabalho de Nilton Campos, seu lugar no contexto da história da psicologia brasileira, bem como seu legado em autores mais recentes, como Antonio Gomes Penna

Palavras-chave: Fenomenologia; Psicologia; História da Psicologia.

*Doutor em Psicologia (PUC-Campinas), Professor adjunto do Departamento de Psicologia da UFPR

“O PENSAMENTO DE CARL ROGERS E A CONSTRUÇÃO DA PSICOLOGIA HUMANISTA NO BRASIL”

Irmão Henrique Justo*

Carl Rogers enfatiza alguns conceitos da Fenomenologia, por a “epoché”, identificada por ele com a escuta empática de como o cliente “percebe a coisa em si”, e com um estar atento à “intencionalidade” deste. Esses três conceitos, entre outros, provocaram uma verdadeira “reviravolta copernicana” no campo da psicoterapia e em outras áreas. Minha experiência se deu com “rogerianos” em Paris (1966-1967), com Rogers e sua equipe em La Jolla, Califórnia (1976) e mais, em Arcozelo, Rio de Janeiro (1977), onde foram três semanas intensivas: na primeira, quinze brasileiros, com algum conhecimento ou vivência na Abordagem Centrada na Pessoa e cinco da e da ACP, e 5 da equipe americana: Carl Rogers, Maria Constança, baiana, casada com Jack Bowen, Maureen Miller e John Wood. Coube-nos a tarefa de entrosar-nos e preparar o ambiente físico e psicológico para os cem ou mais que viriam para as duas semanas seguintes. Grupo pela manhã e à tarde. Primeira verificação: ambiente físico precário da fazenda: substituição de colchões, de camas quebradas, etc. Em vez de cadeiras ou poltronas: almofadões preparados pela equipe. Desde o advento do Governo Militar, esteve o local praticamente abandonado. Teatro romano debaixo de árvores copadas, piscina... Programação? Muitas idéias, sugestões, divergências, reformulações... Queria-se um programa para o encontro. Rogers simpaticamente compreensivo. No final: nenhuma programação: “Vamos escutar os que vêm.” Parece que Rogers tinha certeza desse desfecho de tanta troca de planificação. Após a janta, os recém-chegados delinearão programa provisório: pela manhã, ‘grupão’ no teatro romano; à tarde, grupos menores, com os co-facilitadores brasileiros que haviam passado uma semana com a equipe dos USA. As avaliações foram as mais animadoras, manifestando quanto cresceram como pessoas, no grupão, nos grupinhos e, à tardinha, nos grupos de interesse: de teatro, dos homens, das mulheres, etc., e o maravilhoso de se haverem auto-organizado e auto-gerido. Os centros da ACP já existentes no Brasil receberam novo impulso e nasceram outros.

Palavras-chave: Encontro; Vivências; Auto-organização; crescimento.

*Dr. em Pedagogia e Livre-docente em Psicologia. Ex-professor e diretor na PUCRS. Autor de vários livros, entre eles: “Cresça e Faça Crescer: Lições de Carl R. Rogers”, 7ª ed. (Sales Editora), “Abordagem Centrada na Pessoa: Consensos e Dissensos (Vetor) e “Ensino-Aprendizagem Centrado no Aluno” (Unilasalle, Canoas, RS)

“O SER BRUTO NA ONTOLOGIA DE MERLEAU-PONTY: ELEMENTOS PARA PENSAR A SITUAÇÃO TERAPÊUTICA”

Mônica Botelho Alvim*

Neste trabalho discutimos a clínica da gestalt-terapia como um campo de experiência, buscando ampliar a compreensão da situação psicoterápica pelo diálogo com Merleau-Ponty. Nosso ponto central é a experiência no mundo com o outro e o lugar dessa experiência no processo de significação da existência. A gestalt-terapia introduziu, no âmbito da psicologia, um pensamento que ressignificava as relações pessoa-mundo. Transitou de um paradigma intrapsíquico para outro organísmico, definindo a psicologia como o estudo da operação da fronteira de contato no campo organismo-ambiente. A fronteira não é lugar, mas campo de presença, vivido temporalmente, corporalmente, quando nos deparamos com o novo, diferente ou estranho, que buscamos significar a partir da criação. A psicoterapia busca concentrar-se na situação, na estrutura da experiência aqui e agora, estrutura desprovida de centro, âmbito de uma espontaneidade criadora de sentido, da recriação de formas, da ressignificação da história a partir da temporalidade. Em seus últimos escritos Merleau-Ponty foca na noção de carne e pensa “a experiência já não como acoplamento, mas, ao inverso, como fissão (...) sobre o fundo de unidade da carne” (Dupont, 2010, p.15). A carne “é uma noção última que não é união ou composição de duas substâncias, mas pensável de per si e mostra uma relação do visível consigo mesmo que me atravessa e me transforma em vidente” (Merleau-Ponty, 2000, p.137). Conclui que esse movimento pode animar igualmente outros corpos, aludindo a uma possibilidade de reversibilidade entre um eu e o outro semelhante, uma sinergia entre diferentes organismos, uma intercorporeidade, instalando um outro em minha paisagem. O outro se insere na junção do mundo e de nós mesmos, ele é um eu generalizado. É assim que minha relação corporal com o mundo pode ser generalizada – e podemos falar de uma intercorporeidade. O ser bruto envolve uma totalidade que abarca a diferença, unidade na diferença, quiasma vidente-visível, sensível- sentiente, eu-outro. Nessa perspectiva encontramos o outro não no espaço objetivo, da reflexão, mas no meio obscuro e bruto no qual a percepção irrefletida se move à vontade: em nosso corpo, no campo, na expressão de um ser selvagem criador. E é esse o espaço da psicoterapia.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; Merleau-Ponty; Intercorporeidade; Ser Bruto; carne.

*Psicóloga, Mestre em Psicologia Social e do Trabalho e Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de Brasília (UnB). Professora Adjunta na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, mbalvim@gmail.com.



“PENSANDO O SUICÍDIO SOB A ÓTICA FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES”

Elza Dutra*

Este trabalho tem como objetivo desenvolver algumas reflexões sobre o suicídio a partir da perspectiva fenomenológica-hermenêutica. As noções heideggerianas de ser-aí, ser-no-mundo, angústia e ser-para-morte nortearão as reflexões aqui iniciadas. Para isso utilizamos as narrativas de seis adolescentes que tentaram suicídio, apresentadas em nossa pesquisa de doutorado. Pretende-se, a partir da experiência desses jovens, alcançar uma compreensão mais profunda do suicídio, uma vez que as considerações terão como horizonte a concretude da experiência vivida. Entendendo o ser-aí, o Dasein, como um ser de abertura e, portanto, de possibilidades, a morte se apresenta como a última possibilidade existencial. Na realidade, a morte representa a possibilidade mais concreta com a qual o homem pode contar, como propõe Heidegger. A morte afirma a finitude da vida e da existência. Sobretudo, representa a única certeza para o ser humano. Nesse sentido, interrogamos se o suicídio poderia ser pensado como a falta de sentido de si mesmo e um modo impessoal de se lidar com a angústia, eliminando-a. Significaria o desespero por não suportar a finitude da existência? Os questionamentos representam um esforço no sentido de pensar o suicídio a partir de um olhar que contemple a dimensão existencial que caracteriza o Dasein em sua busca de sentido como ser-no-mundo. Esperamos, assim, contribuir para a construção de um olhar desprovido de rótulos e categorizações, como histórica e cientificamente o suicídio tem sido abordado.

Palavras-chave: Suicídio; Fenomenologia Hermenêutica; Ser-para-morte; Heidegger e suicídio.

*Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN - Natal, RN, Brasil



“POR UMA CARTOGRAFIA DO NÃO-SABER: CONSIDERAÇÕES SOBRE UM MODELO DE PESQUISA FENOMENOLÓGICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS”

Josemar de Campos Maciel*

A pesquisa fenomenológica depois de um bom século de aventuras no reino do imortal Descartes, parece ter aprendido a sobreviver, mas ao preço de desenvolver, ela mesma, suas ramificações e disputas de poder-saber. A reflexão apresentada parte de algumas inspirações iniciais da pesquisa heurística de Clark Moustakas, refletindo acerca do conceito de retorno à coisa mesma tentando dialogar, enfim, com a radical noção de rasura na escrita do real. Com isso se postula, ou se interroga se, e até que ponto, no espectro grandioso do esforço reticulado mediante o qual a espécie humana tenta deslindar o que resta de natureza, a inspiração mais rica da pesquisa fenomenológica, enquanto tal, não seja afinal de contas a tarefa de criar uma zona de silêncio, escuta, respeito, uma cartografia do não-saber.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa; Epistemologia; Método; Rasura.

*Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS. Mestrado em Desenvolvimento Local

“QUANTO BASTA PARA SER EXISTENCIALMENTE NORMAL ?”

Yolanda Cintrão Forghieri*

Muito tem sido escrito e debatido a respeito da psicopatologia e anormalidade existencial . No campo da Fenomenologia é famosa a “ Psicopatologia Geral “ de Jaspers e merece menção “ Três formas de Existência Malograda “ de Binswanger e “O Tempo Vivido “ de Minkowski , entre outros .Entretanto , a respeito da saúde , ou normalidade existencial encontramos poucas publicações . Entre estas há uma longa obra de Binswanger , escrita em alemão “ Grundformen und Menschlichen Daseins “ .Fundamentando-me neste psiquiatra e psicólogo , no filósofo fenomenólogo das relações inter pessoais Buber , e em minha própria vivência como aconselhadora terapêutica, durante mais de meio século , apresento a seguir minhas idéias sobre o assunto . Pois , como afirma Merleau – Ponty , para compreender a Fenomenologia não basta estudá-la , é preciso vivê-la . Penso que , num sentido amplo , ser existencialmente normal é ser feliz . É ser livre para reconhecer suas amplas possibilidades e seus limites para fazer escolhas , e conseguir concretizá-las no decorrer de sua existência , conseguindo sintonizar-se em ser-no-mundo , que abrange a natureza e os seus semelhantes.Entretanto , não conseguimos ser permanentemente felizes , pois os paradoxos , conflitos , frustrações e adversidades quando intensos , podem nos abalar profundamente . Isto acontece quando tais vivências ameaçam ultrapassar nossos limites para suportá-las . A morte de uma pessoa muito querida , ou o seu adoecimento terminal , o rompimento de uma relação amorosa profunda , um assassinato , um assalto , um abalo sísmico ... são alguns poucos exemplos de tais vivências . Nessas ocasiões podemos ficar abalados , confusos , aflitos ou deprimidos , sem compreender o que está acontecendo e conseqüentemente sem saber como agir ; durante alguns momentos rápidos ou prolongados . De certo modo adentramos na anormalidade existencial . Porém , se já havíamos , anteriormente , conseguido ser felizes , acabamos conseguindo transcender as adversidades , recuperando o nosso bem-estar , a nossa felicidade . A esperança de alcançá-los novamente nos anima a lutar e a conseguir recuperar nossa normalidade . Tal situação costuma repetir-se no decorrer de nossa existência e é apenas assim que conseguimos ser existencialmente normais .Entretanto , quando nos afundamos prolongadamente em nossos sofrimentos , como se tivéssemos caído numa fossa , da qual não conseguimos subir , estaremos precisando da ajuda de alguém , para nos dar a mão e nos salvar , trazendo-nos novamente para o decorrer normal de nossa existência .

Palavras-chave: Anormalidade Existencial; Bem-estar; Recuperação Existencial.

*Professora Titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; e-mail: yolandaforghieri@uol.com.br

“RECORDAR ENTRE FENOMENOLOGIA E HETEROFENOMENOLOGIA”

Gustavo Gauer*

A memória humana envolve conhecimento tácito ou explícito, adquirido no passado e desempenhado, evocado ou reconstruído no presente. Esse esquema se aplica desde a habilidade manual de amarrar os sapatos e o conhecimento das regras de trânsito, até a lembrança do que se comeu no almoço anteontem. Outrossim, a recordação de eventos pessoalmente experienciados distingue-se das demais manifestações da memória pela experiência presente de recordar. Conceituada em primeira mão por E. Tulving, a memória episódica é um sistema neurocognitivo teoricamente definido e empiricamente dissociado de outras modalidades de memória de longo prazo tanto pelo tipo de informação que veicula (eventos, em contraste com fatos ou habilidades), quanto pelas qualidades fenomenais da experiência que acompanha as suas funções: a consciência autoonética. Ela é caracterizada como estado consciente de recordação pela presença de quatro qualidades: senso de estar revivendo o evento original; senso de viajar no tempo de volta ao momento em que o evento ocorreu; crença em que o evento realmente aconteceu da forma como está sendo lembrado; e um julgamento de efetivamente lembrar do evento ao invés de apenas saber dele. Desta forma, estudos empíricos da memória episódica deparam-se com o desafio de criar situações de investigação em que sujeitos possam fornecer evidência de qualidades fenomenais dos seus próprios estados subjetivos. Nesta comunicação serão consideradas as quatro “qualidades fenomenais” da consciência autoonética, detalhadas nas descrições de Tulving. O objetivo é refletir sobre qual teoria da consciência informa o modelo de memória episódica, e avaliar a compatibilidade das suas respectivas proposições com uma análise fenomenológica. O argumento leva em conta que, no modelo, a fenomenologia “acompanha”, mas não “constitui” a memória episódica. O modelo de consciência autoonética de Tulving parece implicar uma abordagem heterofenomenológica, compatível com um modelo de consciência subsumido a uma teoria representacional da mente. Embora a instância intencional seja reconhecida como critério de interpretação da evidência, a evidência em si não é analisada em termos de uma intencionalidade constitutiva. Ainda assim, entende-se que os elementos da memória episódica forneçam aportes importantes para uma fenomenologia do recordar, e que o inverso também é verdadeiro.

Palavras-chave: Memória Episódica; Fenomenologia; Heterofenomenologia.

*Psicólogo, Professor do Instituto de Psicologia e colaborador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

“SARTRE E A PSICOLOGIA CLÍNICA”

Daniela Schneider*

O campo da psicologia clínica vem, historicamente, enfrentando dilemas epistemológicos no seu âmago, tais como, a multiplicidade de tendências que a fundamentam, que acarretam na indefinição de seu objeto, além da já questionada herança da perspectiva liberal e do modelo médico, entre outros aspectos, que acabam por questionar sua dimensão prática. Sartre foi um autor que discutiu aspectos fundantes da disciplina psicológica, bem como de seu domínio clínico, propondo concepções inovadoras, em moldes totalmente diversos dos existentes até a metade do século XX, visando superar impasses presentes nas formulações da psicanálise freudiana e da psicologia empírica, comportamental, utilizando-se da base fenomenológica. A formulação desta clínica deve considerar o conjunto da obra de Sartre, sustentando-se tanto nos aspectos teóricos por ele propostos em termos de uma nova ontologia, de uma psicologia existencialista da personalidade, de uma teoria do imaginário e das emoções, da noção de mediação dos grupos na constituição do sujeito humano, quanto nos aspectos metodológicos, propostos em sua “Psicanálise Existencial” e em seu “Questão de Método”. Utilizando o recurso de elaborar biografias de escritores conhecidos, Sartre demonstrou ser possível atingir o conhecimento objetivo do ser do sujeito estudado, primeiro passo necessário para uma intervenção clínica segura. A tarefa da clínica, em uma perspectiva existencialista, é colocar o ser da pessoa em suas próprias mãos, na medida em que possibilita ao paciente converter-se em sujeito de sua própria história, para assim adquirir condições de tornar-se um sujeito social, ciente de também ser atuante na história social. Esse deve ser o caminho da clínica: viabilizar o homem enquanto sujeito integral.

Palavras-chave: Psicologia Clínica; Jean-Paul Sartre; Psicologia Existencialista; Fenomenologia.

*Psicóloga, Mestre em Educação, Doutora em Psicologia Clínica, Professora da Graduação e Pós-Graduação em Psicologia da UFSC; danischneiderpsi@uol.com.br



“SOBRE A FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY”

Leandro Neves Cardim*

Trata-se de apresentar o projeto filosófico de Merleau-Ponty como realização de seu método indireto. Para esta filosofia só podemos ter acesso ao ser através dos entes. A crítica dos prejuízos advindos da ciência e da filosofia tradicionais torna-se, então, condição prévia para tomarmos contato com o circuito inicial que liga o corpo, o mundo e as outras pessoas. É neste domínio da experiência originária da percepção que encontramos o mundo vivido. Lançando mão dos trabalhos da ciência de seu tempo como a psicologia da forma, Merleau-Ponty inverte o movimento espontâneo da consciência e reencontra o vasto campo da vida intencional. Tematizar a ambigüidade constitutiva da percepção, isto é, revelar na experiência sua inscrição natural e sua intenção racional, nos leva, assim, a matizar os fenômenos aquém da alternativa tradicional entre consciência e coisa. O benefício suplementar desta operação consiste em reconhecer os direitos relativos e os limites do mundo e do saber objetivo. Ele não é o único, nem o mais interessante, mas tem, ele também, o seu lugar no conjunto da experiência. Resta que a característica temporal da vida intencional fornece, precisamente, o parâmetro para se compreender os horizontes da correlação entre o sujeito da percepção e o sentido existencial presente no mundo percebido. O objetivo fundamental desta apresentação é explicitar o modo como o filósofo lança mão dos trabalhos da ciência para pôr em relevo um campo no interior do qual o existente toma contato com o ser natural e cultural de modo indireto.

Palavras-chave: Merleau-Ponty; Percepção; Fenomenologia; Ontologia.

*Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná – Inc@ufpr.br

“UMA ANÁLISE EXISTENCIALISTA PARA UM CASO CLÍNICO DE TRANSTORNO OBSESSIVO COMPULSIVO”

Sylvia Mara Pires Freitas*

Através deste trabalho buscaremos ampliar a compreensão do Transtorno Obsessivo Compulsivo (Toc) pelo viés da psicoterapia sartriana. Sendo histórico, dialético e social, o homem sartriano deve ser compreendido em toda trama de sua existência. O momento presente de suas escolhas e ações representa o passado construído e o futuro projetado, refletindo a maneira de lidar com as contradições entre o que foi e o que pode ser. É neste contexto que a relação terapeuta-cliente é desenhada. Nosso caso refere-se a uma cliente na faixa etária dos 30 anos, casada, nível superior e sem filhos. Os pensamentos obsessivos acerca de contaminações, as dúvidas repetitivas, bem como os comportamentos compulsivos que acompanham as ideias obsessivas são percebidos tais como descritos no DMS IV. No entanto, ao compreender a história da cliente, suas mediações sociais e seu projeto futuro, vislumbramos o cenário de uma existência construída frente ao paradoxo do projeto de perfeição que à ela foi imposto e o ser reconhecida como um fracasso desse projeto. Na luta (de maneira equivocada) pelo exercício de sua liberdade, buscou no modelo criado pelos pais o contraponto para suas ações, o que não lhe permitiu transcendê-lo, mas depender desse, ratificando para si a imagem de uma pessoa “que só faz coisas erradas” (sic). A obsessão por pensamentos de que pode destruir e contaminar coisas e pessoas, e a compulsão por limpeza, por questionamentos sobre se fez algo errado, nos mostram uma existência alienada no modelo familiar do binômio perfeição/imperfeição. Mesmo conseguindo criticar este modelo, não consegue ainda, transcendê-lo. Para tal, precisará tornar-se autônoma para escrever sua própria história, saindo do mundo infantil dependente, ao contrapor-se a história que criaram para ela. A psicoterapia então, engendra no caminho de ajudar a cliente a conscientizar-se sobre os fundamentos de seus pensamentos e ações e, assim favorecer a reflexão sobre os fatores que constituem a contradição do seu Ser. Sendo sujeito de sua própria história, acreditamos que possibilitará a diminuição da ansiedade uma vez que os limites e possibilidades de Ser serão reconhecidos e escolhidos pela própria cliente.

Palavras-chave: Psicoterapia existencialista; Transtorno Obsessivo Compulsivo; Projeto de Ser.

*Graduada em Psicologia. Mestre em Psicologia Social e da Personalidade (PUC/RS). Especialista em Psicologia do Trabalho (CEUCEL/RJ). Formação em Psicologia Clínica na abordagem existencial (NPV/RJ). Docente dos cursos de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR) e da Universidade Paranaense (UNIPAR/PR). Co-coordenadora e docente da Especialização em Psicologia Fenomenológico-existencial (UNIPAR/PR). Email: sylviamara@gmail.com



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA



RESUMO DOS TRABALHOS APRESENTADOS

“A (POUCO CONHECIDA) CONTRIBUIÇÃO DE BRENTANO PARA AS PSICOTERAPIAS HUMANISTAS”

Georges Daniel Janja Bloc Boris - UNIFOR*

Este texto se propõe a discutir, entre aqueles vinculados à fenomenologia, o estranho fato de que, ao contrário do que ocorre em relação a Husserl, Heidegger, Sartre ou Merleau-Ponty, poucos parecem reconhecer a importante contribuição de Franz Brentano para as psicoterapias humanistas. Embora não fosse psicólogo, Brentano se dedicou à psicologia e, como precursor da fenomenologia, foi um desbravador de questões fundamentais que, atualmente, perpassam as bases epistemológicas e filosóficas das abordagens fenomenológicas e humanistas em psicoterapia. Assim, o texto aborda sua teoria da intencionalidade, a psicologia do ato e a filosofia do presente como contribuições significativas à prática das psicoterapias humanistas.

Palavras-chave: Fenomenologia; Brentano; Psicoterapias Humanistas; Psicologia.

*Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Coordenador do Laboratório de Psicopatologia e Psicoterapia Humanista-Fenomenológica Crítica – APHETO. E-mail: geoboris@uol.com.br

“A ARTICULAÇÃO ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE EM UM PROJETO DE LITERATURA: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO”

Suzana Filizola Brasiliense Carneiro (PUC-SP)
Heloisa Szymanski*

O objetivo deste trabalho foi compreender o fenômeno da articulação entre escola e comunidade a partir de oficinas de literatura marginal oferecidas por jovens da comunidade a uma EMEF da periferia de São Paulo. Para tanto, utilizou-se a visão de comunidade de Edith Stein. Trata-se de um estudo em Psicologia da Educação de abordagem fenomenológica. Inseriu-se em uma pesquisa mais ampla que acompanhou a construção de ações articuladas entre diferentes contextos educativos, visando implantar uma proposta de educação em tempo integral. A situação de pesquisa constituiu-se na observação das oficinas, em encontros com gestores da escola e numa entrevista reflexiva com os alunos participantes. A compreensão do fenômeno foi feita segundo a análise compreensiva. A articulação mostrou-se como possibilidade de formação de vivências comunitárias, compreendidas por Edith Stein como unidades de vida que se formam em torno de núcleos de sentido comum. A equipe gestora da escola e o educador das oficinas compartilharam uma vivência comunitária cujo núcleo de sentido foi a busca pela transformação social através do conhecimento; e a compreensão da articulação como caminho para isto. As oficinas também se configuraram como uma vivência comunitária, cujo sentido compartilhado foi a produção literária. O fenômeno da articulação mostrou-se também como possibilidade educativa. Os alunos passaram a se ver como parte da comunidade e a ter um olhar positivo sobre a periferia. Aproximaram-se da literatura e produziram poemas. O responsável pelas oficinas, por sua vez, “se descobriu” educador. Estas mudanças repercutiram nas suas comunidades de origem, enriquecendo EMEF e comunidade.

Palavras-chave: Articulação escola e comunidade; Edith Stein; Fenomenologia e educação.

*Suzana Filizola Brasiliense Carneiro Mestranda do programa de Educação: Psicologia da Educação - PUC-SP sf.carneiro@uol.com.br Heloisa Szymanski Professora do Programa de Educação: Psicologia da Educação - PUC-SP hszymanski@uol.com.br

“A CHEGADA NA ESCOLA: ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE O OLHAR DOS PAIS, CRIANÇAS E EDUCADORES”

Luciana Szymanski (PUC-SP)*
Carolina Grandó (PUC-SP)**
Elaine Freire (PUC-SP)**
Marcos Souza Junior (PUC-SP)**
Fabiana Villas (PUC-SP)**

Pretende-se, neste trabalho, apresentar o andamento de uma pesquisa que se debruça sobre o processo de transição do ensino infantil para o ensino fundamental no olhar das crianças, pais e educadores de um determinado contexto. O projeto mais amplo pergunta “como se dá a transição do ensino infantil para o fundamental em uma localidade específica da Brasilândia, na zona periférica da cidade de São Paulo”. De modo mais específico, trata-se do estudo e análise do sentido que diferentes segmentos da população – pais, crianças e educadores - dão a esse processo de transição. A pesquisa inscreve-se na abordagem fenomenológica e fundamenta-se nos desdobramentos do método sistematizado inicialmente por Edmund Husserl e desenvolvido por outros autores ao longo da história da filosofia e psicologia; um dos seus focos é a noção de sentido desenvolvida por Martin Heidegger em sua obra Ser e Tempo. O procedimento metodológico, em afinação com o pensamento fenomenológico, é o da entrevista reflexiva, instrumento próprio para pesquisas circunscritas na abordagem fenomenológica. Obtivemos, com tal instrumento, uma revelação da experiência original e pessoal dos participantes, o que nos permitiu uma aproximação do fenômeno do aprendizado na sua dimensão existencial.

Palavras-chave: Fenomenologia; Sentido; Educação infantil; Educação fundamental.

*Luciana Szymanski - lucianaszymanski@gmail.com Docente da graduação de psicologia PUC-SP, coordenadora de estágios em comunidades e psicoterapeuta. **Acadêmicos da PUC-SP

“A CONSTRUÇÃO DE UMA RELAÇÃO TERAPÊUTICA A PARTIR DO ENCONTRO INTER-HUMANO”

Thiago Carvalho Freitas (UFC)*

A produção filosófica de Martin Buber e a sua dedicação sobre a dialogicidade nos revelam a importância das relações humanas para a consolidação do vínculo intersubjetivo, que é a base deste ato particular chamado “encontro inter-humano”. É na experiência recíproca da relação entre as pessoas que há uma significação da existência individual. O encontro entre o indivíduo e aquele que se apresenta à sua frente se antepõe a qualquer definição no nível da unidade destes elementos. A filosofia do dialógico trata exatamente da relação que surge entre esses elementos. A noção de cumplicidade presente no encontro humano explicita o caráter vinculado dos pólos desta relação (presentes nas atitudes fundamentais Eu-Tu e Eu-Isso), que se expressam através da ligação estabelecida entre eles: a dupla atitude fundamental que reflete alternadamente a possibilidade de um vínculo excepcional e a possibilidade de uma objetividade para com o outro. No espaço da linguagem e da palavra proferida pelo homem encontra-se o mundo múltiplo no qual o ser humano pode efetivamente ser ou onde ele pode apenas se instalar. O sentido deste estudo encontra-se na apresentação teórica do conceito de encontro inter-humano e na consideração de sua importância para a construção do processo terapêutico, entendendo-se que há no espaço terapêutico a criação de um vínculo que representa a possibilidade de um encontro humano rico e a valorização de atitudes que aproximam paciente e terapeuta. É neste ambiente não hierárquico, consolidado pelas atitudes genuínas e de compromisso, que reside o argumento da possibilidade de crescimento humano.

Palavras-chave: Encontro; Dialogicidade; Inter-humano; Relação.

*Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Formando em Gestalt-terapia pelo IGC/CE. thiagowcf@gmail.com

“A EXISTÊNCIA COMO “CUIDADO”: ELABORAÇÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE A CLÍNICA PSICOTERÁPICA”

Danielle de Gois Santos (Universidade Federal Fluminense);
Roberto Novaes de Sá (Universidade Federal Fluminense)*

O presente trabalho aborda algumas noções existenciais elaboradas por Heidegger em sua *Análítica da Existência*, enfatizando o existencial “cuidado” e suas possíveis repercussões, para a clínica psicoterápica na contemporaneidade. Utilizamos as obras *Ser e tempo* (1927), *Carta sobre o humanismo* (1959) e *Seminários de Zollikon* (1995), especialmente, na segunda parte dos “Seminários”, intitulada “Diálogos com Medard Boss” onde são relevantes reflexões das práticas clínicas. Fenomenologicamente, uma clínica interessa-se nos sentidos investidos pelo homem em sua existência cotidiana. Nessas experiências cotidianas, os exercícios de estranhar e de meditar sobre os sentidos das relações são raros. Uma das situações existenciais que freqüentemente motiva e convoca à reflexão sobre a existência é a experiência de adoecimento psíquico. Em uma clínica de inspiração fenomenológico-hermenêutica, essa reflexão pode ser norteadas pelos constituintes ontológicos “cuidado” e “liberdade”. A existência é, essencialmente, o próprio aberto onde os entes podem aparecer em seu ser. Por isso, Heidegger afirma “o homem é o pastor do ser”, porque ele “cuida” ontologicamente de si mesmo e dos entes, deixando-os aparecer. Para a clínica, fazem-se relevantes desconstruções das objetivações, as quais acabam nivelando e restringindo os sentidos da existência. Embora, existência seja, essencialmente, liberdade, cotidianamente parecemos distraídos quanto ao nosso poder-ser próprio e vulneráveis às crenças impessoais e às objetivações do pensamento. A compreensão da co-pertinência entre homem e mundo e da existência como cuidado, naquele sentido ontológico, implica transformação do olhar, revertendo preocupações técnicas e eficácia na solução de sintomas para o plano da ética a das possibilidades de singularização existencial.

Palavras-chave: Clínica; Existência; Fenomenologia; Liberdade; Cuidado.

*Danielle de Gois Santos é psicóloga formada pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) no segundo semestre do ano de 2009, atualmente a pesquisadora faz mestrado em psicologia pela UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF) sob orientação do Professor Doutor Roberto Novaes de Sá. Endereço eletrônico: danielledegoissantos@gmail.com Roberto Novaes de Sá Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1982), mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1987) e doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994). Atualmente é Professor Associado da Universidade Federal Fluminense, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia na área de concentração Estudos da Subjetividade. Tem experiência na área de Psicologia Clínica, com ênfase em Intervenção Terapêutica, atuando principalmente nos seguintes temas: Fenomenologia, Existencialismo, Hermenêutica, Daseinsanalyse, Martin Heidegger, práticas clínicas e modos de existência na contemporaneidade. Endereço eletrônico: roberto_novaes@terra.com.br

“A EXPERIÊNCIA DELIRANTE: O OLHAR FENOMENOLÓGICO DE BINSWANGER”

Juliana Pita (Unifor),
Virgínia Moreira (Unifor)*

A psicopatologia fenomenológica busca definir o delírio como uma forma de possibilidade do homem estar no mundo. Este trabalho tem como objetivo apresentar a experiência delirante a partir da contribuição fenomenológica de Ludwig Binswanger, em sua obra *Delírio*. Do ponto de vista fenomenológico, Binswanger se propõe a apresentar a constituição da experiência ou da consciência no delírio, assim, vai em busca da gênese da consciência delirante. Ao se interessar em compreender a gênese da consciência delirante, Binswanger procura os “comos” da consciência da experiência, não tendo como ponto de partida nem a experiência categorial nem a percepção real. Para isso, Binswanger explica as três etapas da experiência normal e da experiência delirante. Ao entender que o homem se compreende no mundo, Binswanger apresenta o delírio como um mundo para este homem. Por serem transitórios, os conteúdos do delírio são acessórios, mas o que desperta o interesse de Binswanger são as “impressões delirantes” que são sem conteúdo. O essencial para compreender o delírio, é perceber as possibilidades de aparecimento das ideias delirantes e como elas estão presentes na vida deste homem. Concluindo, na compreensão fenomenológica binswangeriana do delírio, o sintoma não é central, pois o que é importante é o fenômeno; assim, as ideias delirantes não são necessárias para compreender a constituição da consciência delirante, sendo esta não uma consciência conhecedora e sim uma consciência de desejos.

Palavras-chave: Delírio; Binswanger; Psicopatologia; Fenomenologia.

*Juliana Pita (julianapap@hotmail.com) Virgínia Moreira (virginiamoreira@unifor.br)

“A EXPERIÊNCIA-SOFRIMENTO DO PRESO POLÍTICO NA SITUAÇÃO DE TORTURA”

Myrna Coelho, - USP, ABD.*

O presente trabalho se refere ao resultado da pesquisa de doutorado intitulada "Sofrimento e Tortura: Brasil (1964-1985) e Argentina (1976-1983), defendida em dezembro de 2010 na USP. A pesquisa faz um percurso pelos relatos de presos políticos torturados e propõe uma aproximação fenomenológica da experiência de tortura. O presente trabalho analisou a experiência de presos políticos torturados pelas ditaduras do Brasil (1964 - 1985) e da Argentina (1976 a 1983) a partir da fenomenologia-existencial. Após conceituar a "tortura" e inscrevê-la historicamente, esta pesquisa utilizou-se da análise de literatura de testemunho, de entrevistas e de depoimentos, problematizando ao final o conceito de tortura psicológica. o

Palavras-chave: Tortura; Ditadura; Fenomenologia-Existencial.

* Myrna Coelho: psicóloga, participante da Associação Brasileira de Daseinsanalyse, mestre e doutora pela USP. (myrnacoelho@usp.br)

“A FENOMENOLOGIA CRÍTICA COMO MÉTODO APLICADO À PESQUISA SOBRE PODER E POLÍTICA”

Juliana Fernandes (UNIFOR),
Georges Daniel Janja Bloc Boris (UNIFOR)*

A partir da organização dos procedimentos metodológicos de minha dissertação de mestrado; *Mulher e Política: Um Estudo Fenomenológico sobre o Poder*, senti necessidade de definir melhor as posições epistemológicas no que se refere a qual modelo de fenomenologia pretendo utilizar em minha pesquisa. Deste modo, meu objetivo é compartilhar algumas idéias desenvolvidas sobre a fenomenologia crítica de Moreira (2004), utilizando uma análise bibliográfica. Assim, descrevo seu desenvolvimento a partir dos pensamentos de Husserl (1970) e de Merleau-Ponty (1999). Ao tratar da fenomenologia de Husserl (1970), discuto suas idéias a respeito da crise europeia, que me instigaram a reconhecer sua perspectiva de construção de um método desenvolvido diretamente a partir da crítica cartesiana, opondo-se ao positivismo objetivista e focado na potência visível de horizontes múltiplos, independentes da percepção construída. Destaco, também, as concepções de Merleau-Ponty (1999), filósofo fundador da perspectiva de um homem mundano, que afirma que a experiência se encontra no campo fenomenal, se afastando das noções de interioridade e de exterioridade do ser. Por sua vez, ressalto a fenomenologia crítica de Moreira (2004), que desenvolve a concepção de sujeito entrelaçado com o mundo, relevante à verificação de significados elaborados no mundo vivido, no qual este modelo metodológico se aplica. Desta forma, através da adequada compreensão da fenomenologia crítica a partir das manifestações da subjetividade de minhas colaboradoras, mulheres em exercício do poder, poderei, enfim, alcançar a experiência intersubjetiva, vivida para além da percepção dos fatos, tanto por mim como pesquisadora quanto pelos sujeitos colaboradores de minha pesquisa fenomenológica crítica.

Palavras-chave: fenomenologia crítica, metodologia, epistemologia, subjetividade

*Juliana Fernandes, Psicóloga, com formação em Fenomenologia, ACP e Gestalt. Mestranda em Psicologia pela Universidade de Fortaleza, integrante do APHETO/NUGEN e coordenadora do Grupo de Estudo em Política e Relações Sociais de Gêneros - GEPOS. George Daniel, Psicólogo, mestre em Educação e doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Coordenador do APHETO – Laboratório de Psicopatologia e Psicoterapia Humanista-Fenomenológica Crítica e do Núcleo de Estudos das Relações de Gênero – NUGEN.

“A FENOMENOLOGIA NO ATENDIMENTO CLÍNICO DE ABORDAGEM CORPORAL”

Juarez Francisco da Silva (FAE/UFPR)*

A fenomenologia busca a interpretação do mundo através da consciência do sujeito, formulada com base em suas experiências. Para RICOEUR (2009), a fenomenologia tem como objeto de estudo o próprio fenômeno, isto é, as coisas em si mesmas e não o que é dito sobre elas, assim sendo a investigação fenomenológica busca a consciência do sujeito através da expressão das suas experiências internas. O foco central da psicoterapia de abordagem corporal, norteador das técnicas e procedimentos, é o estudo do caráter manifesto no corpo daquele que fala, no instante da fala. De acordo com REICH (1998), o caráter é composto das atitudes habituais de uma pessoa e de seu padrão consistente de respostas para várias situações. Inclui atitudes e valores conscientes, estilo de comportamento (timidez, agressividade e assim por diante) e atitudes físicas (postura, respiração, hábitos de manutenção e movimentação do corpo). O que a pesquisa pretende apresentar para reflexão, é resultado de onze atendimentos clínicos de caráter psicoterapêutico, com observação em mais de 8000 pessoas de idade acima de 18 anos, utilizando a intervenção fenomenológica em atendimentos individuais. A pesquisa apontou que tal prática favorece na resolução do que está sendo tratado, em menor tempo do que o inicialmente previsto, mantendo a mesma frequência de sessões.

Palavras-chave: Fenomenologia; Psicoterapia; Corporal; Caráter; Comportamento.

*Mestre em Teologia, Mestrando em Organizações e Desenvolvimento-FAE, Especialista em Psicologia das Organizações e do Trabalho, Especializando em Psicologia Analítica, Especializando em Gestão Estratégica-UFPR, Psicólogo e Diretor de RH. (juarezgt@yahoo.com.br)

“A FENOMENOLOGIA SOCIAL DE ALFRED SCHUTZ”

Ana Paula Leal de Aguiar,
Marcus túlio Caldas (UNICAP)*

Este trabalho tem como objetivo difundir o pensamento de Alfred Schutz uma vez sua obra é pouco conhecida não só em nosso país, como nos demais de língua portuguesa. Em função disso, utilizamos na confecção deste artigo os Collected Papers, sua versão em espanhol, assim como comentadores de sua obra. A importante contribuição que sua obra traz a questão iniciada no séc.XIX e que dividiu o campo sociológico como oposição sociedade/indivíduo, se coloca como fundamental. A partir da fenomenologia propõe construir uma compreensão que permite considerar sociedade/indivíduo, não como concorrentes, mas como construtores do conhecimento social. Suas concepções acerca do Lebenswelt (mundo da vida), intersubjetividade, situação biográfica determinada, ações humanas, acervo de conhecimento, tipificação e relacionamento social, configuram a Fenomenologia Social. Esta perspectiva nos permitiu compreender os significados que os atores atribuem à sua experiência vivida, significados esses que se revelam a partir das ações dos mesmos. A tarefa da fenomenologia social é fundamentar a intersubjetividade na realidade social, que tem um significado e uma estrutura de relevância para os sujeitos que vivem, agem e pensam dentro dela. Acreditamos que além de sua contribuição para a metodologia das Ciências Sociais, igualmente a Filosofia e a Psicologia possam ser beneficiadas.

Palavras-chave: Fenomenologia Social; Intersubjetividade; Mundo da Vida; Ação Social.

*Ana Paula Leal de Aguiar: Doutoranda (UNICAP) / bolsista - facepe. aguiarpaulinha@hotmail.com /Marcus Túlio Caldas:Doutorado em Psicologia pela Universidade de Deusto.professor adjunto I da Universidade Católica de Pernambuco.

“A FORÇA DA PALAVRA EM NICOLAU DE CUSA”

Sonia Regina Lyra (Ichthys Instituto-PR)*

A partir do momento em que se transpõe a dialética dos símbolos, rumo à experiência mística, é a força da palavra devidamente potencializada o que vai poder mover o ouvinte, uma vez que há uma força oculta por detrás de cada palavra. A força das palavras aparece, como uma contracção da força da mente, que se ‘explica’ nas múltiplas palavras que são, no mais fundo delas próprias, núcleos energéticos discursivos e que só podem ser entendidas nesse jogo dinâmico que se estabelece entre as coisas do mundo externo e seu referente interno, isto é, a mente. O discernimento é passado inicialmente, como propõe Nicolau de Cusa por imagens sensíveis, continuando a proposta de Jesus que falou inicialmente por figuras, mas disse também que chegaria a hora em que já não falaria por figuras, mas claramente, pois as palavras que de Deus recebeu, ele as deu aos homens cumprindo-se a profecia: no princípio era o Verbo (In principio erat verbum), no qual subjaz o poder criador da palavra. A proposta do Cusano é que nesta teoria do conhecimento se reconheçam as limitações da palavra e do discurso, inscrevendo-se a sua dialética no conhecimento intelectual da trindade, o qual, na unidade, ultrapassa tudo.

Palavras-chave: Nicolau de Cusa; Força da palavra; Dialética; Verbo.

*Analista Junguiana; Mestre/Filosofia; Doutora/Ciências da Religião (PUC-SP),
sonia@ichthysinstituto.com.br

“A INFÂNCIA SOB A COMPREENSÃO TEÓRICA DO MATERIALISMO DIALÉTICO EM SARTRE E VYGOTSKY.”

Vébora Gilvane Duarte Antunes (UNISUL), Zuleica Pretto (UNISUL)*

RESUMO A infância é a fase existencial em que o sujeito se constitui e será parte integrante de suas ações no mundo, portanto, uma fase importante a ser esclarecida tanto no senso comum como no âmbito de estudos científicos. Este trabalho pretendeu explorar conceitos de dois autores, Sartre e Vygotsky, que possibilitem pensar a infância numa perspectiva histórica, entendendo-a como produto e produtora da realidade social. Em Vygotsky, o funcionamento psicológico humano é construído ao longo da vida através de um processo de interação do homem com seu meio físico e social, o qual lhe dá possibilidades de se apropriar dos significados culturais elaborados pelas gerações anteriores. Isso faz da cultura parte constitutiva da natureza humana, já que sua característica psicológica se dá através da internalização dos modos historicamente determinados e culturalmente organizados. Para Sartre, “somos o que fizeram de nós”, cabe-nos então, fazermos uma escolha a respeito “do que fizeram de nós” o que ocorre a partir das ações que realizar no mundo. Assim, conforme o campo de possibilidades e a partir dele, dentro de um processo mediado pela cultura, aparece o caráter psicológico de um ser, o qual busca por meio da reflexão de si, crítica ou não, se posicionar diante das situações para ele apresentadas. Considera-se, assim, que as teorias sartriana e vygotkskyana oferecem importantes subsídios para respaldar intervenções e pesquisas na área da infância no complexo cenário da contemporaneidade. Pesquisa com recursos provenientes de bolsa de estudo do Governo Estadual de Santa Catarina (art.170, Constituição Estadual).

Palavras-chave: Infância; Sartre; Vygotsky; Materialismo Dialético.

*Vébora Gilvane Duarte Antunes- Graduada em Psicologia (UNISUL) veborah@yahoo.com.br e Zuleica Pretto – Mestre em Psicologia (UNISUL) zuleicapretto@yahoo.com.br.

“A INTERSUBJETIVIDADE NO TEATRO EXISTENCIALISTA: ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DA PEÇA “ENTRE QUATRO PAREDES””

Mário Seto Takeguma Junior,
Sylvia Mara Pires de Freitas (UEM/PR)*

O presente trabalho refere-se às análises compreensivas oriundas da pesquisa (PIC) realizada durante o curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). Analisando as obras de Jean-Paul Sartre, filósofo considerado pai do existencialismo moderno, achamos provocações sobre o que chamamos de intersubjetividade. Abordado de forma dramática na peça *Entre Quatro Paredes*, escrita originalmente em 1944, esse conceito nos permitiu levantar questões da fenomenologia do Outro, do ser-um-com-o-outro, do estar sob um olhar, do ver e ser visto e do jogo do controle das liberdades alheias. Na relação entre as três personagens da peça: Garcin, Estelle e Inês, identificamos, através da redução fenomenológica: a auto-imagem real e ideal de cada um dos três personagens; como cada um percebe o Outro; como cada um vivencia o olhar do Outro; como cada personagem busca transcender o olhar do Outro; como Sartre representa o inferno e suas punições, bem como o anti-inferno. Para o autor, somos nossos próprios artífices, mas como nossas escolhas dependem, contraditoriamente, dialeticamente e dialogicamente, das coisas que estão no mundo, elas não podem desconsiderar o Outro. O Outro é o limite da nossa liberdade, quando percebemos o olhar do Outro, notamos que somos algo exterior a nós, e esse algo pertence ao Outro. Isso pode nos confrontar pelo fato de ficarmos expostos ao julgamento do próximo, tal como na situação desagradável apresentada na peça, na medida em que os Outros, para além de nós, também instituem o que somos por também serem sujeitos livres e dotados de consciência.

Palavras-chave: Intersubjetividade; Psicologia Existencial; Teatro.

*Mário Seto Takeguma Junior: Discente do Curso de Psicologia. Universidade Estadual de Maringá. (UEM/PR), integrante do Teatro Universitário de Maringá (T.U.M) mariotkg@hotmail.com Sylvia Mara Pires de Freitas: Possui graduação em Psicologia, especialização em Psicologia do Trabalho pelo Centro Universitário Celso Lisboa- CEUCEL/RJ, formação em Psicologia Clínica (abordagem existencial) pelo Núcleo de Psicoterapia Vivencial (NPV/RJ) e mestrado em Psicologia Social e da Personalidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora assistente da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR) e da Universidade Paranaense (UNIPAR/PR). – sylviamara@gmail.com

“A LIBERDADE É AZUL: REFLEXÕES CLÍNICAS SOBRE A ARTE CINEMATOGRAFICA E A LIBERDADE”

Jaqueline Gaspar de Lima (PUC-SP),
Luis Jardim (UNIP/UNINOVE)*

O presente trabalho buscou discutir aspectos do conceito de liberdade a partir de referencial filosófico fenomenológico, contemplando a obra cinematográfica A Liberdade é Azul, do diretor polonês Krzysztof Kieslowski, propondo um diálogo entre a personagem Julie e do papel do analista. O diretor aborda neste filme a esfera da liberdade íntima, não pretendendo dar respostas ao telespectador, mas suscitar uma investigação a cada cena. O filme exige, assim, que o espectador levante hipóteses e possibilidades para dialogar com as situações e interrogações encenadas. Do mesmo modo, para o analista clínico, poder ser tocado pela existência de um personagem, é um convite para ampliar a compreensão da dimensão da intimidade humana. Na presente pesquisa realizamos levantamento bibliográfico em filosofia e psicologia sobre liberdade e trabalhos teóricos e cinematográficos relacionados à obra do cineasta Krzysztof Kieslowski. Para análise, utilizamos do método fenomenológico para atingir uma compreensão da liberdade a partir do mundo apresentado pela personagem, sem uma teoria psicológica à priori. O homem é compreendido como aquele se revela em seu modo de ser nas inúmeras situações cotidianas. A fenomenologia tem como premissa a aproximação e compreensão do homem tal como se mostra em suas relações no mundo, não buscando explicações, mas significações que permeiam tais relações. Na visão clínica fenomenológica, a liberdade é um dos principais aspectos em jogo na terapia. A partir dessa reflexão, buscamos identificar a relação da personagem com a própria liberdade e os desdobramentos em sua vida. A liberdade é um elemento existencial fundante e, a cada experiência cotidiana, se manifesta e se re-articula em seus modos ônticos. A arte cinematográfica constitui-se como uma fonte inesgotável de possibilidades para entrar em contato com o sentido de liberdade. É durante a vida cotidiana que o homem é capaz de desconstruir valores universais e restrições morais, na medida em que a liberdade se desvela em seu sentido nas escolhas cotidianas.

Palavras-chave: Liberdade; Krzysztof Kieslowski; Fenomenologia Existencial; Cinema.

*Jaqueline Gaspar de Lima – jackiepiano@gmail.com – Psicóloga graduada pela UNINOVE em São Paulo. Atualmente é aprimoranda do Curso de Clínica Fenomenológica e Existencial no Atendimento Psicológico de Adultos – PUC-SP. Luis Jardim – luisjardim@yahoo.com.br – Graduado e mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP atua como psicoterapeuta individual e de grupo. Membro de Fenô & Grupos, é professor e supervisor de Fenomenologia na Universidade Paulista UNIP e Universidade Nove de Julho UNINOVE em São Paulo-SP.

“A POTÊNCIA TRANSFORMADORA DO FENÔMENO DE PATHOS”

Mariana Puchivailo (UFPR)*

Este artigo se propõe a uma reflexão a respeito da Psicologia do Pathos. Em busca da desinstitucionalização da loucura, propomos repensar o conceito de psicopatologia, partindo do olhar da fenomenologia. O autor que norteia a perspectiva fenomenológica escolhida para a discussão é Minkovski. Ele apresenta o sofrimento do fenômeno de pathos não só como parte essencial da existência, mas também como possibilidade de revelação dos aspectos mais dramáticos e mais “vivos” do homem. Abordamos a importância de um olhar crítico diante o fenômeno de pathos e para isso nos baseamos na Psicopatologia Crítica. Em busca por uma visão crítica que pudesse explorar as potências da vivência de pathos trazemos Deleuze. Entendendo o pathos enquanto repetição de uma mesma disposição existencial e aceitando a potência da repetição, acreditamos que é através do pathos que se pode criar o novo, o diferente, é ele que nos aprisiona e nos liberta. O pathos nos coloca em confronto com o aspecto trágico da vida, com suas polaridades e paradoxos. Para nos aprofundarmos nas possibilidades de vivência de pathos enquanto potência de transformação nos referimos à tragédia grega, através da compreensão de Nietzsche, e ao deus Dionísio enquanto “deus da tragédia” que nos aproxima dos excessos e da quebra dos limites envolvidos nessa vivência. Além do teatro, trazemos a música como possibilidade de acolher a vivência de pathos, seus paradoxos, para que o sujeito em sofrimento possa viver este aspecto de sua existência enquanto potência de transformação e buscar sentido para esta vivência em sua existência.

Palavras-chave: Psicologia do pathos; Potência da repetição; Tragédia; Música.

*Mariana Puchivailo, acadêmica de psicologia da UFPR, especialista em Psicologia Analítica (PUC-PR).
marianapuchivailo@yahoo.com.br

“A PRÁTICA DA PSICOLOGIA HUMANISTA NA TERAPIA DE CASAL”

Alice Sobottka,
Amanda Furtado,
Aline Zorel,
Cíntia Sciamana
Joise Bertola,
Karen Cunha,
Roseli Vieira,
Thaís Viel.*

O trabalho abordou a temática da Terapia de Casal a luz da Psicologia Humanista, visando suas implicações individuais e sociais acerca do tema. Diante dos conflitos conjugais constatamos que a maioria das causas dos conflitos acontece pelo fato das pessoas se esconderem em seus sentimentos reais e emocionais, impossibilitando assim uma relação de reciprocidade um para com o outro. Dessa forma esses sentimentos não sendo expostos de maneira autêntica, com o tempo a vivência conjugal acaba que por si próprios possibilitando uma relação mascarada e explosiva, sendo esta, uma explosão de raiva sendo que um contraria o outro representando sentimentos negados ou recalçados. A experiência terapêutica proporciona aos casais um ensinamento de como aprender formas de iniciar e manter uma comunicação real entre eles compreendendo assim suas opiniões e sentimentos. Neste contexto a terapia de casal tem como proposta a partir das vivências presentes e não nas coisas inacabadas no passado ajudar o casal a quebrar este ciclo corrompido entre eles. Então inicia pela primeira vez a escuta desse silêncio do que a outra pessoa sente e porque sente dessa determinada forma e assim a compreensão começa a ser recíproca invadindo a interação interpessoal. À medida que o sujeito se aceita, este descobre estar mais preparado para permitir o outro e tudo o que isso implica num relacionamento. Assim a terapia de casal possibilita que cada um conduza igualmente a descoberta de maior satisfação em suas relações podendo descobrir-se e de vir a ser ele mesmo.

Palavras-chave: Conflitos conjugais; Terapia de casal; Humanismo.

*estudantes do quarto ano de Psicologia do Centro Universitário Hermínio Ometto-UNIARARAS.

“A RELAÇÃO ENTRE TROTE UNIVERSITÁRIO E BULLYING: UMA INVESTIGAÇÃO EXISTENCIALISTA”

Thaís Serafim dos Santos (UNIPAR),
Jorge Antonio Vieira (UNIPAR)*

O trote universitário marca a passagem para a integração da vida universitária e até mesmo a transição da adolescência para a vida adulta, porém nessa passagem percebe-se a ocorrência de comportamentos demarcados por tonalidades violentas e vexatórias, ligados à subordinação de alguns em relação a outros e à criação ou à reprodução de desigualdades de poder, características fundamentais à identificação de outro fenômeno de extrema importância e recorrência em nossa sociedade, o bullying. Fora utilizado como método de investigação a pesquisa de revisão bibliográfica acerca dos aspectos históricos e sociais dos fenômenos, embasados na teoria filosófica existencial Sartreana. Além da compreensão dos grupos, é imprescindível atentarmos para a relação entre carrasco e vítima no trote. A tentativa do carrasco é a de acabar com a sua humanidade pelo extermínio da liberdade do outro reduzindo-o a condição de objeto. A violência nas práticas trotistas conduz a vítima a concordar com seu carrasco e esta é sua principal violência, quando sua liberdade está completamente reduzida a dor. No entanto, não importa o tipo de sofrimento acometido, será sempre a vítima que escolherá, em última instância, o momento de agir. Aquele que sofre, cede aos desejos do outro, se faz cúmplice de seu carrasco e se precipita pela própria vontade na abjeção. Desta forma, o trote pode gerar o fenômeno bullying se as consequências do primeiro influírem na vida do indivíduo por determinado período, principalmente se as práticas iniciadas no trote se estenderem ao longo da vida acadêmica proporcionando consequências ainda maiores.

Palavras-chave: Trote Universitário; Bullying; Existencialismo.

*Discente do curso de Psicologia - UNIPAR e bolsista PEBIC/CNPq serafim_thais@hotmail.com Prof. Dr. do curso de Psicologia - UNIPAR jvieira@unipar.br

“A RESSIGNIFICAÇÃO DO PSICODIAGNÓSTICO NA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL”

Taís Pozzan Lehn (UNIPAR),
Orlete Maria Pompeu de Lima (UNIPAR)*

Tenório (s.d.) define saúde e doença como etapas da existência humana, de acordo com a relação que o indivíduo estabelece com o mundo. Esta relação é importante na constituição de um desenvolvimento normal ou patológico, concebendo o conflito como algo nocivo para o indivíduo ou não. O processo de psicodiagnóstico dentro da visão fenomenológico-existencial deixa de lado qualquer ideia preconcebida acerca do indivíduo, centralizando-se na experiência vivida pelo mesmo e examinando o significado dessas vivências para esse sujeito. Dessa forma, não faria sentido investigar o indivíduo como um “em-si”, através de instrumentos de medida (TEIXEIRA, 2008). Recusa-se o olhar diagnóstico e propõe-se um olhar existencial, haja vista que o paciente é um “ser-no-mundo” e busca significar sua própria existência, sofrendo e promovendo mudanças, em suas relações com o mundo e consigo mesmo. Com isso, alguns psicólogos existenciais ampliaram seu olhar com relação ao uso de instrumentos de avaliação psicológica nesta abordagem. Neste processo o uso de testes difere do modelo tradicional, pois não enfatiza a limitação e a patologia, mas visa valorizar o psicodiagnóstico em seu sentido mais profundo, que é conhecer a vida da pessoa de uma maneira mais ampliada, baseando seu olhar no modelo biopsicossocial. Buscar conhecer a vida psicológica da pessoa é a essência da avaliação psicológica utilizada pelos profissionais desta abordagem (ANCONA-LOPES, 2002). Conclui-se que o encontro psicólogo-cliente é o momento mais importante da avaliação, desta forma deve-se desenvolver a empatia e a confiança mútua entre estes, buscando a comunicação para o desenrolar do processo.

Palavras-chave: Psicodiagnóstico; Fenomenologia; Ressignificação.

*Taís Pozzan Lehn - discente do quinto ano de psicologia da UNIPAR; e-mail: tais_lehn@hotmail.com)
Orlete Maria Pompeu de Lima - docente do curso de psicologia UNIPAR, e-mail: orlete@unipar.br

“A VISÃO DO TRABALHADOR A RESPEITO DO PSICÓLOGO QUE ATUA NO CONTEXTO DO TRABALHO”

Marcelo Alves,
Pedro Vitor Barnabé Milanesi. (Uniararas)*

As discussões sobre o trabalho na psicologia se fez necessário a partir da crescente industrialização que ocorreu nos países dominantes do cenário ocidental no século XIX. Mudanças ocorreram ao decorrer da história, que permitem a discriminação de três fases/faces da inserção do psicólogo no campo do trabalho. Cada uma, de acordo com sua criação, foi ampliando as formas anteriores de compreensão e, no contemporâneo é necessária uma (re)formulação visando novas reflexões e práticas a favor da desalienação, levando em consideração a subjetividade do trabalhador. O objetivo deste estudo foi entender a atuação do psicólogo nas organizações, sob o ponto de vista dos trabalhadores e para isso foram colhidos depoimentos escritos com nove trabalhadores. Esses depoimentos foram analisados pelo método fenomenológico de Giorgi e, a partir da compreensão das vivências, é possível apontar que os participantes, veem o psicólogo como ferramenta da empresa para gerar lucro, pois eles entendem que os psicólogos fazem parte do quadro de funcionários das empresas, sendo assim, são submetidos às mesmas exigências: ter que movimentar as engrenagens do sistema econômico que obedecem a fins lucrativos do capitalismo. Por outro lado, eles reconhecem a importância do psicólogo nas empresas, ou seja, um profissional que trabalhe em função do alívio das mazelas do trabalho. Assim, podemos perceber, em princípio, que o mundo do trabalho atualmente, coloca o Psicólogo do Trabalho em uma condição de tensão, evidenciando sua condição de trabalhador e, ao mesmo tempo, de um profissional com o compromisso de transformar as relações de trabalho.

Palavras-chave: Psicologia do trabalho/organização; Atuação do psicólogo; Trabalhadores.

*Marcelo Alves Psicologo crp 06/102517 - marcelopsicologia@r7.com Prof. Ms. Pedro Vitor Barnabé Milanesi pedro_milanesi@yahoo.com.br

“A VIVENCIA DE PAIS EM UM AMBIENTE DE UTI NEONATAL”

Tony Michel Guimarães (Centro Universitário Herminio Ometto Uniararas)*

A preocupação com sentimentos e emoções vivenciados por pais e mães na UTI neonatal, limita-se na maioria das vezes, a aspectos técnicos e científicos importantes para o controle ou cura das doenças sem levar em consideração os aspectos culturais, religiosos e sofrimento físico-emocional. O objetivo deste trabalho é compreender a vivência e experiências vividas pelos pais quando estão com seus filhos internados. Como método de coleta foi utilizado entrevistas reflexivas, no qual prevalece o método fenomenológico; para que fosse elaborada a entrevista foi feita uma pergunta disparadora e a partir da resposta do entrevistado foi realizado uma análise, baseado na proposta de Giorgi(1989) que divide em unidades de sentido, depois realiza-se a compreensão do pesquisador a fim de na síntese destas identificar a essência de sua resposta. Os sujeitos da pesquisa foram pais e mães que estavam com seu filho em atendimento, a única restrição foi que deveria ser em um tempo que não atrapalhasse o andamento da visita bem como a disponibilidade deles, para que tivessem um momento com seu respectivo bebê. Os resultados preliminares que obtive foi de que os pais acabam se unindo mais nesse período, existe um apego á religiosidade para tentar compartilhar a dor, os pais que já tem um filho fazem comparações com relação as duas gestações, já as mães de primeira gestação se apegam mais em seu filho e acreditam nos procedimentos que são adotados pelos especialistas.

Palavras-chave: Vivência; UTI Neonatal; Unidade de sentido; Entrevista reflexiva

*tonymigui@hotmail.com

“A VIVÊNCIA DO FAMILIAR CUIDADOR DE PESSOAS COM ESQUIZOFRENIA À LUZ DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO”

Roberta da Costa Borges,
Miziki Ferreira Silva*

Este estudo buscou a compreensão da vivência do familiar cuidador de pessoas com esquizofrenia à luz do Método Fenomenológico. Foi realizada uma pesquisa qualitativa à luz da Fenomenologia e pelo referencial teórico de Alfred Schutz, nos meses de agosto e novembro de 2010. A pesquisa contou com uso da Entrevista Fenomenológica Compreensiva composta de uma questão norteadora, tendo sido realizada com três familiares cuidadores de pessoas com diagnóstico de esquizofrenia em seu lar, acompanhadas pelo CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) de uma cidade do interior de Goiás. Dos relatos dos familiares cuidadores surgiram as seguintes categorias e subcategorias: O diagnóstico do sofrimento mental; a concepção de esquizofrenia; a convivência com a esquizofrenia; sentimentos vivenciados pelo familiar cuidador: discriminação social e intrafamiliar; e sobrecarga pelo cuidado com o esquizofrênico; a religiosidade como suporte e a ajuda profissional. As categorias desvelaram a falta de informação sobre esquizofrenia quando diagnosticada, a vivência de cuidado descrita como difícil, a sobrecarga pela falta de apoio dos membros da família e a religiosidade vista pelos familiares cuidadores como um suporte capaz de sustentar essa passagem em suas vidas e o sentimento de tristeza diante da facticidade do sofrimento mental.

Palavras-chave: Esquizofrenia; Família; Cuidados; Fenomenologia; Alfred Schutz.

*Roberta da Costa Borges - Psicóloga Clínica e Mestre pela USP/Ribeirão Preto/SP, Prof^ª.orientadora da monografia realizada no Instituto Luterano de Ensino Superior de Itumbiara/GO (ILES/ULBRA). robertacostaborges@hotmail.com Miziki Ferreira Silva - Graduada em Psicologia pelo Instituto Luterano de Ensino Superior de Itumbiara/GO (ILES/ULBRA), Pós-Graduada em Psicodrama pela Casa das Cenas em Uberlândia/MG. mizikiferreira@yahoo.com.br

“A VIVÊNCIA DO SOFRIMENTO: O OLHAR DE CLIENTES EM PSICOTERAPIA”

Eveline Caracas,
Virginia Moreira (UNIFOR)*

Este trabalho é resultado da minha pesquisa de dissertação de mestrado, que considera que as expressões de sofrimento se constroem não apenas a partir das vivências e das características individuais daquele que sofre, mas também a partir do cenário sociocultural do qual também faz parte o sujeito. Meu objetivo foi compreender os significados da experiência do sofrimento para clientes em psicoterapia configurado em uma perspectiva qualitativa, que adota o método fenomenológico. As colaboradoras foram doze clientes de psicoterapia. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi à entrevista semi-estruturada, por facilitar o diálogo e a livre exposição da experiência vivida e assim possibilitar a compreensão dos sentidos do fenômeno investigado. A análise dos sentidos emergentes em cada entrevista evidenciou cinco temas. Neste trabalho, abordou-se a segunda temática - A Vivência do Sofrimento, pois as informações coletadas afirmavam que o sofrimento é algo extremamente difícil de sentir e o quanto faz mal ao ser humano, no que se refere às sensações e emoções que a pessoa que está sofrendo experiência. Mas em contrapartida, as colaboradoras afirmaram também que a vivência do sofrimento trouxe autoconhecimento, crescimento, aprendizado e mudanças significativas nos seus valores, comportamentos e, ainda, na forma de encarar o sofrimento das outras pessoas. Deste modo, em minhas considerações finais, acredito que o sofrer, então, é uma experiência não desejada, mas que traz benefícios significativos ao amadurecimento da subjetividade humana.

Palavras-chave: Sofrimento; Psicoterapia; Vivência.

*Eveline Caracas. Psicoterapeutas adolescente, adulto e casal. Facilitadora de grupos. Especialista em Psicologia Clínica- CRP-11. Especialista em Relações Humanas e Dinâmicas grupais. Mestra em Psicologia - UNIFOR. Formação Abordagem Centrada na Pessoa; Virginia Moreira, Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Coordenadora do APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Psicoterapia Humanista-Fenomenológica Crítica

“A VIVÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA NOS CUIDADOS PALIATIVOS”

Grasiele Rosvadoski da Silva (FAG), Marielly Mendes de Moraes (FAG),
Nayelle Brandelero (FAG)*

Vive-se grande desenvolvimento tecnológico na medicina. Medicamentos, equipamentos e procedimentos que aumentam a expectativa de vida. Porém, discute-se o prolongamento da vida para pacientes graves e fora das possibilidades de cura; pacientes terminais. Até quando prolongar? Nem toda tecnologia pode garantir ausência de dor e sofrimento. Num olhar humanizador, hora da morte, surge o cuidado paliativo para aliviar a dor e sofrimento biopsicossocial e espiritual dos pacientes e familiares. Este, não visa à cura, mas, a manutenção da vida, não a reduzindo nem a prolongando. Aceita a morte como natural. Vários profissionais, incluindo psicólogos, atuam nos cuidados paliativos. O objetivo dessa pesquisa foi investigar a vivência de profissionais de Psicologia no cuidado a pacientes terminais. Participaram cinco psicólogos de Guarapuava - PR. Definiu-se a pesquisa na forma qualitativa, inspiração fenomenológica, e o instrumento de coleta de dados foi um roteiro de entrevista semi-estruturada. Nos resultados emergiram seis dimensões de análise: o papel desses profissionais nos cuidados paliativos, os recursos utilizados no enfrentamento da morte, os sentimentos dessa prática profissional, a importância do trabalho em equipe, os motivos da escolha dessa área da Psicologia e a formação específica. Percebeu-se a importância do psicólogo nos cuidados paliativos. Um profissional que se destaca por sua sensibilidade, capaz de escutar, compreender necessidades, dúvidas, medos e sentimentos do paciente, familiares e equipe de saúde. O psicólogo se destaca por acolher e olhar o paciente de forma diferenciada, um ser total, promovendo melhor qualidade de vida no tempo que ainda lhe resta, humanizando o processo de morrer

Palavras-chave: Cuidados paliativos; Morte; Morrer; Paciente terminal; Qualidade de vida.

*Acadêmicas de Psicologia da Faculdade Guairacá; contato: grasilva12@yahoo.com.br / mahry_lely@hotmail.com / naya_brandelero@yahoo.com.br

“ABORDAGEM EXISTENCIAL SARTREANA EM PSICOTERAPIA: O RESGATE DA LIBERDADE”

Flávia Augusta Vetter Ferri (UNIOESTE)*

Dentre os filósofos existencialistas que contribuíram para a formação de uma psicoterapia existencial, encontra-se Jean-Paul Sartre, com seu postulado central, segundo o qual, “a existência precede a essência”. Partindo desse princípio geral, Sartre sugere que a filosofia existencial deverá substituir as teorias que fundamentam outras práticas clínicas em psicologia. Tal psicanálise terá como pretensão, conceber o homem como um ser indefinível, reconhecendo sua infinita abertura perante o existir. Isto significa dizer que todo ser humano é livre e a sua liberdade é condição essencial de sua humanidade. Significa dizer também que o homem precisa escolher a cada momento o que será no momento seguinte e, sob esse aspecto, só existindo poderá ser. Sartre caracterizará o indivíduo como um ser de quem não se pode afirmar nenhuma essência, uma vez que a essência invocaria uma ideia permanente e contraditória com a proposta de autocriação. A clínica fundamentada na filosofia da existência parte do pressuposto de que o homem se constitui na relação que estabelece com o mundo e nas escolhas que efetua no mesmo. Ao nascer, surge no mundo, pobre em determinações e rico em possibilidades. Assim sendo, a filosofia não pode partir da ideia de nenhum a priori que determine a sua singularidade. Na clínica, o psicoterapeuta, através da relação terapêutica, deve ter condições para ajudar o cliente a ressignificar suas vivências através de um novo olhar sobre si mesmo, realizando, dessa maneira, uma mudança perceptiva. Nessa perspectiva, cabe ao psicólogo clínico mobilizar o cliente para o aumento do número de opções existenciais; dito de outro modo, mobilizá-lo para o resgate da sua liberdade.

Palavras-chave: Sartre; Psicanálise existencial; Liberdade.

*Flávia Augusta Vetter Ferri (flavinha_ferri@hotmail.com) – Psicóloga Clínica, Especialista em Psicoterapia Fenomenológico-Existencial pelo Centro de Psicoterapia Existencial de São Paulo e Mestranda em Filosofia pela UNIOESTE, sob a orientação do Prof. Dr. Claudinei Aparecido de Freitas da Silva.

“AMPLIANDO AS POSSIBILIDADES DE COMPREENSÃO PSICOLÓGICA A PARTIR DA LINGUAGEM POÉTICA”

Rafael Prado,
Marcus T. Caldas,
Carmem L.B.T.Barreto (UNICAP)*

A crescente inserção do psicólogo na saúde pública tem trazido algumas questões, tais como a inadequação de suas práticas tradicionais para a atuação nessa área. Este trabalho teve como objetivo propor novas possibilidades de compreensão psicológica para clínica no serviço público de saúde, por meio de pesquisa bibliográfica e reflexão teórica. Considerando a psicologia em seu formato modular e racionalista, tradicionalmente voltada à elite, não se deve estranhar as dificuldades dos psicólogos nesse serviço, cuja clientela principal é de baixa renda e não tem familiaridade com o pensamento intelectual acadêmico. O serviço público, aliás, deve preparar-se para atender a uma clientela, cada vez, mais diversificada tanto em relação à classe socioeconômica quanto a referenciais culturais. A novidade de uma clínica inspirada na poética, diz respeito à linguagem, ao modo de ser, de escutar e de se encontrar que podem permitir abertura de compreensão a qualquer paciente, independentemente de sua classe sociocultural. Não se trata da proposição de uma nova técnica psicoterápica voltada a determinada classe social, o que consideramos o mesmo impasse do qual pretendemos contribuir para uma possível ultrapassagem. Nossa reflexão, portanto, partiu do atendimento psicológico no serviço público, buscou nova concepção de linguagem para ampliar a compreensão psicológica e indicou que tal compreensão pode servir à ação psicológica de modo geral e não somente ao âmbito específico da saúde pública.

Palavras-chave: Compreensão Psicológica; Linguagem Poética; Daseinsanálise.

*Bolsa de Doutorado concedida pela Fundação de Amparo à Ciência e à Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE) Rafael Auler de Almeida Prado Doutorando em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco. e-mail: rafaelpradoauler@gmail.com Marcus Tulio Caldas Doutor em Psicologia pela Universidade de Deusto-Espanha. Professor da graduação e pós-graduação do curso de psicologia da Universidade Católica de Pernambuco. e-mail: marcus_tulio@uol.com.br Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto Doutora em Psicologia Clínica pela USP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco. Coordenadora do Laboratório em Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial- LACLIFE. e-mail: carmemluciarbarreto@hotmail.com

“ANÁLISE DE UM PROCESSO DE ESCOLHA PROFISSIONAL NA COMPREENSÃO DO EXISTENCIALISMO SARTREANO”

Marina Gomes Coelho de Souza (UFRJ), Geórgia Bunn Santos (UNISUL)*

Este trabalho se caracteriza como um estudo de caso, e tem por objetivo realizar uma análise e compreensão acerca do processo de escolha profissional, ancorada na perspectiva existencialista Sartreana. Realizamos tal compreensão por meio da análise dos dados coletados em entrevista semi-estruturada, articulando conceitos fundamentais de tal abordagem aos aspectos trazidos pela entrevistada como essenciais em seu processo de escolha. A pesquisa foi realizada com uma jovem de 32 anos de idade, graduada em direito e em vias de recomeço de seu processo de inserção profissional. As perguntas foram formuladas, analisadas e discutidas em torno de dois grandes eixos: informações referentes aos motivos da escolha profissional e relação estabelecida com a profissão. A partir de tal análise, é possível concluir que a entrevistada sofreu importante influência paterna na construção de seu projeto profissional. Seu desejo de se tornar advogada está baseado em um anseio bastante prematuro, que segundo a participante, se alicerça em torno da sua identificação com a imagem do profissional do direito. Além disso, a entrevistada justifica sua escolha ao relacionar seu saber de ser às características que considera importantes à boa atuação do advogado. A ampla possibilidade de atuação da profissão é trazida como importante fator de escolha, o que relacionamos à possibilidade de manutenção de um projeto profissional ainda não totalmente objetivado e que possivelmente sofrerá mudanças e adaptações na dialética do processo.

Palavras-chave: Escolha profissional; Projeto profissional; Existencialismo; Sartre.

*Marina Gomes Coelho de Souza - Graduada em psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de especialização em Psicologia Existencialista Sartreana em conclusão pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Mestranda em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – psicomarina@gmail.com Geórgia Bunn Santos – Psicoterapeuta. Graduada em psicologia pela Universidade do Vale do Itajaí – Biguaçu. Especialização em Psicologia Existencialista Sartreana em conclusão pela Universidade do Sul de Santa Catarina – georgia1004@hotmail.com

“CODEPENDENCIA AFETIVA: A EXISTÊNCIA INAUTÊNTICA DAS RELAÇÕES”

Luma C. Diógenes,
Carlos Magno Teixeira (UNIFOR)*

O presente trabalho nasceu a partir de seis meses de observação do funcionamento da irmandade Codependentes Anônimos (CODA), em conjunto com um suporte teórico e a construção de nossas articulações, assim tratamos de um fenômeno bastante antigo, porém com uma categorização recente. A codependência afetiva nos aponta um ser que interage nos seus relacionamentos de forma disfuncional, efetuando suas relações por brigas, sentimentos de culpa, chantagens emocionais, manipulação entre outras dinâmicas que minam o entrar em contato com o outro e consequentemente com o mundo. A definição generalizada do CODA vê a codependência como a incapacidade de manter e nutrir relacionamentos saudáveis com os outros e consigo mesmo. O codependente por ser um sujeito sem identidade, com auto estima reduzida se torna escravo da vontade alheia, sendo constantemente abusado por não conseguir se relacionar de forma direta e aberta. Se pensarmos a codependência a partir da fenomenologia de Martin Heidegger, vemos que o sujeito se flexibiliza de tal forma que se molda a qualquer pessoa, aniquilando assim a possibilidade de uma existência autêntica por parte do codependente. A vida inautêntica não deixa de ser uma forma de fugir a esse sentimento de inadequação, trazido com muita força nos relatos dos codependentes. O codependente perde-se no outro, na tentativa de justificar seus atos num sujeito impessoal, assim o peso torna-se menor. O sujeito codependente não consegue perceber dentro de sua teia relacional um modo criativo de se colocar no mundo, que não degrade o outro nem a si mesmo, cristalizando suas relações. A codependência se apresenta intimamente ligada a outros transtornos psicológicos, no entanto apresenta suas características particulares. Não existe ainda no DSM-IV ou na CID-10 nenhuma definição para codependência e mesmo não sendo reconhecida como psicopatologia é admitida como uma construção social. Dessa forma a codependência ainda é uma psicopatologia marginal que merece ser abordada e trabalhada para que seja melhor compreendida assim como o sofrimento do sujeito que necessita existir para além desse adoecimento.

Palavras-chave: Codependência; Existência; Dasein; Relação; Disfuncional.

*Luma C. Diógenes, estudante de psicologia da Universidade De Fortaleza com formação em gestalt terapia(luma_diogenes@hotmail.com)/ Carlos Magno Teixeira estudante de psicologia da Universidade De Fortaleza com formação em abordagem sistêmica(camate45@gmail.com)

“COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DA ANGÚSTIA E MEDO EM ALPHONSUS DE GUIMARAENS”

Felipe Gallego (Uninove),
Sebastião B. Mariano (Uninove),
Luis Jardim (Unip/Uninove)*

Há muito que psicologia e arte dialogam em suas mais diversas formas. O caráter humano está impresso na obra de arte desde seu princípio. Neste sentido, a obra de arte sempre revela algo daquele que a produziu, assim como nos conta sobre aquele que a contempla. O objetivo deste trabalho é analisar o poema *Ismália* de Alphonsus de Guimaraens à luz da fenomenologia presente na ontologia fundamental de Martin Heidegger. O foco desse estudo foi evidenciar como as afinações da angústia e do medo, constituintes do *Dasein* (Ser-aí), são manifestas no discorrer deste poema. Para a fenomenologia heideggeriana, *Dasein* é o modo de ser do homem e a afinação da angústia é o que sustenta a abertura que possibilita que os outros e as coisas possam vir ao encontro de si. Tal como anunciado, a nossa análise não se restringe ao conteúdo do poema, incluindo também aspectos relacionados à vida pessoal do autor, pois, o *Dasein* e seu mundo são indissociáveis e não podem ser analisados separadamente. Deste modo, entendemos que vida e obra são partes integradas e intrínsecas uma à outra. A análise mostra que, em seus escritos, Alphonsus revela seu modo de ser, isto é, o modo como se projeta no mundo em que vive a partir do que o circunda e o constitui. Compreender o percurso pessoal do autor contribuiu para que pudéssemos identificar e esclarecer o modo como as afinações da angústia e do medo se mostram no poema selecionado.

Palavras-chave: Fenomenologia; Afinações; Angústia; Alphonsus de Guimaraens; Martin Heidegger.

*Felipe Gallego – felipe_gallego@msn.com – Graduando do curso de psicologia da Universidade Nove de Julho- UNINOVE em São Paulo- SP. Sebastião B. Mariano – sebastiaomariano.sp@hotmail.com – Graduando do curso de psicologia da Universidade Nove de Julho- UNINOVE em São Paulo- SP. Luis Jardim – luisfjardim@yahoo.com.br – Graduado e mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP, é psicoterapeuta individual e de grupo. Membro de Fenô & Grupos, é professor e supervisor de Fenomenologia na Universidade Paulista UNIP e Universidade Nove de Julho UNINOVE em São Paulo.

“CONSIDERAÇÕES SOBRE RELAÇÕES DE AJUDA A PARTIR DE UM TEXTO KIERKEGAARDIANO”

Myriam Moreira Protasio (UERJ)*

Soren Kierkegaard denominou de método de comunicação indireta à estratégia que usou para se comunicar com seus leitores, a qual consistia em escrever sob vários pseudônimos com o propósito de aproximar-se do leitor de tal forma que este possa ver a si mesmo no texto lido e, assim, julgar por si mesmo o que está vendo, ou seja, julgar a si mesmo. Nosso objetivo, neste trabalho é tomar um texto do filósofo dinamarquês como um espelho, buscando enxergar as possibilidades de ajuda que aparecem na trama apresentada, de forma a julgarmos nosso próprio modo de fazer psicoterapia. Escolhemos um texto específico de Kierkegaard, datado do ano de 1843 e assinado pelo pseudônimo Constantin Constantius, denominado A repetição. A escolha por este texto se deve por acharmos que na trama descrita encontra-se em questão uma situação que pode ser percebida como uma situação psicoterapêutica, na qual um jovem em sofrimento afetivo-emocional procura um amigo mais velho, para que este o ajude a encontrar uma saída para sua dor. Acreditamos que, na medida em que acompanhamos a trama descrita pelo texto, poderemos problematizar sobre questões concernentes às relações de ajuda, como por exemplo: qual o fundamento usado pelo conselheiro do texto para ajudar o amigo que lhe solicitara ajuda? O que o jovem esperava de seu amigo-conselheiro? Quais as verdades vão aparecendo, tanto para o jovem quanto para o amigo conselheiro? O que o texto nos revela sobre os riscos e possibilidades das relações de ajuda?

Palavras-chave: Soren Kierkegaard; Relação de ajuda; A repetição; Psicoterapia.

*Myriam Moreira Protasio: Doutoranda no Programa de pós-graduação em Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Mestre em Filosofia pela UERJ, Sub-coordenadora do Grupo de pesquisa em Psicologia Clínica UERJ-CAPES, Especialista em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro – IFEN, Sócia fundadora, professora, supervisora, orientadora de monografia e coordenadora de Pesquisa no IFEN. Autora de capítulos de livros e artigos na abordagem fenomenológico-existencial. Atua como Psicóloga Clínica na perspectiva fenomenológico-existencial.

“CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA FORMAÇÃO SACERDOTAL: UMA REFLEXÃO TEÓRICA”

Thais de Assis Antunes Baungart (FAC 3)*

Este trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado cujo objetivo foi estudar a realização de um grupo de crescimento psicológico e suas contribuições para a formação de sacerdotes católicos. Aqui não irei discutir a questão do grupo de crescimento em si, mas sim fazer uma reflexão teórica sobre a contribuição da psicologia para a formação dos futuros padres. Pesquisas recentes apontam para a importância de se estabelecer um diálogo entre a psicologia e formação religiosa/diocesana. Sabe-se que alguns pontos são fundamentais para que o processo de formação seja eficiente: integrar a espiritualidade com o crescimento humano e afetivo se faz extremamente necessário quando se pensa numa formação sacerdotal adequada. Apesar da importância do trabalho de profissionais especializados (como é o caso dos psicólogos) no processo de formação, o que ainda se encontra nos seminários é resistência por parte dos reitores em integrar a psicologia ao trabalho de formação. Por isso, uma discussão sobre as funções e limites dos profissionais no contexto da formação se faz necessária. Cabe ao psicólogo compreender as experiências de seus clientes com os instrumentos teóricos e metodológicos de sua ciência e, aqui, a fenomenologia pode auxiliar enquanto método de trabalho e pesquisa. Uma abordagem verdadeira do religioso pede uma aproximação bem mais complexa e, no fundo, sempre insuficiente no que se refere ao objeto último da religião que é o sagrado. Ao psicólogo da religião cabe sondar as motivações, os sentimentos, os desejos, as compreensões e as atitudes, expressos nos comportamentos religiosos. Em última análise, ele estuda como e por que o homem se religa ao sagrado, como sua realidade espiritual se representa e se expressa nos limites de um determinado espaço e tempo. Seu interesse e objetivo é o de compreender, dinamicamente, a experiência e o comportamento religioso da pessoa como uma vivência que influencia de modo único o seu desenvolvimento pessoal e sua vida. Assim, cabe ao psicólogo, como profissional da saúde, trabalhar as questões emocionais, afetivas e comportamentais que estão envolvidas no processo de formação sacerdotal.

Palavras-chave: Formação sacerdotal; Psicologia da religião; Fenomenologia.

*psicoterapeuta, doutora em psicologia, professora do curso de psicologia da Faculdade Anhanguera Educacional de Campinas unidade 3. Contatos: www.psicologathaisantunes.com.br ou taantunes@uol.com.br

“CONVIVENDO COM A ANGÚSTIA DA CONDIÇÃO HUMANA: A ESTRANHEZA DO MÉDICO FRENTE À MORTE”

Aline Andressa Martinez Mello (UEM),
Lucia Cecília da Silva (UEM)*

Neste trabalho buscamos compreender como os médicos vivenciam o fenômeno “morte” no seu ofício. Para tanto, realizou-se entrevistas com dez médicos do Hospital Universitário de Maringá, que foram analisadas à luz da fenomenologia existencial heideggeriana. Percebeu-se que, embora os médicos tenham a possibilidade mais presente da morte pela própria natureza do seu trabalho cotidiano, o ser-médico se manifesta em experiência de angústia e estranhamento. A vivência no modo impessoal foi bastante presente nos relatos, no qual os profissionais expressaram a falta de apropriar do ser-autêntico, com expressões tais como: “a gente”, “todo mundo”. Segundo Heidegger, enquanto ser-no-mundo, todo homem precisa “ver” seu horizonte existencial, e isso só se torna possível na abertura constitutiva da presença, que todos somos, Dasein ou Ser-Aí, conforme o filósofo. Porém, o dar-se conta do Ser-aí também é uma compreensão do ser finito, e em última instância, ser-para-a-morte. Ao abrir-se para a finitude, o Ser-aí se dispõe em angústia, e para não sofrê-la há uma fuga para a impropriedade, caindo na impessoalidade da existência cotidiana, na qual a morte soa estranhamente. Para lidar “melhor” com a morte, os profissionais citaram a necessidade de espaços, no próprio ambiente de trabalho, para compartilharem as experiências de angústia e impotência, bem como de uma melhor formação nos cursos universitários, nesse sentido.

Palavras-chave: Fenomenologia; Medicina; Morte; Heidegger; Ser-para-morte.

*Aline Andressa Martinez Mello (Acadêmica de Psicologia - UEM – PR – andressa.aline@gmail.com)
Lucia Cecília da Silva (Dr^a em Psicologia, docente do curso de Psicologia - UEM – PR – lcsilva2@uem.br)

“CORPO E SUBJETIVAÇÃO – UMA QUESTÃO DA PSICOLOGIA?”

Joanneliese Lucas de Freitas (UFPR),
Mariana Abuhamad (UFPR),
Paula Arenhart Pundek Rocha (UFPR)*

A presente pesquisa tem como objetivo geral refletir se o corpo pode ser delimitado como categoria conceitual em psicologia e como se dá tal delimitação. Tem como objetivo específico investigar como psicólogos clínicos compreendem e trabalham com o corpo e a corporeidade. A partir de um enfoque qualitativo foram realizadas 20? entrevistas semi-estruturadas com profissionais da cidade de Curitiba. Os dados foram confrontados com um amplo levantamento realizado na literatura sobre a concepção de corpo para a psicologia e analisados a partir de uma perspectiva fenomenológica. Constatou-se que para os psicólogos entrevistados o corpo aparece na prática clínica como concretização do momento psíquico de um sujeito. Dessa forma, certas expressões corporais do paciente permitem aos psicólogos inferir sobre sua psique. Apesar de conceitualmente os psicólogos tentarem romper com a dicotomia corpo e mente, na vivência clínica esse corpo aparece constantemente como reflexo de algo interno, seja um inconsciente, uma psique ou o próprio sujeito. O homem que aparece no discurso dos profissionais entrevistados, como totalidade, apareceu na prática como a mera soma de suas partes. Essas observações nos conduziram a uma reflexão mais aprofundada sobre as convergências e divergências entre a academia e a prática no que concerne o corpo e a corporeidade. Foi possível também perceber uma carência bibliográfica sobre o tema que impõe limitações à prática psicológica, ao psicólogo e a própria compreensão do tema por esses profissionais.

Palavras-chave: Corpo; Corporeidade; Prática Clínica; Pesquisa Fenomenológica.

*Joanneliese Lucas de Freitas, Dra em Psicologia Clínica (UnB), professora adjunta da UFPR / Mariana Abuhamad e Paula Arenhart Pundek Rocha, acadêmicas de psicologia (UFPR)

“DEFICIENTES AUDITIVOS E PSICOLOGIA: RELATOS DO OUTRO LADO”

Heloisa Christina Mehl Gonçalves*

Este trabalho objetivou trazer à tona um assunto que não é muito discutido no âmbito da Psicologia: o atendimento a deficientes auditivos. Durante estágio no Centro Pontagrossense de Reabilitação Auditiva e da Fala Geny Ribas (CEPRAF Geny Ribas), na cidade de Ponta Grossa, Paraná, foi notado que o atendimento a estas pessoas não é tão completo quanto desejado, sendo que existem certas barreiras que dificultam tal atendimento. Através de entrevistas com os profissionais da instituição e revisão bibliográfica sobre a identidade surda, concluiu-se que o profissional de Psicologia deve estar preparado para trabalhar com esta classe de pacientes, participando de cursos de língua de sinais, principalmente; ao mesmo tempo, deve conhecer mais sobre a identidade surda, sendo que há diferentes tipos de surdos – e estas informações não são difundidas na área da Psicologia. Outra barreira verificada para o atendimento foi por parte dos próprios surdos, justamente por não encontrarem psicólogos que saibam entender Libras, a qual é sua língua mãe. Estes dois fatores, em que um indivíduo não conhece a língua do outro, e este outro precisa desta linguagem para se expressar, torna o atendimento a surdos deficiente, e é função dos psicólogos ultrapassar estas barreiras, a fim de que estes pacientes sejam beneficiados e auxiliados.

Palavras-chave: Atendimento; Surdos; Psicologia; Identidade surda.

* Bacharelada do Curso de Psicologia do Instituto Superior de Educação Sant'Ana – IESSA – PONTA GROSSA/PR – BRASIL; email: heloisacmg@hotmail.com

“DESCAMINHOS DA RAZÃO E A CRISE NA CONTEMPORANEIDADE: CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS MODOS DE SER ELEGIDOS PELO CAPITALISMO”

Jean Marlos Pinheiro Borba (DINTER-UERJ-PPGPS & UFMA)*

O capitalismo, em essência, cria e se apropria das tensões e crises que gera. As crises econômica, financeira, social e da subjetividade vivenciadas nos tempos hipermodernos (tempos de excesso) evidenciam a constante atitude natural dos contemporâneos. Faz-se um percurso pelos fundamentos da fenomenologia husserliana apontando-se alguns dos indicativos da crise atual. Crise em Husserl (2008) é fundamental para caracterizar a humanidade e, pode perfeitamente evidenciar também as características da contemporaneidade. A crise de 2008, vivenciada no mundo inteiro, revela até hoje questões clássicas já apontadas pelo filósofo: ausência de fundamentos, descaminhos da razão, opção pelo progresso técnico-científico. Discute-se as estratégias oferecidas pelo capitalismo à humanidade para capturar a subjetividade. A opção por um mundo técnico-científico artificializado, onde há corpos artificializados, felicidade e paz como mercadorias ao lado de subjetividades fluídas, ratificam a permanência da crise, e das alternativas sistêmicas criadas para “burlar” a crise: livros de auto-ajuda, medicina estética, uso compulsivo de medicação, “acalmar” angústias e prolongar a vida, mesmo sem qualidade, ação do pensamento positivo e da unidimensionalidade do homem contemporâneo. Utilizou-se a atitude fenomenológica e as contribuições de frankfurtianos, a fim de “ver direto”, em carne e osso (Husserl), a crise na contemporaneidade. O olhar direto revela um caos criado pelo capitalismo que aumenta a miséria humana via subdesenvolvimento, em essência, retirando-se o (sub) e o (des) do termo desenvolvimento aparecerá a finalidade sistema: lucro a qualquer preço.

Palavras-chave: Fenomenologia; Crise; Contemporaneidade; Capitalismo.

*Jean Marlos Pinheiro Borba profjeanmarlos@yahoo.com.br; profjeanmarlos@ufma.br

“DES-COBRINDO O SILÊNCIO NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA”

Itala Villaça Duarte (Hospital Erasto Gaertner);
Iolanda de Assis Galvão (Erasto Gaertner)*

O atendimento psicológico tem como objetivo propiciar que o indivíduo entre em contato com suas questões e sentimentos, conforme seu campo fenomenal, possibilitando a compreensão e elaboração. Ao psicólogo cabe realizar acolhimento, escuta atenta e psicoterapia de apoio a partir das atitudes facilitadoras de aceitação incondicional, empatia e congruência objetivando o estabelecimento do vínculo terapêutico pautado na autenticidade possibilitando a expressão através da comunicação. O comunicar não se restringe à verbalização, engloba as expressões não-verbais como o lúdico, desenho, e também silêncio. O silêncio como forma de expressão não traz a palavra como foco, porém permite o olhar para o indivíduo como um todo - corpo, postura, gestos e olhares. Desta maneira, o silêncio se apresenta como uma possibilidade de expressão que pode também comunicar conteúdos e sentimentos visto que o que o discurso esconde pode o silêncio revelar. A partir de um estudo de caso num hospital oncológico (PR) foi possível repensar a concepção do que é comunicação e a qualidade da mesma, o que o silêncio comunica, como e o que representa estar em silêncio para o indivíduo e psicólogo dentro do contexto do adoecimento e hospitalização, e as possíveis formas de lidar com ele no atendimento psicológico.

Palavras-chave: Silêncio; Atendimento Psicológico; Vínculo Terapêutico.

*Itala Duarte - residente de Psicologia (itala_duarte@yahoo.com.br); Iolanda Galvão - Psicóloga da Pediatria (iolgalmeister@gmail.com)

“DESDOBRAMENTOS FENOMENOLÓGICOS DO CONCEITO DE EMPATIA”

Rafael Bruno Torres (I.C. - UNIFOR),
Virginia Moreira (UNIFOR)*

Carl Rogers se preocupou com diferentes aspectos do ser humano, de maneira que a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) se apresenta como uma multifacetada área de atuação e pesquisa. Tendo em vista a evolução do pensamento rogeriano, sua teoria foi dividida em fases por alguns de seus comentadores, de acordo com as características mais marcantes de cada uma: Psicoterapia Não-diretiva, de 1940 a 1950; Psicoterapia Reflexiva, de 1950 a 1957; Psicoterapia Experiencial, de 1957 a 1970; Fase Coletiva, ou Interhumana, de 1970 a 1985 e, mais recentemente, desde a morte de Rogers em 1987, a Fase Pós-rogeriana (ou Neo-rogeriana), desenvolvida por autores que trabalham a partir do pensamento de Rogers. Neste trabalho investigamos como o conceito de empatia é compreendido e trabalhado por autores pós-rogerianos. Realizamos uma pesquisa bibliográfica de autores publicados em português. Percebemos que muitas das considerações feitas por Rogers sobre a compreensão empática são retomadas por seus comentadores; outras são, ainda, acrescentadas de novas formulações teóricas. Uma destas reformulações, a clínica humanista-fenomenológica, permite pensar a noção de empatia como meio de acesso ao Lebenswelt (Mundo Vivido) do cliente em psicoterapia. Concluímos que o conceito de empatia, basilar no pensamento rogeriano, tem um potencial clínico fundamental a ser pensado fenomenologicamente, com base na filosofia de Merleau-Ponty, merecendo futuras pesquisas sobre este tema.

Palavras-chave: ACP; Empatia; Fenomenologia; Merleau-Ponty.

*Rafael Bruno Torres Aluno do 9º semestre do curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Bolsista de Iniciação Científica da Fundação Cearense de Apoio a Pesquisa (FUNCAP) durante o período de 2010-2011. E-mail: rafaelbrunotorres@gmail.com Virginia Moreira Professora Titular do Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), onde coordena o APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Psicoterapia Humanista Fenomenológica Crítica. É Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, com Pós-Doutorado em Antropologia Médica por Harvard University. E-mail: virginiamoreira@unifor.br

“DISCURSOS DE PSICÓLOGAS SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UM RELATO DE PESQUISA NO CENTRO MARIA DO PARÁ”

Nathália Dourado F. Costa,
Vitória Cordovil de Almeida (UFPA)*

Nathália Dourado F. Costa e Vitória Cordovil de Almeida (UFPA) Amanda Pereira de Carvalho Cruz (Orientadora) A violência praticada pelo homem contra a mulher é um fenômeno multidimensional, envolvendo as esferas cultural social, física, psicológica. É uma prática, uma ideologia que veicula modelos de masculinidade e de socialização em que é repetida a lógica da hierarquia entre os gêneros. Um dos indicadores que instala e mantém a dinâmica da violência é a premissa de que são homens não requerem práticas de cuidado afetivo, em relação à saúde, etc. Por meio de pesquisa qualitativa exploratória tentamos verificar qual o discurso dos profissionais acerca dos agentes causadores de violência contra a mulher. Ao lado da investigação, delineamos a intervenção como finalidade geral, visando auxiliar a embasar políticas públicas de atendimento aos agentes de violência. Os procedimentos usados foram: A pesquisa foi realizada no Centro de Referência Maria do Pará, criado em 2008, que presta assistência às mulheres em situação de violência. As participantes foram duas psicólogas que atuam no Centro. Após concordarem e assinarem o termo de consentimento livre e esclarecido, responderam a seis perguntas abertas, a partir de um questionário semi-estruturado, que foi norteador da entrevista. O conceito de práticas discursivas de Spink foi utilizado para analisar os discursos. Quanto aos resultados, as participantes responderam que há dominância do gênero masculino sobre o feminino, afirmando que é uma construção histórica e cultural; os homens sentem dificuldade em aceitar mulheres que possuem vidas independentes; não sabem lidar com determinados sentimentos e situações, optando pela violência. Concluímos que é necessário haver programas de atendimento aos agentes causadores de violência, uma vez que desconhecemos na Região Norte haver implementada a política determinada na lei Maria da Penha de atendimento psicossocial para eles. As questões sobre a identidade masculina perduram na face do poder. Por mais que já existam rupturas a este modelo, elas são sutis. As práticas de cuidado aos homens, via de regra estão relacionadas aos serviços relacionados à dependência química, quando a violência é a ela vinculada. São necessárias, portanto, intervenções e políticas específicas para atenção aos homens na medida em que as mulheres desejam manter suas relações conjugais.

Palavras-chave: Violência contra a mulher; Políticas públicas; Masculinidades.

*Nathália Dourado F. Costa: cursa o 5º semestre de Psicologia na Universidade Federal do Pará - nathaliadourado@hotmail.com Vitória Cordovil de Almeida: cursa o 5º semestre de Psicologia na Universidade Federal do Pará - vitoriocordovil@live.com

“ESQUIZOFRENIA E A RESTRIÇÃO DE LIBERDADE NA FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL”

Carla Slomp (Uninove),
Luis Jardim (Unip/Uninove)*

A proposta deste trabalho foi possibilitar um novo olhar para a atuação psicoterapêutica com pacientes esquizofrênicos na abordagem fenomenológico-existencial, considerando a restrição de liberdade nesta patologia e as possibilidades existenciais. O interesse pelo tema deste trabalho surgiu a partir do contato com pacientes esquizofrênicos, no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico Professor André Teixeira Lima, na cidade de Franco da Rocha em São Paulo. Nesta aproximação com a loucura, surgiu o interesse em desmistificar as psicoses e possibilitar um olhar humanizado para os pacientes esquizofrênicos. Assim, a experiência com a loucura, despertou-me para a busca de teóricos que visassem compreender o sentido do sintoma para o paciente, e pensar na autonomia neste modo de existência. Caracterizando, assim, a patologia como um modo de existência do paciente e rompendo com o enquadramento e classificação do modelo médico-tradicional. Entendemos que esta teoria se diferencia das demais, não apenas pelo modo de atuação, mas também pela relação que se estabelece entre paciente e psicoterapeuta, o que acreditamos ser consideravelmente relevante para o progresso no tratamento. Fundamentados na fenomenologia-existencial heideggeriana, partimos de dois relatos clínicos para o desenvolvimento deste trabalho. O primeiro apresentado por Medard Boss e o segundo por Uta Jaenicke, que abordam a restrição da liberdade na esquizofrenia e a relação terapêutica possibilitando um maior entendimento da relevância deste tema para a Psicologia.

Palavras-chave: Esquizofrenia; Liberdade; Fenomenologia-Existencial; Martin Heidegger.

*Carla Slomp - carla_slomp@hotmail.com – Graduada em Psicologia pela Universidade Nove de Julho UNINOVE, e psicoterapeuta em São Paulo. / Luis Jardim – luisfjardim@yahoo.com.br - Graduado e mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP, é psicoterapeuta individual e de grupo. Membro de Fenô & Grupos, é professor e supervisor de Fenomenologia na Universidade Paulista UNIP e Universidade Nove de Julho UNINOVE em São Paulo.

“ESQUIZOFRENIA: UM OLHAR EXISTENCIAL SARTREANO”

Flávia Augusta Vetter Ferri (UNIOESTE)*

Talvez a frase que melhor defina o pensamento existencialista de Jean-Paul Sartre seja a afirmação de que “a existência precede a essência”. Através dela, rejeita-se toda e qualquer forma de abordagem que concebe o homem como um ser preso a uma natureza humana, ou a qualquer outra espécie de determinismo. Sendo assim, a aposta sartriana está em considerar o comportamento humano único e baseado na livre escolha. É através da liberdade que o homem escolhe aquilo que será e assim, realiza sua essência. Sob essa perspectiva, Sartre visa o homem como um ser que, primeiramente, surge no mundo, para somente depois, se definir. Considerando a não existência de fatalismos e considerando também o homem como o único ser responsável pelo seu destino, é possível então pensar na possibilidade de considerar a esquizofrenia uma escolha, um caminho criado pelo indivíduo que não encontra condições de enfrentar situações de extrema angústia. Nesse contexto clínico existencial, o postulado da liberdade humana não pode excluir a consciência alucinada. Supõe-se que, para o indivíduo “esquizofrênico” a realidade seja tão insuportável que a possibilidade de modificá-la não existe, e somente consegue encontrar refúgio em um “outro mundo”, inteiramente imaginário, onde imerso no irreal, repleto de alucinações, é possível manter tudo ao seu controle, uma vez que nele, não se encontra quaisquer coeficientes de adversidade.

Palavras-chave: Sartre; Existencialismo; Esquizofrenia; Liberdade.

*Flávia Augusta Vetter Ferri – Psicóloga Clínica, Especialista em Psicoterapia Fenomenológico-Existencial pelo Centro de Psicoterapia Existencial de São Paulo e Mestranda em Filosofia pela UNIOESTE, sob a orientação do Prof. Dr. Claudinei Aparecido de Freitas da Silva.

“ESTUDO DE CASO SOBRE UM GRUPO MUSICAL SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICO-DIALÉTICA SARTREANA EM PSICOLOGIA”

Ana Teresa Almeida de Souza Lima (UNISUL)*

Geórgia Bunn Santos (UNISUL)

Ilda T. Souza Guiz (UNISUL)

Marina Gomes Coelho de Souza (UNISUL)

Ranieri Cortez (UNISUL)

Trabalho objetivou caracterizar a identidade do grupo musical formado por mulheres provenientes de diversas nacionalidades, em Florianópolis/SC. O grupo desenvolvia trabalho vocal e percussivo em torno de composições próprias, músicas populares de tradição oral de vários lugares do mundo e tinha como desejo inserir-se como profissional no mercado cultural. A pesquisa caracterizou-se pelo método, como qualitativa, com base em seu objetivo, como uma pesquisa descritiva e em termos de procedimentos técnicos, como estudo de caso. Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram: questionário, entrevistas semi-estruturadas aplicadas individualmente, bem como o resgate de informações a partir da experiência de trabalho vivenciada pela autora principal junto ao grupo. Para análise dos dados, orientou-se para as diferentes configurações do grupo sob a perspectiva histórico-dialética sartreana em Psicologia promovendo uma discussão do singular e do universal em uma relação permanente de tensão e dialeticidade, contemplando, assim, múltiplas facetas do fenômeno em estudo. A partir da compreensão do caminho e da forma como o grupo vinha se fazendo no mundo singularmente, concluiu-se entre outros aspectos, que ele transitou por diversas configurações de grupo, desde série ao grupo institucionalizado, de acordo com Sartre (1960). Mesmo diante das condições sociais complexas e excludentes impostas pela conjuntura sócio-política, o grupo perseverou por seis (6) anos. Contudo, à medida que os desejos individuais foram se transformando e as exigências externas foram se asseverando, o grupo não mais conseguiu compartilhar o mesmo projeto comum de profissionalização e não mais se geriu suficientemente a fim de transcender as condições dadas

Palavras-chave: Teoria de grupos em Sartre; Profissionalização artística; Projeto.

* Graduada em Psicologia pela PUC-Rio, Pós-Graduada em Gestão de Pessoas pela Fundação Getúlio Vargas/Sociesc, cursando a Especialização em Psicologia Existencialista Sartreana pela UNISUL. Psicoterapeuta, Orientadora Profissional e consultora organizacional. contato: ana.t.psicologa@gmail.com.

“ÉTICA, CONTEMPORANEIDADE E CUIDADO: A EXPERIÊNCIA VIVIDA EM UMA CLÍNICA-ESCOLA”

Renata Bessa Holanda (UNIFOR),
Ana Maria Ferreira Alves (UNIFOR),
Liliane Brandão de Carvalho (UNIFOR),
Virgínia de Saboia Moreira Cavalcanti (UNIFOR)*

Na contemporaneidade, mesmo imersos em relações sociais egocêntricas, os psicólogos são convocados a assumirem outra postura diante daquele que procura seus serviços. Interrogamo-nos como seria possível desde os primeiros ensaios profissionais, como o caso de estagiários na clínica-escola, desenvolver um trabalho ético pautado no cuidado para com o sofrimento do outro, indo além dessa perspectiva individualista? Como parte do projeto de pesquisa intitulado “O cuidado e as práticas psicológicas: uma discussão ética da experiência vivida numa clínica-escola em Fortaleza”, este estudo, primeiramente, traz uma transposição teórica das linhas tecnicistas de cuidado para uma visão acolhedora dos sujeitos, partindo de uma escuta ética do humano, revelada pelo filósofo Lévinas. Enquanto um estudo qualitativo, realizamos uma revisão bibliográfica dos temas ética e cuidado e uma busca por artigos em periódicos nacionais, nos últimos cinco anos, pela classificação Qualis A, B1, B2 e B3, nos campos da saúde coletiva e psicologia que abordasse a questão do cuidado. Na fase de campo, ainda em construção, entrevistaremos estagiários atuantes na clínica-escola para que revelem sua experiência de cuidado. Embasadas na hermenêutica gadameriana, utilizaremos o método fenomenológico, colocando “entre parênteses” conceitos prévios para promovermos uma verdadeira escuta da experiência vivida destes estagiários. Diante do usuário do serviço da clínica-escola, a postura de intervenção técnica não é suficiente para cuidar da complexidade trazida. Uma postura crítica se faz necessária para um trabalho pautado no cuidado e na ética, produzindo novos encontros nos serviços de assistência e, sobretudo, uma postura responsável e de afetação do futuro profissional.

Palavras-chave: Cuidado; Ética; Contemporaneidade; Hermenêutica.

*Renata Bessa Holanda, graduanda em psicologia da UNIFOR, membro do Laboratório Apheto e bolsista de iniciação científica. renatabessa_h@hotmail.com Ana Maria Ferreira Alves, graduanda em psicologia da UNIFOR, membro do Laboratório Apheto e bolsista de iniciação científica. aninhaalves__@hotmail.com Liliane Brandão de Carvalho, professora do curso de graduação em psicologia da UNIFOR, pesquisadora do Laboratório Apheto e doutoranda em saúde coletiva na Universidade Federal do Ceará. liliane@unifor.br. Virgínia Moreira, professora titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR, coordenadora do laboratório APHETO. virginiamoreira@unifor.br

“EXISTÊNCIA E CORPOREIDADE: A CONDIÇÃO DE DEFICIENTE FÍSICO NUMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA”

Andréa Luiza da Silveira (Unochapecó),
Rita de Cássia Silveira Cambuzzi (Ufscar)
, Rose Silveira Von Hertwig (Psicoterapeuta),
Maria da Piedade Resende da Costa (Ufscar)*

O presente artigo apresenta a corporeidade numa perspectiva da fenomenologia de Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty. Ambos os autores consideram o corpo e o mundo como coextensivos um ao outro e unificados na existência. De Merleau-Ponty adotamos o conceito de esquema corporal e hábito, fundamentados na percepção como consciência originária. E de Sartre empregamos os conceitos de corpo que Eu sou, corpo que Eu tenho e o corpo Para-outro, baseados no entendimento sobre a consciência como fluxo translúcido de mundo. Os conceitos de ambos os fenomenólogos expressam o corpo como psíquico. Os fenômenos humanos como a motricidade, a reflexão, a representação e a percepção são psíquicos. Segundo o preceito de voltar às coisas mesmas a descrição parte da situação à ação e da ação à situação para compreender o significado do ato, tendo em vista que acordamos que todo fenômeno humano se dá em ato. Ademais, a fenomenologia tem contribuído com a discussão sobre a corporeidade tanto no âmbito da educação quanto no campo da saúde apontando para a superação da dicotomia psíquico/corpo e a concepção do corpo máquina. Neste sentido, os autores trazem à reflexão a deficiência física como uma forma de lançar-se no mundo, oferecendo os fundamentos para a intervenção psicológica no caso de uma pessoa com deficiência física. Este fato se deve, haja vista que o deficiente físico adquirido enfrentará algumas mudanças e possivelmente, necessita re-moldar seu esquema corporal levando em conta o corpo que Eu sou, o corpo que Eu tenho e o corpo Para-Outro.

Palavras-chave: Deficiência física; Corporeidade; Fenomenologia; Existencialismo.

*Andréa Silveira, Mestre, Unochapecó deasilveira@gmail.com. Rita Cambuzzi, doutoranda Ufscar ritacambuzzi@yahoo.com.br. Rose Von Hertwig, psicoterapeuta rosevonhertwig@globo.com, Maria da Piedade da Costa, pós-doutora, Professora da Pós-graduação em Ed. Especial da Ufscar piedade@ufscar.br.

“EXPERIÊNCIA VIVIDA DE MÃES DO ADOECIMENTO DO FILHO COM CÂNCER”

Fernanda Gomes Lopes (UNIFOR – APP),
Anna Karynne Melo (UNIFOR),
Anice Holanda (APP).*

Na infância, o câncer se apresenta como uma doença de caráter agudo, chegando a ser considerada uma das causas de morte mais frequentes no Brasil, apesar de ter alta perspectiva de cura quando realizado diagnóstico precocemente e tratamento especializado. Nessa situação, temos que considerar a afetação intensa nos familiares e a importância do papel dos mesmos no tratamento e recuperação do paciente. Este estudo surgiu da pesquisa intitulada: Diagnóstico Precoce do Câncer Infanto-Juvenil: Determinantes Biopsicossociais, realizada num instituto especializado em câncer infantil e, busco compreender a experiência vivida das mães do adoecimento de seus filhos com câncer e que estão em internação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com enfoque fenomenológico. A apreensão das falas foi realizada no serviço de onco-hematologia de um hospital infantil em Fortaleza. Os sujeitos colaboradores foram mães biológicas ou adotivas com idade superior a dezoito anos, acompanhantes de seus filhos. Foram realizadas dezessete entrevistas. Com as falas, surgiram as seguintes categorias emergentes: entendimento da doença, significação do câncer, sentimentos diante dos primeiros sintomas à hospitalização, entre outras. Entendemos que o processo de adoecimento do filho desvela diversos sentimentos e significações que vão se modificando com o entendimento das mães sobre a doença e com as suas próprias experiências. Compreendemos que apesar das mães não terem conhecimento, as mesmas buscam a descoberta do que se passa com os filhos e isso tem como implicação a possibilidade de tratamento e cura dos mesmos, além de aprofundamento de conhecimento desta patologia, o que favorece o andamento do tratamento.

Palavras-chave: Câncer infantil; Experiência vivida; Fenomenologia.

*Fernanda Gomes Lopes, graduanda em psicologia da Universidade de Fortaleza e bolsista de pesquisa do Núcleo Mais Vida da Associação Peter Pan (APP). nandinhagl@hotmail.com. Anna Karynne Melo, psicóloga e professora do curso de graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza e doutoranda em Saúde Coletiva na Universidade Federal do Ceará. karynnemelo@unifor.br. Anice Holanda, psicóloga, coordenadora de pesquisa do Núcleo Mais Vida da Associação Peter Pan (APP). anice_holanda@hotmail.com.

“FENOMENOLOGIA E GRUPOS: EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO TERAPÊUTICO COM ADOLESCENTES EM INSTITUIÇÃO DE SAÚDE”

Natalia Campos Bernardo (UNINOVE),
Luana de Santana Oliveira (UNINOVE),
Luis Jardim (UNIP/UNINOVE)*

O atendimento psicoterápico em grupo é uma modalidade clínica que pode trazer benefícios significativos em instituições que apresentam grande demanda de atendimento. O presente trabalho é resultado da experiência de atendimento em grupo a adolescentes em uma instituição de saúde, que conta com grande número de pacientes associados e familiares, sendo em sua maioria idosos e adolescentes. Após a análise da demanda em psicologia, percebemos que muitos pacientes adolescentes não contavam com atendimento psicológico devido à grande fila de espera. Entendemos que a adolescência é um momento de grandes transformações e descobertas de mundo para os jovens. Em outras palavras, as relações se rearticulam e reconfiguram de modo bastante intenso. Um grupo terapêutico, em que as diferenças e particularidades de cada um são aceitas e acolhidas, poderia ser uma rica possibilidade de troca e apropriação de si mesmo. Fundamentada na Fenomenologia-Existencial heideggeriana, a terapia de grupo é um espaço terapêutico que possibilita a auto-revelação e a compreensão dos modos de ser dos pacientes, a partir das relações entre os membros no aqui-e-agora. O homem é entendido a partir do mundo no qual está inserido, isto é, das suas relações e de como as compreende. Sendo assim, a terapia em grupo em Fenomenologia se constitui como um espaço aberto de relação em que o modo de ser de cada membro pode se revelar, abrindo a possibilidade de ser apropriado e trabalhado pelo paciente. O grupo terapêutico a adolescentes aconteceu em encontros semanais com duração de uma hora, tendo como requisito pacientes entre 12 e 17 anos de idade, independente do sexo. Nos grupos, os adolescentes puderam se apropriar do espaço da terapia como um lugar para compartilhar experiências e ser escutado nas questões que os mobilizavam. Para a instituição, a criação do grupo pode proporcionar atendimento psicológico aos associados que não tinham a experiência de grupo e aos que já contavam com atendimento individualizado. Com isso, buscou-se melhorias no âmbito qualitativo e quantitativo dos atendimentos, aumentando o número de adolescentes assistidos e melhor qualidade de escuta destes.

Palavras-chave: Psicoterapia de Grupo; Fenomenologia-existencial; Adolescentes.

*Natalia Campos Bernardo – na.bernardo@hotmail.com – Graduanda do 9º semestre de psicologia da Universidade Nove de Julho- UNINOVE em São Paulo- SP. Luana de Santana Oliveira – oliveiralua.88@hotmail.com – Graduanda do 9º semestre de psicologia da Universidade Nove de Julho- UNINOVE em São Paulo- SP. Luis Jardim – luisfjardim@yahoo.com.br – Graduado e mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP, é psicoterapeuta individual e de grupo. Membro de Fenô & Grupos, é professor e supervisor de Fenomenologia na Universidade Paulista UNIP e Universidade Nove de Julho UNINOVE em São Paulo.

“FENOMENOLOGIA E HERMENEUTICA NA PESQUISA EM SAUDE COLETIVA: DIÁLOGOS, INTERROGAÇÕES E POTENCIALIDADES.”

Anna Karynne da Silva Melo (UNIFOR/UFC),
Liliane Brandão Carvalho (UNIFOR/UFC),
Maria Lucia Magalhães Bosi (UFC)*

O campo da saúde coletiva tem tomado como referência a fenomenologia e a hermenêutica como caminhos para análise da experiência dos sujeitos. De qual fenomenologia trata a saúde coletiva? E quanto à hermenêutica ou hermenêutica fenomenológica? Como sujeito e mundo dialogam e se entrecruzam? A fenomenologia e a hermenêutica se inscrevem no âmbito das teorias da significação. Naquela, o privilegio recai na descrição dos significados, a partir da epoque husserliana. A hermenêutica, sem negar a fenomenologia, busca a reconstituição do sentido e considera o compreender como condição da interpretação. Este trabalho intenta aprofundar a discussão do lugar da fenomenologia e da hermenêutica e suas interfaces na pesquisa em saúde coletiva. Na fenomenologia, o *Lebenswelt* é ponto de partida e chegada. O sujeito que fala e sua intenção continua presente no decorrer da interpretação. Na hermenêutica, o texto ganha autonomia em relação à intencionalidade do autor. A questão que se coloca é a relação entre a intenção do sujeito e o significado do dito, privilegiando a liberdade do interprete. Ambas enfatizam o compreender explicitativo, que difere da mera explicação e já implica interpretação. Têm como imprescindível a experiência e a necessária suspensão para dar-se conta dos pré-conceitos, cujo privilégio é a busca do significado daquilo que se apresenta como fenômeno, possibilitando a apreensão das coisas que se apresentam a nós, pesquisadores. Enquanto condição de possibilidade de um compreender enraizado no mundo, desenvolver pesquisas na saúde nesses referenciais é uma atitude permanente de re-significação que abrem um modo de ser no mundo.

Palavras-chave: Fenomenologia; Hermenêutica; Interpretação; Pesquisa; Saúde.

*Anna Karynne da Silva Melo, doutoranda, professora de graduação do curso de psicologia. Liliane Brandão Carvalho, doutoranda, professora de graduação do curso de psicologia. Maria Lucia Magalhães Bosi, doutora, professora da pós-graduação em Saúde Coletiva.

“GRUPO DE ESCUTADORES: UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA”

Pedro Vitor Barnabé Milanesi (Centro Universitário Herminio Ometto - Uniararas)*

Trata-se de um relato de experiência de um grupo-oficina que teve por objetivo discutir, vivenciar e refletir significativamente sobre o ouvir. O grupo era composto de 12 pessoas que participam ativamente de comunidades religiosas e coordenado por dois psicólogos e uma pessoa que já fizera a oficina em anos anteriores. O ouvir foi refletido a partir da ética humanista de valorização do outro e permissão da autonomia, reconhecendo e aceitando o outro numa relação entre iguais. Ao final de cada um dos 24 encontros, foi pedido para que os participantes escrevessem versões de sentido, relatos livres com o objetivo de captar a reação viva da pessoa após cada encontro. Ao final da oficina foram realizadas entrevistas com cada participante com o objetivo de dar e receber devolutiva sobre o processo vivido. A partir do relato dos participantes, de observações da equipe e das versões de sentido, foi possível compreender que, para os participantes, a vivência do grupo foi percebida como um novo horizonte de relacionamento seja familiar, com os amigos ou nas comunidades religiosas que pertencem. Por fim, entende-se que o ouvir, tal como discutido e vivenciado nas reuniões foi sentido como uma orientação e uma mudança de atitude frente ao outro que se apresenta, seja ele íntimo ou não. Os relatos também apontam para uma vivência comunitária diferente, na qual a dimensão pessoal se faz presente nas discussões, no (con)viver e na solução dos problemas.

Palavras-chave: Comunidade religiosa; Ouvir; Grupo; Aprendizagem significativa.

*Psicólogo e Mestre em Psicologia pela PUC-Campinas, docente do Curso de Psicologia da Uniararas.

“HEIDEGGER E AS CONTRIBUIÇÕES DAS AFINAÇÕES PARA A PRÁTICA CLÍNICA”

Luis Jardim (Unip/Uninove)*

Ao longo da filosofia de Martin Heidegger, a contribuição mais explícita para a prática clínica encontra-se na obra Seminários de Zollikon. Nestes seminários, voltados para psiquiatras e médicos, suas contribuições enfatizam a importância das afinações (Stimmung). Neste trabalho, pretendemos apresentar uma aproximação da prática terapêutica e das afinações, também conhecidas como “humor”. Juntamente com a compreensão e a fala, a afinação é um constituinte ôntico-existencial da abertura fundamental que nós mesmos somos. Isto implica que a abertura, pela qual podemos compreender os entes que vêm ao nosso encontro no mundo, já está tonalizada a todo o momento por uma determinada afinação. Estamos sempre afinados e as afinações dão o tom da compreensão, compreendemos somente a partir de uma afinação. Em outras palavras, são as afinações que determinam como nos relacionamos com os outros e entendemos o mundo ao nosso redor. As afinações determinam as características pelas quais nos reconhecemos e reconhecemos o outro e ao mundo, elas transpassam o ser-com desde o princípio. Neste sentido, na relação terapêutica, a percepção que temos do paciente é sempre tingida por uma afinação, assim como somente acessamos a compreensão de mundo do paciente e de suas relações a partir da identificação das suas principais afinações. As afinações são o fundamento originário das emoções, da vontade e do querer, assim como do corporificar da nossa existência, inclusive posturas e sintomas. Identificar as afinações do paciente significa se aproximar do determinante das suas relações de mundo, e abrir a possibilidade de apropriação destas.

Palavras-chave: Afinação; Martin Heidegger; Prática clínica; Relação terapêutica.

*luisfjardim@yahoo.com.br – Graduado e mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP é psicoterapeuta individual e de grupo. Pertence a equipe de Fenô & Grupos e é professor e supervisor de Fenomenologia na Universidade Paulista UNIP e Universidade Nove de Julho UNINOVE em São Paulo.

“IMPASSES, DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE UMA CLÍNICA SARTRIANA.”

Fernanda Alt,
Carolina Mendes Campos (IFEN)*

Refletir sobre a possibilidade de uma clínica fenomenológico-existencial é ainda hoje um grande desafio para os profissionais e estudiosos deste campo. Por se tratar de um trabalho que parte da filosofia, este se revela por vezes mais árduo, ao se mostrar carente de pressupostos psicológicos propriamente ditos. No entanto, esta carência, longe de ser um impedimento, abre espaço para pensarmos em uma clínica desembaraçada das amarras científicas e positivistas que impregnaram a psicologia desde o seu nascimento. Diante desta possibilidade, destacamos dentre as filosofias fenomenológicas e existenciais a de Jean-Paul Sartre, devido à constante preocupação presente em sua extensa obra de considerar criticamente as teorias psicológicas. Porém, apesar de o próprio Sartre estabelecer um diálogo com a psicologia que aponta um “caminho a seguir”, ele não se torna, por isso, mais fácil. O que entrevemos é que tal diálogo se mostra arriscado quando há uma espécie de “importação” de conceitos filosóficos ao engessado molde psicológico, o que acaba por gerar conseqüências teóricas que transbordam necessariamente na prática clínica. É diante deste panorama que pretendemos, neste artigo, levantar algumas considerações sobre o desafio de pensar e realizar uma psicologia fenomenológico-existencial, tendo em vista a importância de sustentar o caráter crítico do qual ela é oriunda. Para tal, discutimos o problema da “importação” de conceitos por via de noções fundamentais do pensamento de Sartre, como liberdade, escolha, responsabilidade e má-fé.

Palavras-chave: Fenomenologia; Existencialismo; Psicologia clínica.

*Fernanda Alt é psicóloga clínica, Mestre em Psicologia Social pela UERJ, e graduada em Psicologia pela PUC-Rio. Foi professora substituta da UFRJ e atualmente dá aulas sobre existencialismo na Especialização em Psicologia Clínica do IFEN e em outros cursos de especialização. Email: fernandaalt@gmail.com Carolina Mendes Campos é psicóloga clínica e doutoranda em Psicologia Clínica pela PUC-Rio. Tem Mestrado e Graduação em Psicologia também pela PUC-Rio. Atualmente é professora da Especialização em Psicologia Clínica do IFEN. Email: carolinamendescampos@gmail.com

“INFÂNCIAS NO PLURAL: URGÊNCIA POR NOVOS DEBATES”

Zuleica Pretto (UFSC/UNISUL)*

Tradicionalmente a infância tem sido entendida por concepções universais, desenvolvimentistas, naturalizantes que, muitas vezes, tenderam a ser psicopatologizadoras, por respaldarem a infância como etapa do não-saber, do ainda-não, do déficit e incompletude, inferioridade e submissão, das minorias, dos incapazes. No complexo cenário da contemporaneidade se impõe novamente a indagação sobre a infância e as crianças. Parece que este conceito não pode mais desconsiderar o atravessamento de diferentes categorias sociais: gênero, geração, raça, etnia, geografia, tampouco, negar que família, escola e serviços de saúde contribuem para sua elaboração. Este trabalho propõe um debate sobre a temática, com base em teorias que defendem as crianças como atores do cotidiano, com participação social importante. Entende-se que a teoria sartreana pode contribuir com tal debate a partir de alguns entendimentos - da infância como um acontecimento histórico, produto de uma complexa dialética do tecido social, diferenciada conforme tal tecido o que leva a impossibilidade de falar de uma infância, mas de infâncias, rompendo com a noção de naturalização/determinação; de que as crianças forjam o seu ser a partir de um confronto de projetos posto pelo seu contexto familiar e sua rede de relações, constituindo seu projeto de ser como uma realidade nova, rompendo com a visão adultocêntrica. Esse debate se faz importante em relação às práticas profissionais, por poder dar subsídios para novas ações, e à pesquisa, onde o interesse recai não somente no olhar institucional que fala da criança, mas que se dê desde as próprias crianças, legitimando suas vozes.

Palavras-chave: Infâncias; Participação Social; Sartre.

*Zuleica Pretto - doutoranda em Psicologia pela UFSC, docente do Curso de Psicologia da UNISUL, psicoterapeuta com base na Psicologia Sartreana.

“INTERVENÇÕES GESTÁLTICAS COM JOVENS AUTISTAS NA EQUITAÇÃO TERAPÊUTICA A PARTIR DE CAMPOS RELACIONAIS”

Fabiana De Zorzi (UNIFOR),
Georges Daniel Janja Bloc Boris (UNIFOR)
Miguel Angel Liello (UNISC)*

A concepção de homem proposta pela gestalt-terapia, existencial por excelência, bem como o método fenomenológico e seus antecedentes filosóficos, permitem um entendimento do homem como campo relacional, pressupondo a criação de um vínculo terapêutico a partir das relações de campo e do mundo-vivido. Este trabalho tem por objetivo discutir as intervenções gestálticas como uma possibilidade de desenvolvimento das fronteiras de contato de crianças e jovens autistas por meio da equitação terapêutica. A equitação terapêutica é uma modalidade da equoterapia, cuja ênfase se concentra no desenvolvimento das emoções. Ao mesmo tempo em que o cavalo propicia andar sobre ele, estabelece-se um pacto com o jovem: um se deixa conduzir pelo outro e vice-versa. Há momentos em que o cavalo assume a iniciativa, despertando no jovem autista um estado de percepção de mudança e possibilidade de iniciativa. A vontade do cavalo ou a própria atividade proposta pelos “facilitadores” do processo, da psicóloga ou da equipe em questão induz o jovem autista a ajustamentos criativos. Por meio do contato com o cavalo e entre os campos relacionais da gestalt-terapeuta e do jovem autista, cria-se um novo campo de relação. Tal experiência é capaz de possibilitar um alargamento das fronteiras de contato das crianças e jovens autistas. Assim, o contato terapêutico estabelecido se torna uma awareness do campo e do mundo-vivido.

Palavras-chave: Gestalt-Terapia; Autismo; Equitação Terapêutica; Campo Relacional.

*Fabiana De Zorzi (gestalt-terapeuta, mestranda, contato@fabianadezorzi.com), Georges Boris (gestalt-terapeuta, doutor, geoboris@uol.com.br), Miguel Angel Liello (gestalt-terapeuta, mestre, miguelliello@viavale.com.br)

“INTRODUÇÃO CRÍTICA AOS FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA EXISTENCIAL”

Alessandro Gemino*

Ao longo de sua constituição, a psicologia recebeu influências de diversos saberes, uma característica que fundamenta seu pluralismo. Dentre esses saberes, destacamos as chamadas "filosofias da existência". Composta por autores muitas vezes contraditórios, podemos todavia destacar uma preocupação em comum: romper com a metafísica e com o discurso científico para olhar a existência humana concreta, complexa e irreduzível a qualquer tentativa de objetivação. Este enraizamento na existência concreta possibilitou então o diálogo dos filósofos com artistas de diversas manifestações. Escritores como Camus, cineastas como Bruñel, pintores como Dali foram alguns que se afinaram com o movimento de reflexão trazidos pelos filósofos da existência. O trabalho ora proposto se divide em três partes: a) Por que "filosofias da existência?"; b) Kierkegaard e Sartre e c) Filosofias da existência e fenomenologia. Na primeira parte o objetivo será a apresentação, breve, de alguns exemplos clássicos de pensadores que dedicaram sua atenção à existência concreta, tendo como fundo a história da filosofia. A segunda parte tem como foco circunscrever o horizonte em questão mostrando sua complexidade, uma característica que faz confluir autores aparentemente divergentes entre si, mas que, em seu conjunto, têm a existência concreta como tema. Dois autores serão o ponto de partida e auxiliarão a delinear semelhanças e diferenças entre os autores: Kierkegaard e Sartre. Finalizaremos o curso apontando algumas intercessões entre as filosofias da existência e a fenomenologia, pontuando especialmente as possibilidades de diálogo entre essas duas escolas que muitas vezes se confundem, mas sem se fundirem.

Palavras-chave: Filosofias da Existência; Epistemologia; História da Psicologia.

*Alessandro Gemino (alessandrogemino@gmail.com)

“JOGANDO PHANTASY STAR: TRAJETÓRIA COMPREENSIVA AO SENTIDO DE JOGAR VIDEOGAME”

Thiago de Paula Cruz,
Henriette Tognetti Penha Morato (USP)*

Esta pesquisa parte do problema acerca do sentido de jogar videogame. Estudos sobre videogame nunca foram muitos na área acadêmica, todavia vemos um crescimento na preocupação séria com o tema nos últimos anos com os game studies que englobam estudos interdisciplinares vários. O objetivo deste trabalho é compreender como é jogar videogame com base em um relato referente à experiência em Phantasy Star . Propõe-se a utilização do método fenomenológico como forma de análise dos dados e um diálogo com autores que corroboram com esta perspectiva de pesquisa e autores da área dos videogames. Com esta pesquisa, busca-se contribuir com a psicologia do Brasil além dos game studies de modo geral. E, não obstante, ser uma fonte para a reflexão acerca de estereótipos promovidos pela mídia e muitas vezes corroborados por cientistas sobre jogadores de videogame. Após a compreensão hermenêutica do relato composto pela descrição de diversas sessões de jogo, desvelaram-se três momentos essenciais ao jogar: pre-ludere (ou prelúdio); in-ludere (ou estar-em-jogo) e o pos-ludere (ou poslúdio). O primeiro compreende aquele momento inicial em que somos seduzidos pelo jogo; o segundo, aquele em que estamos sendo jogados pelo jogo; e o terceiro, aquele em que nos despedimos do jogo e pensamos em algum outro para nos aventurarmos nele.

Palavras-chave: videogame, jogo, phantasy star, experiência, fenomenologia

*Thiago de Paula Cruz: Mestre em Psicologia Escolar e Desenv. Humano pela USP. Redator e criador da coluna Academia Gamer no blog sem fins lucrativos Gagá Games que fomenta diálogo e reflexão entre jogadores. E-mail: tpc_psico@yahoo.com.br Henriette Tognetti Penha Morato: Pós-Doutora em Psicologia pela Universidade Paris 7. Professora doutora da Universidade de São Paulo e coordenadora do LEFE do Instituto de Psicologia da USP. E-mail: hmorato@usp.br

“MEDIACÕES SOCIOLÓGICAS: UMA ANÁLISE EXISTENCIALISTA DE TRAJETÓRIAS ESCOLARES EM MEIOS POPULARES”

Ranieri Cortez (UNISUL)*

Com este trabalho objetivamos investigar como a rede sociológica mediou as trajetórias escolares de alunos egressos de uma escola pública que ingressaram na Universidade Federal de Santa Catarina. Originários de famílias com baixa escolarização e providas de pequeno capital cultural, os sujeitos pesquisados transcenderam à condição da reprodução social vigente em seu meio, obtendo o êxito acadêmico considerado como pouco provável nestes estratos sociais. Para empreendermos esta pesquisa caracterizada como estudo de caso, partimos da contextualização histórica da educação na cultura ocidental, discutimos algumas particularidades da história da educação no Brasil, para então utilizarmos o enfoque da psicologia existencialista sartreana. Para que esse objetivo fosse alcançado, utilizamos o método da pesquisa exploratória e qualitativa, com entrevistas semi-estruturadas realizadas em dois alunos de uma escola pública, seus pais e quatro professores desta instituição. Os dados coletados a partir das entrevistas foram submetidos à análise de conteúdo com base em categorias estabelecidas a priori, relacionando a descrição de suas trajetórias e desempenhos escolares, assim como particularidades de suas vidas e de sua rede sociológica. Ao finalizar esta pesquisa, pudemos concluir que alguns fatores como a dedicação pessoal, a mediação promovida pelas redes sociológicas, a definição precoce e seu efetivo engajamento em um projeto de futuro são pré-condições essenciais para o êxito escolar nos meios populares.

Palavras-chave: Reprodução Social; Existencialismo; Projeto de Futuro, trajetórias escolares.

* Acadêmico da UNISUL. Contato: raniericortez@yahoo.com.br.

“NA TERAPIA COM FERNANDO”

Luana Dallo,
Marcia Techy Iastrenski*

A psicoterapia, objetiva aliviar o sofrimento do cliente. A abordagem existencial destaca a sua importância tanto para suavizar a dor, como também, ajudar o indivíduo em seu crescimento pessoal facilitando o encontro deste com a autenticidade da sua existência. O atendimento infantil, na ótica fenomenológico-existencial, desenvolve-se em condições de uma maior liberdade prática e menor rigidez em relação às técnicas, o fenômeno é o mais importante, ou seja, a pessoa assim como se apresenta. O objetivo é relatar um atendimento psicoterápico de um garoto de 8 anos na Clínica Escola da Faculdade Guairacá, na cidade de Guarapuava (PR), com queixa de medo de escuro, dormir sozinho, ir ao banheiro sozinho e problemas referentes a separação dos pais. Realizou-se 12 atendimentos semanais, além de uma visita escolar e outra no domicílio da criança para um conhecimento da relação familiar e social. Os atendimentos foram em clima de aceitação e abertura, com o objetivo de compreender a trama existencial na vida de todos os envolvidos. Comunicou-se ao cliente sobre o sigilo e a segurança das informações prestadas. Dentre as técnicas utilizadas, foi desenvolvido com a criança, sessões de observação lúdica, família pedagógica, técnicas e argila. Alcançaram-se resultados positivos em relação à queixa, e nas questões que surgiram no decorrer dos atendimentos, a criança teve coragem para sair no jardim à noite, dormir em cama separada da mãe e aparentou aceitar melhor a separação dos pais, bem como falar de seus sentimentos e representá-los através de desenhos.

Palavras-chave: Existencialismo; Fenomenologia; Infantil; Psicoterapia.

*Luana Dallo luana@aol.com.br marcia Techy Iastrenski marciaiastrenski@gmail.com

“NOVOS OLHARES: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA EXISTENCIALISTA EM UMA COMUNIDADE TERAPÊUTICA”

Ranieri Cortez (UNISUL)*

O fenômeno do uso de drogas e as conseqüências que envolvem seu consumo abusivo e o comércio ilícito constituem um dos graves problemas da saúde pública brasileira. Dentre as instituições responsáveis por esse assunto, as Comunidades Terapêuticas destacam-se pela sua rápida proliferação e pelo distanciamento do controle efetivo de suas práxis. Mesmo cumprindo um serviço assistencial e filantrópico de grande valia para a sociedade constitui-se como um contraponto ao movimento de desinstitucionalização promovido na área da saúde. Seus resultados práticos e o alcance de suas ações aguardam um olhar crítico dos profissionais da área da saúde em geral e da psicologia em particular. Tal olhar crítico poderá sistematizar e homogeneizar suas práticas objetivando uma melhor regulamentação e aperfeiçoamento do atendimento ao usuário. Será aqui relatada uma experiência de trabalho como psicólogo durante seis meses em uma Comunidade Terapêutica direcionada para adolescentes. Tal experiência se refere aos atendimentos individuais, grupais, atendimentos de funcionários e observações do campo de trabalho durante a prática profissional. Esta prática psicológica e posterior análise dos dados obtidos se deram sob os fundamentos da Psicologia Fenomenológica Existencialista Sartreana. O trabalho realizado nesta instituição caracterizou-se por meio de enfrentamentos e contradições com as diretrizes das políticas públicas, ou seja, estes estavam diante de racionalidades que se distanciava da perspectiva da saúde, desconsiderando outros elementos que também são constituintes da compreensão da integralidade da saúde humana.

Palavras-chave: Psicologia existencialista; Comunidade Terapêutica; Políticas Públicas.

*Ranieri Cortez (raniericortez@yahoo.com.br)

“O CARÁTER TERAPÊUTICO DA FALA NA DASEINSANALYSE”

Keyla da Cunha Paes Barreto (UNINOVE),
Luís Jardim (UNIP/UNINOVE)*

Em um processo terapêutico, o paciente traz questões para serem trabalhadas, verbalizando angústias e sofrimento para lidar com elas ou aliviá-las. Cotidianamente, não se encontra tempo para explorar o novo, permitir e reconhecer o diferente, elaborar escolhas e conseqüências, caracterizando um distanciamento de si mesmo. Para a Daseinsanalyse heideggeriana, a relação terapêutica pode ajudar a romper com essa distância do discurso cotidiano a partir do sentido da fala. Neste trabalho, buscamos compreender o papel da fala do paciente no processo terapêutico como facilitador de auto-reflexão, ressignificação e possíveis mudanças. A fala é percebida na Daseinsanalyse como integrante da experiência no mundo e extensão do nosso corpo. É a partir da fala que o sentido do discurso se mostra e pode abrir para que o paciente lide com as questões que permeiam sua existência. Entendemos a palavra como pensamento, como manifestação dos modos de ser conhecidos ou não que fundamentam nossas escolhas, desejos e questões, ainda que pouco elaborados. Para a Daseinsanalyse, o discurso do paciente já está inserido em uma relação, na medida em que ele carrega uma fala para uma escuta terapêutica atenta ao sentido que carrega. É uma fala que se destina a ser escutada. A fala “direcionada” para a escuta do terapeuta (e de si mesmo) parece ser um elo na relação terapêutica que permite que o sentido se mostre e possa ser apropriado pelo paciente. Através da expressão de seu modo de ser, o analisando já coloca em prática a possibilidade de mudança e, já inserido neste processo, por vezes, não se dá conta que esta reorganização e movimento de transformação estão ocorrendo. No discurso, o paciente organiza seus conteúdos para expressá-los e ao, mesmo tempo, ouve a si próprio e reorganiza o que acabou de dizer novamente. Escutar a si mesmo a partir de si mesmo é um passo para que o paciente possa se aproximar de como está conduzindo sua existência e apropriar-se do seu modo de ser. Mais apropriado de si, o paciente pode se responsabilizar pela própria existência e ser mais livre para decisões mais próprias, menos esquecidas de si mesmo.

Palavras-chave: Daseinsanalyse; Fala; Relação Terapêutica.

*Keyla da Cunha Paes Barreto–keylapaes@ig.com.br. Estudante do 9º semestre de psicologia da Universidade Nove de Julho- UNINOVE em São Paulo- SP. Luis Jardim – luisfjardim@yahoo.com.br. Graduado e mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP, é psicoterapeuta individual e de grupo. Membro de Fenô & Grupos, é professor e supervisor de Fenomenologia na Universidade Paulista UNIP e Universidade Nove de Julho UNINOVE em São Paulo.

“O CONCEITO DE JOGO PARA BUYTENDIJK E GADAMER: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA”

Thiago de Paula Cruz*

A presente pesquisa tem por objetivo elucidar alguns aspectos concernentes ao fenômeno do jogo presente nas obras de dois autores que se embasam na fenomenologia ao realizar suas descrições e em que isto pode auxiliar pesquisas psicológicas sobre o tema. Gadamer, filósofo alemão, ocupou-se da questão do jogo em obras como "Verdade e Método" e "A Atualidade do Belo" para tentar compreender a arte de uma maneira mais originária. Já Buytendijk, psicólogo holandês, debruçou-se sobre a problemática do jogo por ela mesma e, embora seja pouco discutido hoje, é evidente que suas considerações sobre o jogo auxiliaram Huizinga em suas agora clássicas reflexões expostas em seu mais conhecido livro chamado Homo Ludens. Para entendermos melhor a perspectiva fenomenológica sobre a questão do jogo, utilizamos o próprio método fenomenológico e hermenêutico para compreender suas descrições. A justificativa da presente investigação reside na importância que o problema do jogo ainda apresenta à Academia. A relevância está em estabelecer as bases para uma compreensão fenomenológica de jogo que permita uma (re-)fundamentação das discussões sobre o ludere em diversas áreas e, em especial, na psicologia. Ao final, percebemos que: jogar é algo essencial ao ser humano; somos jogados pelo jogo em um contínuo vaivém; ele se desenrola como jogo; o sujeito de toda situação de jogo não é o jogador e que jogar é lançar-se a um outro mundo temporariamente.

Palavras-chave: Jogo; Fenomenologia; Buytendijk; Gadamer; Psicologia.

*Thiago de Paula Cruz: Mestre em Psicologia Escolar e Desenv. Humano pela USP. Redator e criador da coluna Academia Gamer no blog sem fins lucrativos Gagá Games que fomenta diálogo e reflexão entre jogadores. E-mail: tpc_psico@yahoo.com.br

“O CUIDADO E AS PRÁTICAS PSICOLÓGICAS: O DIÁLOGO EM UMA CLÍNICA-ESCOLA.”

Ana Maria Alves (UNIFOR),
Renata Holanda (UNIFOR),
Liliane Carvalho (UNIFOR/UFC),
Virginia Moreira (UNIFOR)*

As práticas psicológicas disponibilizam na clínica um atendimento onde o profissional dispõe-se a acolher o sofrimento do paciente. Preocupado com a técnica utilizada, o psicólogo num serviço de psicologia clínica corre o risco de preterir a relação com o usuário. Considerando o psicólogo como profissional de saúde, partimos de uma dimensão ética do conceito de cuidado e problematizamos o estar a serviço do outro, em que cuidado é entendido como respeito à alteridade, escuta, afetação e acolhimento integral do sujeito enquanto totalidade. Indagamo-nos como ocorre este fazer clínico na clínica-escola, espaço propiciador da formação crítica, onde o estagiário anseia colocar em prática o conhecimento apreendido durante a graduação. Objetivamos compreender o cuidado na experiência vivida do estagiário em clínica no Serviço de Psicologia Aplicada SPA/NAMI – Universidade de Fortaleza. Utilizamos a abordagem da pesquisa qualitativa com o método fenomenológico hermenêutico, tendo como técnica a entrevista semi-estruturada. A revisão bibliográfica nos periódicos nacionais, dos últimos cinco anos com Qualis A, B1, B2 e B3 nos campos da saúde coletiva e psicologia, permitiu encontrarmos o cuidado enquanto categoria ontológica e na prática, como uma atitude crítica nas relações constituintes dos serviços de saúde. Percebemos a necessidade do cuidado fazer-se presente na relação estagiário-paciente como uma atitude de respeito para com o outro, visando uma relação de pessoa para pessoa, concretizando um atendimento eficaz. Ressaltamos que este trabalho constitui parte de uma pesquisa maior intitulada “O cuidado e as práticas psicológicas: uma discussão ética da experiência vivida numa clínica-escola em Fortaleza”, em andamento.

Palavras-chave: Cuidado; Psicologia Clínica; Clínica-Escola; Formação; Pesquisa Qualitativa.

*Ana Maria Ferreira Alves: graduanda em psicologia da Universidade de Fortaleza, membro do Laboratório APHETO e bolsista de iniciação científica (PROBIC/FEQ/UNIFOR). aninhaalves__@hotmail.com; Liliane Brandão Carvalho: professora do curso de graduação em psicologia da Universidade de Fortaleza, pesquisadora do Laboratório APHETO e doutoranda em saúde coletiva na Universidade Federal do Ceará. liliane@unifor.br; Renata Bessa Holanda: graduanda em psicologia da Universidade de Fortaleza, membro do Laboratório APHETO e bolsista de iniciação científica. renatabessa_h@hotmail.com; Virginia Moreira: professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, coordenadora do Laboratório APHETO, pós-doutora em Antropologia Médica pela Harvard University. virginiamoreira@unifor.br

“O DESDOBRAMENTO DA NOÇÃO DE ESTRUTURA NOS DOIS PRIMEIROS TRABALHOS DE MERLEAU-PONTY”

Vitor Vasconcelos de Araújo (UNIFOR),
Virginia Moreira (UNIFOR)*

A filosofia de Merleau-Ponty, em seus primeiros trabalhos, situa-se precisamente na crítica das antinomias modernas, sustentadas pelos referenciais empiristas e intelectualistas. As duas primeiras publicações do filósofo francês têm a intenção de revisão das teorias filosóficas modernas, orientando-se a partir do cenário cartesiano europeu. A partir dessa questão, há o desenvolvimento de duas obras que divergem enquanto método, mas que têm uma convergência filosófica como projeto de re colocação dos fundamentos da filosofia e da psicologia em bases conceituais distintas das propostas oferecidas pela academia moderna. A noção de estrutura se caracteriza pela ideia de que a experiência de um organismo se constitui enquanto totalidade, somente encontrando sentido atuando em conjunto com suas partes, estabelecendo relações funcionais entre si. Esta noção orienta a crítica potyana em favor de uma redefinição do lugar do sujeito epistemológico moderno. Já na obra subsequente, a noção de estrutura não é totalmente abandonada em favor de outra concepção. Nela temos a noção de corpo próprio como participante de uma nova forma de constituição do contato do homem com o mundo, onde sai da condição de objeto e passa a integrar a estrutura da experiência humana. Temos, portanto, a formação de uma nova unidade, com a noção de corpo próprio, valendo-se de um elemento já existente, que é a noção de estrutura. Este trabalho tem por objetivo, a partir de uma pesquisa bibliográfica, defender a ideia de que a noção de estrutura não foi renunciada por Merleau-Ponty, propondo que ela está contida na noção de corpo próprio.

Palavras-chave: Estrutura; Fenomenologia; Merleau-Ponty.

*Vitor Araújo (I.C. PIBIC/CNPq) email: vasconcelosvitor@yahoo.com.br Virginia Moreira email: virginiamoreira@unifor.br

“O DIÁLOGO E A REFLEXÃO COMO FUNDAMENTO PARA AS PRÁTICAS PSICOEDUCATIVAS: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO”

Heloisa Szymanski (PUC-SP),
Luciana Szymanski (PUC-SP),
Renata Capeli S.Andrade (PUC-SP; UNIP),
Simone Walckoff Calil (USP; UNIP)*

Nesta comunicação pretendemos abordar dois aspectos que fundamentam as práticas psicoeducativas em instituições e comunidades desenvolvidas pelo grupo ECOFAM – PUC-SP: o diálogo e a reflexão. O pensamento fenomenológico, a partir do exercício de “volta às coisas mesmas” e da noção de “ser-em-situação” será o horizonte de compreensão desses termos. O diálogo será apresentado como a capacidade de se estabelecer uma relação horizontal de troca entre as pessoas na qual haja a possibilidade de transformação da experiência vivida. A reflexão aparece imbricada no âmbito do diálogo; mostra-se como abertura para uma compreensão inédita. A discussão aqui proposta pretende se remeter às práticas do profissional em instituições e comunidades, apresentando uma alternativa de inserção, de escuta e de compreensão daquilo que se revela no cotidiano do trabalho do psicólogo, educador ou pesquisador

Palavras-chave: Diálogo; Reflexão; Fenomenologia(S); Práticas Psicoeducativas.

*rcapeli@uol.com.br

“O DISCURSO BREVE DO PACIENTE: COMPREENDER E INTERPRETAR SEGUNDO WEIZSAECKER.”

Jane Borralho Gama
Francisco Martins (UnB)*

Este trabalho tem por interesse compreender, na clínica, o processo metafórico presente no discurso dos pacientes. Para tanto, pesquisamos o discurso breve do paciente: compreender e interpretar segundo Weizsaecker. Neste trabalho adotamos o método qualitativo: fenomenológico e hermenêutico. O objetivo é, nesta pesquisa, averiguar o sentir afetado, do corpo próprio (Leib) da paciente L. que por meio do discurso breve reduzido, enunciados metafóricos, transportam sentido e mostram a intencionalidade da paciente, para que seja interpretado e desvelado de modo a refletir, elaborar e ressignificar. Descrevemos uma série de enunciados metafóricos expressos por L., em dois anos de pesquisa, que trazem à luz as experiências vívidas registradas no corpo próprio (Leib) que expressam o sentir afetado em sofrimento. O termo sentir afetado é proposto como as qualidades sentidas sobre as coisas ou pessoas que revelam o modo como o eu se vê intimamente afetado no momento da enunciação. O termo corpo próprio (Leib) é compreendido como o corpo físico (Körper), que tendo corporificado a experiência vivida, registra em si os afetos sentidos. Ricoeur (2009) concebe que é um milagre podermos, por meio da linguagem, superar a solidão que existe em cada um de nós. Pois, ao partilharmos o mundo, a solidão da vida é iluminada por um momento pela luz comum do discurso. Segundo Ricoeur (2009), a comunicação de uma experiência vivida, como vivida, permanece privada, mas o seu sentido, a sua significação, torna-se pública. Para interpretação do discurso breve reduzido, enunciados metafóricos, da paciente fundamentamos no ciclo da estrutura do teórico Weizsaecker. De acordo com o ciclo da estrutura definido por Weizsaecker (1958) são verbos páthicos: querer no sentido da vontade, desejo (Wollen); dever como necessidade, precisar (Müssen); poder no sentido de ser capaz, entender (Können); o dever moral é significado como ser obrigado (Sollen) e o poder moral (Dürfen) como ter permissão, autorização, ter o direito. Os verbos páthicos são disposições particulares para o automover-se e o mover-se e estão em uma relação de referência à particularidade do ser, portanto, nas experiências concretas da realidade cotidiana.

Palavras-chave: Clínica; Discurso Breve; Sentir Afetado; Corpo Próprio; V.páthicos.

*Psicóloga Clínica. Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. E-mail. janeborralho@globocom Professor Titular na Universidade de Brasília, Psiquiatra, Psicólogo, Psicanalista. E-mail: fmartins@unb.br. <http://lattes.cnpq.br/4006667017652862>.

“O ENTRELAÇAMENTO DA PARTE E DO TODO: RELAÇÕES ENTRE UM CASO PARTICULAR E A HISTÓRIA DA SAÚDE MENTAL.”

Augusto Ribeiro Coaracy Neto (UnB),
Ileno Izidio Costa (UnB)*

O estudo em saúde mental é, numa primeira aproximação, focado ora na perspectiva da história das lutas antimanicomiais, ora em discussões clínicas, biológicas ou não. De qualquer forma, tais estudos são centrados em perspectivas da saúde. Partindo da hermenêutica filosófica estabelecida por Gadamer, buscamos construir uma ponte para discutir a teoria, a técnica e a práxis em saúde. Os elementos que estão articulados são a dimensão histórica da saúde mental do DF e a dimensão particular de um estudo de caso, a partir de questionamentos psicodinâmicos, oriundo do Grupo de Intervenção Precoce nas Crises do Tipo Psicótico (GIPSI), serviço inscrito na atual rede de saúde mental no DF. Tal exercício tem como objetivo a aproximação de campos que são pouco explorados conjuntamente: psicanálise, hermenêutica e discussões sobre a história da saúde mental. Construimos, assim, além de um exercício de método engendrado na perspectiva hermenêutica, um exemplo ilustrativo sobre o entrelaçamento do particular - o estudo de caso - e do todo - a história dos efeitos intuída a partir da história da saúde mental no DF. Foi possível verificar que as balizas do sofrimento exibido no caso particular têm seus significantes sugeridos pela clínica médica/biológica, que, no entanto, não possibilita o direcionamento do tratamento no sentido da autonomia do indivíduo em crise. Essa verificação sugere que o tratamento em saúde mental hoje é pautado por procedimentos de objetificação, remissivos à história da saúde mental no DF, além de empregar métodos tradicionais da psiquiatria em um fenômeno complexo e ensejador de muitos questionamentos existenciais, a saber, a crise psíquica grave.

Palavras-chave: Hermenêutica; História da Saúde Mental; Psicanálise; Estudo de Caso.

*Augusto Ribeiro Coaracy Neto, psicólogo (UnB)- augustocoaracy@gmail.com Dr.Ileno Izídio da Costa, Vice-Diretor do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, orientador

“O ERRO FENOMENOLÓGICO DE GILBERT RYLE”

Cesar Rey Xavier (Fac. Dom Bosco - Curitiba)*

Como podemos situar a noção de mente? Seria uma substância, como queria René Descartes, ou um mero conceito, como teria afirmado seu mais ardoroso crítico, Gilbert Ryle? Estas e muitas outras questões compõem o quadro temático de uma área que se encontra em franca expansão no pensamento ocidental, a filosofia da mente. Encontramo-nos, diante destes dois autores, em meio a um famoso impasse epistemológico que gerou a célebre expressão ryleana conhecida por *The ghost in the machine*, quando se propunha a salientar o absurdo em se conceber a mente como substância independente, na mesma categoria lógica daquilo que chamamos de “coisas” enquanto objetos naturais. Contudo, também é possível inverter estes argumentos. Contra o nominalismo de Ryle, postulado em pleno século XX, podemos contrapor uma argumentação fenomenológica que subverteria completamente suas deduções. Isto só é possível quando esmiuçamos acuradamente as premissas mais basilares de seu pensamento, e revelamos a fragilidade destas bases. Ryle afirma que Descartes cometeu o erro categorial, quando concebe a mente na mesma categoria de coisa que os processos naturais. O presente trabalho afirma que Ryle cometeu o erro fenomenológico, quando negligencia a simples possibilidade de se abordar a mente como um fenômeno, tão legítimo quanto todos os fenômenos naturais. O presente trabalho, tendo por base um dos capítulos da Tese de Doutorado intitulada *Diálogo do Imponderável...* (2008) defendida pela UFSCAR, visa mostrar que Ryle, de forma não revelada prontamente, respalda-se sobre bases epistemológicas legitimadas pelo século XIX. Na esteira desta análise, disponibiliza-se um enfoque com uma perspectiva mais sintonizada com a epistemologia do século XX, já sob franca influência da revolução quântica e das investidas do pensamento fenomenológico

Palavras-chave: Fenomenologia; Epistemologia; Mente; Nominalismo.

*Psicólogo, Pós-graduado em filosofia pela PUCPR, Mestre em História da Ciência pela PUCSP, Doutor em Filosofia da Mente pela UFSCAR. Professor da Universidade do Contestado e da Faculdade Dom Bosco

“O ESTRESSE PARA TRABALHADORES DE UMA COOPERATIVA DE SAÚDE: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL”

Melck Kelly P. M. da Silva (UEM),
Sylvia Mara P. de Freitas (UEM)*

Esta pesquisa foi realizada durante a Especialização em Saúde Mental e Intervenção Psicológica - UEM/PR. Teve como objetivo conhecer/compreender o Ser do fenômeno do estresse para funcionários de uma cooperativa de saúde e como agem em função dessa significação, bem como, ampliar alternativas de trabalho frente a essa temática. Nota-se uma carência de trabalhos que buscam compreender a significação e vivência do estresse a partir do próprio indivíduo que por ele é acometido, deixando uma lacuna neste sentido. Foi utilizado como referencial teórico-metodológico, a fenomenologia husserliana e o método fenomenológico, bem como o existencialismo sartreano e o método progressivo-regressivo. As entrevistas se apoiaram nos fundamentos da pesquisa fenomenológica e os conteúdos foram identificados e elencados nas categorias: O significado do estresse; Como o estresse é identificado; Ponto temporal do início da percepção do sentir-se estressado; Causas/Motivos do estresse; Como o estresse é vivenciado e; Maneiras de superar o estresse. Pela análise, compreendemos que o Ser do fenômeno do estresse é significado pelos trabalhadores de maneira a-histórica, a-crítica e individual, pois acreditam que a responsabilidade da construção do estresse é do social, porém a culpa por não conseguirem superá-lo é de cada um individualmente. Destarte, muita desta compreensão é corroborada/mantida pelas teorias tradicionais hegemônicas e pela indústria da saúde por meio da alienação sobre este conhecimento. Concluímos a necessidade de promover a reflexão dos e entre os funcionários, bem como de profissionais da saúde, de maneira que o estresse seja concebido como um fenômeno histórico, dialético e social.

Palavras-chave: Estresse; Fenomenologia-existencial; Psicologia do trabalho.

*Melck Kelly Piastrelli Mota da Silva Psicóloga/ Especializanda em Saúde Mental e Intervenção Psicológica (UEM/PR)/ Formação em Gestalt-terapia pelo Instituto Maringaense de Gestalt-terapia (IMGT/PR)/ Psicóloga do setor de Medicina Preventiva - Cooperativa de Saúde da cidade de Maringá/PR. melckkelly@yahoo.com.br Sylvia Mara Pires de Freitas Psicóloga/ Mestre em Psicologia Social e da Personalidade (PUC/RS)/ Especialista em Psicologia do Trabalho (CEUCEL/RJ)/ Formação em Psicologia Clínica na abordagem existencial (NPV/RJ)/ Docente do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR) e da Universidade Paranaense (UNIPAR/PR). sylviamara@gmail.com

“O EXISTENCIALISMO SARTRIANO NA PRÁTICA DO DIAGNÓSTICO CLÍNICO”

Andréa Luiza da Silveira (Unochapecó)*

O existencialismo sartreano com sua psicanálise existencial em conjunto com o método progressivo regressivo fornece a base epistemológica e metodológica para a prática de diagnóstico clínico. A classificação das ‘doenças mentais’ promovida por Kraepelin rompeu com a mistificação em torno do doente. Jaspers vai adiante e delimita a abordagem compreensiva através da qual se obtêm o sentido da experiência do sujeito. Na metade do século XX os anti-psiquiatras Laing, Cooper e Van den Berger promovem a prática clínica a partir da obra de Sartre. Sustentam a compreensão do sofrimento e a prática clínica na psicanálise existencial e no método progressivo regressivo. Propõem ao psicólogo como e o que descrever para compreender o sujeito que sofre no mundo, com os outros, numa certa relação com o seu próprio corpo e com a temporalidade. Pretende-se avançar e portanto é imperativo que o diagnóstico psicológico da situação do paciente contemple a biografia do paciente. A descrição é a base técnica para que a compreensão ocorra contemplando a situação e sua constituição histórica e o gesto e seu significado. O conceito de corpo oferece suporte para a descrição como técnica, tendo em vista que a experimentação psicofísica do sofrimento é toda corpo e somente recorrendo a reflexão é factível acessá-la. Desta forma contemplam-se as relações de exterioridade discriminadas nos manuais de nosologia psicopatológica. E considera-se o sujeito no mundo, que se objetiva ao exteriorizar-se interiorizando-se, com destaque aos fenômenos da emoção e da imaginação essenciais para entender-se as relações de interioridade que constituem uma psicopatologia.

Palavras-chave: Diagnóstico; Psicopatologia; Fenomenologia; Existencialismo.

*Andréa Luiza da Silveira, mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina, psicoterapeuta com formação em Fenomenologia Existencialista e professora da Unochapecó. deasilveira@gmail.com

“O FENÔMENO DA MÁ-FÉ DIANTE DA RESPONSABILIDADE DA ESCOLHA PROFISSIONAL”

Graciele Maria Welter (UNIPAR)*,
Joyce Gomes Camapum (UNIPAR)**,
Laerte Bach de Souza (UNIPAR)**,
Marivania Cristina Bocca (Profa/Orientadora - UNIPAR)***

O presente resumo faz parte do Projeto de Pesquisa intitulado, "A vivência dos professores de ensino médio na rede pública - um estudo fenomenológico-existencial", do Programa de Iniciação Científica, da Universidade Paranaense/Cascavel. Foi realizado estudo bibliográfico e pesquisa de campo, que visou compreender os diferentes fenômenos que estão inseridos na vivência dos professores de ensino médio da rede pública, no que tange a escolha profissional na escolha de ser professor. Foi utilizado o método fenomenológico de Husserl para o levantamento dos dados e, para análise dos mesmos, foram utilizados os pressupostos teóricos da Psicologia Existencialista de Sartre. O foco do existencialismo sartriano é o processo de construção do sujeito concreto, enquanto um ser livre, compreendendo que ele é criador de sua própria história e da humanidade. Tal liberdade se manifesta sempre que este depara-se com a necessidade de escolher, desta forma, ser é escolher-se e esta escolha se dá como ação no mundo. Para Sartre, esta condição humana é tão provocadora de angústia que a pessoa acaba por agir de má-fé, como uma tentativa de evitar encará-la, fugindo da sua responsabilidade de escolha. No decorrer deste estudo, foi possível perceber os vários sentidos produzidos pelos professores no que compete a condição de liberdade de escolha de sua profissão e, percebemos que muitos deles atribuem o fracasso escolar apenas às condições de escassez da rede, sem uma reflexão posicional de suas próprias ações, desta forma, pode-se dizer que muitos agem de má-fé para negar a própria liberdade de escolha, a qual lhe é dada como condição. Quando o professor atribui a responsabilidade da má qualidade da educação única e exclusivamente às diversas formas de escassez, que acomete sua realidade profissional, como o necessário e merecido aumento salarial está isentando-se de sua parcela de responsabilidade. Cabe ao professor, assumir suas escolhas diante dessa realidade, até porque, tais escolhas refletirão diretamente nos outros, ou seja, em seus alunos e na sua relação com o mundo.

Palavras-chave: Existencialismo; Professor; Fenomenologia; Má-fé.

*Graduada em Psicologia pela UNIPAR/Cascavel e Pós Graduada em Psicologia Fenomenológico-Existencial pela UNIPAR/Umuarama gracielemw@hotmail.com **Acadêmicos de Psicologia da UNIPAR/Cascavel. joycecamapum@gmail.com; laertebachms@hotmail.com ***Psicóloga Clínica. Mestre em Psicologia Social e da Personalidade. Docente da Universidade Paranaense – UNIPAR /Cascavel. e na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE /Cascavel. maricris@unipar.br

“O LUGAR DO ANALISTA E A DIMENSÃO DA PREOCUPAÇÃO: UM *DIÁLOGO* ENTRE FREUD E HEIDEGGER”

Luiz Paulo Leitão Martins*

A referência freudiana à técnica da psicanálise é escassa. Ao conhecido o ceticismo de Freud quanto à apropriação da psicanálise como um manual. Apesar de sua relutância, a descrição do procedimento psicanalítico aparece em alguns de seus textos. Do método catártico de Breuer à busca associativa do conteúdo esquecido o objetivo da psicanálise manteve-se: superar as resistências. Com a descoberta freudiana da compulsão à repetição, ao analista coube propiciar condições para a elaboração do recalado, por um caminho que visasse passar da atuação motora à recordação psíquica. A intenção de Heidegger era outra. Em sua obra *Sein und Zeit*, o filósofo a explicita: a investigação sobre o sentido de ser. Nos parágrafos 25 e 26, Heidegger constatou que a investigação que se dirige ao fenômeno capaz de responder à questão quem quanto ao modo de ser do ser-aí - conduz às estruturas que, junto com o ser-no-mundo, são igualmente originárias, a saber, o ser-com e o ser-aí-junto. Se por um lado o ente lida com o instrumento manual no modo da ocupação, por outro, na relação com outro ente, ele mesmo sendo ser-aí-, com este ele se preocupa. A preocupação pode ser de dois modos: a que assume o lugar do outro, retirando-lhe o cuidado, ou, em contrapartida, a que salta antecipando-se ao outro, devolvendo-lhe o cuidado. Assim, propõe-se esboçar algumas aproximações entre a perspectiva freudiana quanto à posição do analista e os modos de preocupação concebidos por Heidegger em sua investigação sobre o ser.

Palavras-chave: Freud; Heidegger; Teoria da Ciência; Ser-com; Preocupação.

*Luiz Paulo Leitão Martins: psicólogo clínico, graduado em psicologia pela Universidade Federal do Paraná e atualmente vinculado ao Laboratório de Psicanálise da mesma universidade. Emaiç: lplmartins@gmail.com

“O PAPEL DA RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE NO PROCESSO DE ADICÇÃO E RECUPERAÇÃO – UMA PESQUISA FENOMENOLÓGICA”

Jessé Luiz Cunha (PUCPR),
Márcia Correa (PUC-PR),
Mary Rute Gomes Esperandio (PUC-PR)*

É conhecido o fato de que as drogas (e a drogadição) têm se tornado um problema social. Também é pública e notória a existência de um número significativo de Centros de Recuperação e Grupos de Auto-Ajuda criados, tanto por iniciativa privada quanto de confissões religiosas, sendo inclusive reconhecido o caráter espiritual do tratamento com base no Programa de 12 Passos. Entretanto, são escassas as investigações acadêmicas acerca da temática da drogadição e espiritualidade. Esta pesquisa visou aprofundar o estudo em torno da temática da drogadição e espiritualidade, e teve como objetivo elaborar uma compreensão fenomenológica acerca do papel da religião, religiosidade e espiritualidade no processo de drogadicção e recuperação da dependência química. O método de pesquisa assenta-se na fenomenologia Merleau-Pontyana. Foram realizadas 24 entrevistas, utilizando um questionário semi-estruturado aplicado às pessoas em recuperação, sendo 12 delas internadas na Comunidade Vale do Sol, uma clínica de recuperação que utiliza os 12 Passos dos Narcóticos Anônimos, não ligada a nenhum grupo religioso, e 12 frequentadores da Pastoral da Sobriedade da Igreja Católica. Por se tratar de uma pesquisa ainda em andamento, os resultados e conclusões são parciais. No entanto, a análise qualitativa das entrevistas nos leva a perceber que, em distintos graus, tanto o desenvolvimento individual da espiritualidade da pessoa em recuperação, quanto a religiosidade vivenciada a partir de alguma forma de expressão religiosa, ligada a algum grupo onde o indivíduo pode ancorar sua identidade, funciona como importante dispositivo criação de novos estilos de vida – condição fundamental no processo de recuperação.

Palavras-chave: Drogadição; Religiosidade; Espiritualidade; Fenomenologia, Processo De Recuperação.

*Jessé Luiz Cunha e Márcia Correa (PUC-PR) acadêmicos, Iniciação Científica Voluntária/PIBIC (PUCPR), contato: jesse.psico@gmail.com / Mary Rute Gomes Esperandio, professora orientadora (PUC-PR)

“O PARADOXO ENTRE TEORIA E PRÁTICA NA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA: O PONTO DE VISTA DE ARTHUR TATOSSIAN”

Lucas Bloc (UNIFOR),
Virginia Moreira (UNIFOR)*

A psicopatologia fenomenológica ocupa um lugar importante no desenvolvimento de práticas psicoterápicas que adotam a fenomenologia como referencial e na construção de conhecimento acerca da doença mental. Este trabalho tem como objetivo discutir o paradoxo fenomenológico, apontado por Tatossian, entre teoria (psicopatologia fenomenológica) e prática (psiquiatrias e psicoterapias de orientação fenomenológica). A prática da clínica fenomenológica, por um lado, reivindica o conhecimento científico da doença mental, mas, por outro, a teoria fenomenológica não pretende permanecer engessada em uma prática específica, mantendo sempre a experiência como ponto fundamental. Tatossian aponta como solução uma mudança radical das noções de teoria e prática, que estariam sempre *in statu nascendi* por se constituírem no encontro entre o psicoterapeuta e o paciente na cotidianidade do mundo. Os diversos casos e teorias que tomamos como referências não visam a fornecer respostas, mas se constituem como maneiras de questionar o sujeito e de conquistar sua experiência. Na psicoterapia, cada paciente impõe que a teoria seja refeita e a prática se transforma em teoria, estabelecendo-se uma relação de implicação, não de aplicação. É comum o mal-entendido de se considerar que a fenomenologia propõe uma teoria que o psicoterapeuta pode, simplesmente, aplicar. O paradoxo se dissolve na mudança de tal atitude natural para uma atitude que se desenvolve no entrelaçamento entre teoria e prática em uma unidade fenomenológica, ou seja, em que a experiência se mantém sempre em um movimento que se busca compreender, não permitindo uma compreensão estática e apriorística.

Palavras-chave: Psicoterapia; Fenomenologia; Teoria; Prática; Tatossian.

*Lucas Bloc - Psicólogo, mestrando em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (lucasbloc@yahoo.com.br); Virginia Moreira - Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR (viriniamoreira@unifor.br).

“O PENSAMENTO ATEU E A VIVÊNCIA RELIGIOSA NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL”

Raphael Barbosa (UNIPAR),
Jorge Antônio Vieira (UNIPAR)*

A Psicologia Fenomenológico-existencial é pautada sobre vários pressupostos da filosofia existencialista proposta por Sartre, cujos aspectos fundamentais da sua teoria têm um posicionamento ateu, no qual nega abertamente a existência de qualquer divindade atuante na realidade e na condição humana, conceituando fenômenos existenciais como o desamparo, a angústia e o desespero que nos remetem a essa inexistência do divino. Para elaboração do presente resumo, foi realizada pesquisa de revisão bibliográfica da literatura existencialista sartreana com o objetivo de caracterizar o pensamento ateu em Sartre que em toda a sua obra deixa explícita a proposta de uma filosofia atéia, afirmando ainda que o existencialismo ateu, o qual ele representa, é mais coerente, pois na inexistência de Deus, há ao menos um ser cuja existência precede a essência, sendo este ser, o homem. Apesar destes aspectos ateístas que permeiam a psicologia fenomenológico-existencial, algo que nos é notável, consiste-se no grande número de psicólogos que vivenciam alguma religiosidade e se identificam e atuam baseados em tal abordagem na Psicologia. Cabe-se então, neste contexto, ressaltar a importância da discussão do tema na formação do psicólogo já que o mesmo nos remete a um paradoxo entre a teoria utilizada e a experiência subjetiva da religiosidade do psicólogo, uma vez que a sua visão e a forma como ele conduz o seu trabalho também pode depender do fato de ele ser ou não religioso.

Palavras-chave: Psicologia existencial; Religiosidade; Ateísmo.

*Raphael Barbosa (UNIPAR), Discente do curso de graduação em Psicologia (UNIPAR); Jorge Antônio Vieira (UNIPAR), Professor Doutor do curso de graduação em Psicologia (UNIPAR)

“O PORTADOR DE CÂNCER ATRAVÉS DE UMA VISÃO HUMANISTA FENOMENOLÓGICA”

Rafael Panucci,
Natalia Panini,
Elaine Ragassi,
Joice Benfica,
Lessandra de Almeida,
José Melo,
Talita Curtulo,
Vinicius Reis (Uniararas)*

O presente trabalho tem como finalidade apresentar as vivências de uma pessoa portadora de câncer, a partir da visão em psicologia Humanista Fenomenológica, utilizando como exemplo: O relato de uma mulher com câncer abdominal. A medicina contemporânea e as teorias geneticistas voltam-se aos cuidados preventivos e, ou de recuperação do câncer, atribuindo à compreensão da doença e do tratamento a uma estrutura orgânica somente, dessa forma o trabalho em questão pretende evidenciar a outra parte desse fenômeno, de caráter humano e simbólico, que acontece na relação do sujeito com a doença de maneira indissociável e relevante para o processo de cura. Método realizado foi através de uma entrevista com uma mulher de trinta e oito anos, portadora de câncer no abdômen no estágio quatro, em sua casa, foi utilizado para coleta de dados: termo de consentimento livre e esclarecido, assinado pela participante, uma câmera para realização da filmagem da entrevista. De acordo com os resultados obtidos a Psicologia Humanista Fenomenológica, deve olhar para a relação estabelecida a partir do sujeito com a doença, compreender as implicações dessa relação e suas significações. A vivência de uma pessoa portadora de câncer demonstra a necessidade de grande esforço físico e psíquico, no caso, este trabalho baseou-se em uma experiência, de uma mulher que não se impossibilitou frente à descoberta de sua enfermidade, resignificando dessa forma sua nova relação com o corpo, podendo vislumbrar novas possibilidades positivas diante da vida e alcançar a superação.

Palavras-chave: Vivência; Câncer; Humanismo; Fenomenologia.

*Rafael Masiero Panucci, cursando o quarto ano de psicologia pela faculdade Uniararas. rafaelpanucci@hotmail.com Natália Panini, cursando o quarto ano de psicologia pela faculdade Uniararas. nataliapanini@hotmail.com Lessandra Donizetti de Almeida, cursando o quarto ano de psicologia pela faculdade Uniararas. lessandra.almeida1@yahoo.com.br

“O PROBLEMA DO MAL NO MOVIMENTO HASSÍDICO-CABALISTA DO SÉC.XVIII”

Ana Claudia Judice Alleotti*

O movimento hassídico iniciado por Baal Shem Tov, no século XVIII, influenciou pensadores importantes para a Psicologia, entre eles Jung, Assagioli, Buber e Moreno. O hassidismo, em suas origens, esteve estritamente relacionado à kabbalah. Tanto Baal Shem quanto seus discípulos eram praticantes e conhecedores da Kabbalah. Suas propostas estavam impregnadas de conhecimentos cabalísticos, tendo o fundador o mérito de tê-los tornado acessíveis à população judaica da época. Nosso objetivo foi compreender o lugar do mal dentro da concepção de desenvolvimento espiritual do movimento hassídico-cabalista. Analisamos textos da tradição e pesquisas de Scholem, Idel, Schochet, Buber, etc. Procuramos entender como a questão do mal se apresenta nas concepções cabalistas, com ênfase na kabbalah luriânica do século XVI, para poder vislumbrar de que forma isto aparece nos ensinamentos de Baal Shem. Na concepção luriânica da criação, o mal aparece como pertencente à deidade. É a partir deste pressuposto cabalístico e o bíblico de que existe uma semelhança entre Deus e o homem, que Baal Shem considerava o “impulso do mal” como algo concernente a todo ser humano e correspondendo aos conteúdos internos que impedem ou dificultam a pessoa de levar uma vida totalmente piedosa e de atingir os altos ideais ético-morais da religião. Como proposta de crescimento espiritual, a meta hassídica-cabalista nunca deixa de ser a ligação íntima com Deus. O mal é incluído como parte necessária dessa jornada e apenas o reconhecimento deste em si mesmo leva à verdadeira humildade perante Deus e a vida.

Palavras-chave: Hassidismo; Mal; Desenvolvimento Espiritual; Mística.

*Ana Claudia Judice Alleotti atua com psicóloga clínica. Especialista em Psicologia Junguiana e Psicologia Transpessoal. alleottiac@gmail.com

“O QUALITATIVO E O DESCONHECIDO: REFLEXÕES A PARTIR DE MICHAEL POLANYI”

Josemar de Campos Maciel*

O texto discute a importância de se destacar no contexto da pesquisa qualitativa a relevância de abrir programaticamente um espaço de escuta do silêncio como repertório de horizontes que descortinam o não sabido como possibilidades exploratórias acerca do fenomênico. Isso significa a incorporação teórica do impensado e do ignorado no contexto mesmo da produção do saber, reenquadrando-o como sendo, basicamente, uma negociação tateante e improvisada, seja no bojo mesmo, seja para além de outras formas de expressão programática de vários ideários científicos. O ignorado que pode ser escondido ou tratado com superficialidade, pode ainda ser abraçado desde o coração do pensar a ciência psicológica como uma forma inquietante de se impensar o real, ou seja, de imaginar possibilidades a contrapelo ou nos vespãos da própria experiência. Nesse sentido são revisitados e discutidos alguns trabalhos de Michael Polanyi, autor da controversa noção de "conhecimento tácito", mas também responsável por um esforço de desconstrução do positivismo larvado da pesquisa científica, no esforço de mostrar o recorte experiencial e pessoal de cada esforço de saber. O texto tenta recuperar a possibilidade de pensar, desde o início, que o ato de pesquisar não implica necessariamente em colonização epistêmica, mas seja capaz de abrir espaço dialógico, mas também sistêmico e epistemológico para um estilo de escuta primordial, que dialoga com as fenomenologias, mas também com um mundo que busca a expressão do efêmero como possibilidade de um dizer aberto à escuta, que por sua vez não se deixa paralisar totalmente como retórica da violência logocêntrica.

Palavras-chave: Epistemologia da pesquisa qualitativa; Michael Polanyi; Silêncio.

*Josemar de Campos Maciel. Doutor em Psicologia pela PUC-Campinas (2004). Professor do Mestrado em Desenvolvimento Local da UCDB, Campo Grande, MS

“O RELACIONAMENTO TERAPÊUTICO COMO FORMA DE CRESCIMENTO: UM ESTUDO DE CASO”

Itala Villaça Duarte (Erasto Gaertner),
Aline Mariana Rodicz (Erasto Gaertner)*

No processo do adoecer tanto a mente quanto o corpo estão envolvidos e traz repercussões em diversos âmbitos como social, emocional, familiar, profissional, conforme a gravidade do caso, podendo os pacientes apresentar depressão. A depressão como comorbidade psiquiátrica associada a alguma doença clínica dificulta seu diagnóstico tornando-se um desafio para os profissionais pela superposição dos sintomas. Um trabalho multiprofissional é imprescindível para avaliar gravidade e duração dos sintomas para um diagnóstico diferencial e conduta terapêutica adequada contemplando tratamento farmacológico e psicológico. A intervenção psicológica, a partir de um estudo de caso num hospital oncológico (PR), contempla anamnese considerando aspectos biopsicossociais e espirituais, acompanhamento e interdisciplinaridade. O acompanhamento psicológico baseia-se no relacionamento terapêutico como forma de crescimento do paciente através das atitudes facilitadoras de autenticidade, empatia, congruência, aceitação, e escuta do terapeuta. Com isso, permite ao paciente reconhecer e re-significar as experiências de acordo com seu campo fenomenal e sua disponibilidade de vivenciar esse processo, Desta maneira, a psicoterapia se configura como dinâmica e individualizada por variar conforme a abertura à experiência através do processo de liberdade e a tendência atualizante de cada paciente, aspectos que quando favorecidos podem proporcionar uma adaptação à situação de adoecimento criando novas possibilidades de experiênciá-la.

Palavras-chave: Depressão; Psicoterapia; Relacionamento Terapêutico.

*Itala Duarte - residente de Psicologia (itala_duarte@yahoo.com.br); Aline Rodicz - Psicóloga da Quimioterapia(aline_mfa@yahoo.com.br)

“O SIGNIFICADO DA PSICOLOGIA E DA TERAPIA HOLÍSTICA PARA TERAPEUTAS HOLÍSTICOS GRADUADOS EM PSICOLOGIA”

Daniel Martynetz (UFPR),
Carlos Augusto Serbena (UFPR)*

A terapia holística é uma prática emergente do campo terapêutico, que, não sendo reconhecida pela psicologia como cientificamente válida, pode facilmente ser vista como uma concorrente desta ciência. Muitos estudos são publicados visando uma resposta objetiva sobre a real eficácia das práticas alternativas, porém, por mais que estas não sejam bem vistas sob a ótica científica tradicional, ainda há uma forte procura por esse tipo de terapia por clientes que buscam resolver seus problemas – tanto físicos quanto psicológicos – e por terapeutas que buscam efetuar uma prática alternativa. Na presente pesquisa, pretendeu-se investigar junto a terapeutas que recorrem às práticas holísticas/complementares/alternativas, mas que também são graduados em Psicologia, os significados que eles atribuem tanto à terapia holística e quanto à Psicologia e os motivos de suas escolhas pela terapia holística – sendo que eles podem ter optado por continuar como psicólogos ou não. Os participantes demonstraram uma percepção segundo a qual o caráter científico de suas práticas não é o mais importante, questionando as bases filosóficas da atual ciência tradicional e recorrendo a outras formas de conhecimentos mais alternativas para um melhor exercício profissional. Para tanto, eles realizam uma união entre a psicologia e a terapia holística, adotam profissionalmente uma ética pessoal em oposição ao Código de Ética Profissional dos Psicólogos por questionarem este. Sua identidade de terapeuta holístico é mais importante que de psicólogo, pois não se importam com a possível perda do registro profissional, mas atribuem à sua formação em psicologia um rigor que falta na prática e formação das terapias holísticas. Os terapeutas entrevistados também relataram perceber uma mudança lenta e gradativa da atual ciência brasileira, acreditando que, futuramente, um paradigma espiritualista superará o paradigma científico vigente

Palavras-chave: Psicologia; Prática profissional; Terapia Holística.

*Daniel Martynetz (UFPR) acadêmico de psicologia, daniel.olorum@gmail.com / Carlos Augusto Serbena, professor da UFPR, caserbena@yahoo.com

“OS SENTIDOS DO USO DE DROGAS POR PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA.”

Mona Lisa Mistrelo (Centro Universitário Herminio Ometto - Uniararas)*

Este trabalho foi fundamentado numa pesquisa qualitativa em psicologia, baseada no método fenomenológico, visando compreender os sentidos produzidos no uso de drogas por pessoas em situação de rua, que estão além das que a sociedade nos mostra e das que conseguimos ver cotidianamente. Para tornar isso mais claro, foi importante trazer alguns dados sobre a história do morador de rua e do uso de drogas ao longo dos tempos, podendo assim, por meio da história fazer ligação dos dados com as pessoas em situação de rua. O espaço para essa pesquisa foi dado num Albergue Noturno numa cidade do interior de São Paulo que presta serviços à população em situação de rua, onde foram realizadas quatro entrevistas individuais, e um encontro em grupo. Os relatos, após coletados foram narrados e compreendidos com a proposta da fenomenologia. A partir da discussão feita pela interlocução a partir das narrativas é possível refletir sobre a relação do uso de droga e o estar na rua. Para os participantes, a droga surge inicialmente como uma alternativa para sair da condição de dependência, quer seja pelo alívio do desprazer ou para sentir novas possibilidades de se viver. Porém, o uso das drogas acaba por ampliar a condição de dependência. Tem-se então, com o uso das drogas, uma condição de dupla dependência. Ainda, a discussão com a literatura nos permite um outro olhar sobre essa condição que não se limita ao campo da psicologia, mas também de toda a comunidade, inclusive social e política.

Palavras-chave: Pessoas em situação de rua; Drogas; Droga dicção; Fenomenologia.

*Mona Lisa Mistrelo - Psicóloga - Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Herminio Ometto - Uniararas Pedro Vitor Barnabé Milanesi - Psicólogo e Mestre em Psicologia pela PUC-Campinas. Docente do Curso de Psicologia da Uniararas.

**“PENSAMENTO CALCULANTE E PENSAMENTO MEDITANTE:
CONSIDERAÇÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE A ATENÇÃO NA
CLÍNICA PSICOTERÁPICA”**

Alessandro de Magalhães Gemino (UFF e FAMATH),
Kássia Fonseca Rapella (FAMATH),
Isabella Batistta (FAMATH),
Lirie Brum (FAMATH)*

O objetivo desta pesquisa consiste em contribuir para uma explicitação da distinção entre a atenção exercida na prática clínica e a atenção tal como usada no cotidiano. Há uma diferença entre esses dois tipos de atenção? Em caso positivo, em que consiste essa distinção? Como horizonte teórico escolhido para sustentar a pesquisa, escolhemos a fenomenologia tal como desenvolvida pelo filósofo alemão Martin Heidegger. Considerado um dos principais filósofos do século XX, o pensamento de Heidegger apresenta uma série de possibilidades de articulação entre a filosofia e a psicologia, particularmente o campo das práticas clínicas. Aqui, dois temas serão objeto de reflexão para elucidar a problemática em questão: trata-se do pensamento calculante e do pensamento meditante. Desenvolvidos particularmente em duas obras ("O que quer dizer pensar?" e "Serenidade"), estes dois modos de se compreender o pensamento podem servir como horizonte crítico para nos auxiliar a compreender a especificidade da atenção experienciada na prática clínica.

Palavras-chave: Pensamento; Atenção; Clínica Psicoterápica.

*Alessandro Gemino (alessandrogemino@gmail.com), (kassia.rapella@hotmail.com),
(isabella.batistta@gmail.com) e (liriebrum@yahoo.com.br)

“PESQUISA HEURÍSTICA E CLÍNICA DO SOCIAL: UM ENSAIO TEORICO-PRÁTICO”

Silvia Cristina Santana (UCDB),
Josemar de Campos Maciel (UCDB)*

O texto que segue é um ensaio de diálogo entre o método heurístico e diversas matrizes do vivido territorial. Desenvolvido pelo psicólogo humanista Clark Moustakas, o método heurístico é oriundo da pesquisa qualitativa e traz a ideia da investigação por meio da exploração da experiência vivida pelo próprio pesquisador. Trata-se de uma abordagem de pesquisa que, ao invés de desvendar novas teorias ou hipóteses, objetiva deslindar o conhecimento humano como acontece, através da auto-investigação. A abordagem heurística se afasta de tendências exteriorizantes de pesquisa, enquanto visa descobrir o significado da experiência, reconhecendo, valorizando e enucleando o envolvimento do pesquisador, até o ponto em que a experiência vivida por ele se torne o foco central do estudo. Moustakas apresenta como sugestão um modelo de aplicação do método heurístico dividido em seis fases: engajamento inicial, imersão, incubação, iluminação, explicação e síntese criativa. O método heurístico no campo das pesquisas qualitativas é o meio pelo qual o pesquisador pode durante a realização de um estudo dar vida ao objeto e colocar em destaque suas percepções a respeito da pesquisa desenvolvida. Assim explicita-se o processo participativo do pesquisador, estabelecendo um diálogo com o fenômeno que está sendo explorado, criando um novo campo de interlocução, um novo pertencimento. Estas posições teóricas são exploradas a partir de exemplos do contato com uma comunidade tradicional do interior do Pantanal Sul-Matogrossense, aparecendo a fecundidade da elaboração interna dos dados como uma ferramenta que descortina a discussão do vivido territorial, a meio caminho entre a psicologia e a geografia.

Palavras-chave: Pesquisa Heurística; Vivido Territorial; Populações.

*Silvia Santana é mestre em Desenvolviemnto Local (silviasantana1@gmail.com) Josemar Maciel é Doutor em Psicologia (maciel50334@yahoo.com.br)

“PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS: UMA ANÁLISE HEIDEGGERIANA DA EXPERIÊNCIA DE SOLICITUDE”

Fernanda Santini Franco,
Heloisa Szymanski (PUC-SP)*

O objetivo desse estudo foi investigar o cuidado de mães e pais em relação aos seus filhos, considerando-o a partir da noção de solicitude apresentada por Martin Heidegger. Trata-se de uma investigação qualitativa, de base fenomenológica, de cunho interventivo, que teve como procedimento a análise das narrativas de pais coletadas em dois encontros reflexivos, um com mães e outro com homens pais. Esses encontros já acontecem regularmente em uma comunidade de baixa renda de São Paulo como parte de um projeto mais amplo e tem como objetivo a reflexão de práticas psicoeducacionais. Com a autorização dos participantes, dois desses grupos foram gravados, transcritos e deram origem a dois textos síntese que foram objeto de uma análise hermenêutica. As narrativas dos 9 pais e 11 mães participantes foram organizadas em constelações e a análise revelou que a população estudada vive em uma região vulnerável, o influencia no modo de cuidar dos filhos. Para as mães, a solicitude está relacionada à criação de estratégias de proteção dos filhos através do desenvolvimento de uma relação dialógica com eles e da busca de apoio da família ou comunidade. Para os pais homens, a experiência de solicitude corresponde a realização de intervenções no espaço público, com o intuito de possibilitar que os filhos vivam em um mundo melhor.

Palavras-chave: Práticas Educativas; Fenomenologia; Família; Solicitude.

*Fernanda Santini Franco: Doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP / fefranco@ig.com.br Heloisa Szymanski: Professora Doutora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP / hszymanski@uol.com.br

“PRÁTICAS EDUCATIVAS, SUBJETIVIDADE E DIALOGIA: UM ENFOQUE FENOMENOLÓGICO DA EDUCAÇÃO”

Rogério Sousa Pires (UNIMEP/CAPES/PROESP)*

O presente texto tem por objetivo refletir sobre educação e formação humana, propondo pensar a educação como um processo dialógico na constituição dos sujeitos mediados pelos processos de interação. Assim, a dialogia é fundamental para se trabalhar fenomenologicamente no âmbito da educação, quando se assume a postura de busca pelo sentido e significado do que se faz e do que se escolhe. Para tanto, uma prática consciente, clara e comprometida será capaz de dar fundamentos consistentes para ações eficazes ao se desejar um mundo mais humano. E uma prática educativa sob um olhar fenomenológico entende a educação como cuidado com o projeto do humano em suas possibilidades de ser mundano e temporal. Trata-se de uma prática que exige uma atitude vinculada ao mundo-da-vida, encarnada no mundo, onde estamos inseridos, com experiências próprias. É através do meu corpo-próprio-mundo que percebo o outro, uma realidade viva que interaciona, que deseja, que se comunica, que age, ao mesmo tempo busca significar o que se apresenta à consciência daquilo que é vivenciado na comunidade. Essa perspectiva faz-nos lembrar que a liberdade autêntica, que é a humanização em processo, pauta-se pela situacionalidade dos sujeitos, onde eles mesmos possam pensar, discutir seu pensar, sua própria visão de mundo. Como ‘corpos conscientes’, o homem não pode ser depósito de conteúdos, mas problematizador, respondendo às situações limites nas suas relações com o mundo. E isso se faz com uma consciência crítica aos postulados comunicados pela existencialização da comunicação, que nos permite “ler o mundo”, “ler a palavra”.

Palavras-chave: Subjetividade; Dialogia; Fenomenologia da Educação; Humanização.

* Teólogo, Pedagogo. Mestre em Ciências da Religião pela UMESp. Doutorando em Educação pela UNIMEP. Professor da Faculdade Católica de Uberlândia nos cursos de Direito e Teologia e da FAFICH nos cursos de Enfermagem e Pedagogia. e-mail: rogersp@hotmail.com

“PROCESSO DE REABILITAÇÃO DOS PACIENTES DE UMA CLÍNICA-ESCOLA DE FISIOTERAPIA: UMA VISÃO FENOMENOLÓGICA”

Pedro Vitor Barnabé Milanesi,
Priscila Zuliani Librelon (Centro Universitário Hermínio Ometto - UNIARARAS)*

Partindo do pressuposto que a reabilitação é um processo singular em relação à especificidade da experiência de cada pessoa, esta pesquisa buscou compreender o sentido do processo de reabilitação para os pacientes que frequentam uma clínica-escola de fisioterapia. Para tanto, foram entrevistados quatro pacientes, considerando diferentes acometimentos de saúde. As entrevistas, bem como a devolutiva das mesmas, possibilitaram tanto ao pesquisador quanto aos participantes a reflexão sobre as condições de saúde vivenciadas por meio do relato dos próprios pacientes, podendo assim, compreender melhor o período de tratamento e, contudo, a vivência da reabilitação como um processo amplo e complexo. Ao descrever os relatos em forma de narrativa, foi possível realizar a análise por meio da compreensão das unidades de sentido encontradas na fala dos participantes. Tais compreensões resultaram nas sínteses individuais e a junção de todas levou à síntese geral, que descreve os sentidos em comum durante o período de reabilitação dos pacientes. A vivência apontou como relevante para esse processo o apoio inter-humano, a aceitação da própria condição de saúde, a execução de uma atividade durante o processo e a vontade de se atribuir sentido ao mesmo. Essas características são interdependentes e retro alimentadas, de forma que não é possível pensar no processo de reabilitação sem considerar sua relevância. As reflexões a respeito da própria vivência possibilitaram que os pacientes expressassem as formas pelas quais lidam com as limitações, seus sentimentos e criatividade ao readaptar suas funções, bem como pensar em novas ações frente às dificuldades encontradas no dia-a-dia.

Palavras-chave: Psicologia; Pesquisa Fenomenológica; Reabilitação.

*Prof. Ms. Pedro Vitor Barnabé Milanesi(Pedro_milanesi@yahoo.com.br) Psicóloga Priscila Zuliani Librelon(priscilazuliani@hotmail.com);

“PROSTITUIÇÃO E SENTIDO DA VIDA: RELAÇÕES DE SIGNIFICADO”

Willian Henrique Corrêa (Universidade Federal do Paraná)*

O presente trabalho tem como objetivo elaborar uma compreensão fenomenológica acerca da prática da prostituição relacionando esta experiência à busca pelo sentido da vida. A partir dos conceitos empregados pela Logoterapia – a psicoterapia do sentido de vida –, pretende-se fazer uma reflexão sobre as possíveis razões que levam algumas mulheres a se prostituírem, sejam estas consideradas como meio de sobrevivência econômica, insatisfação com a família, busca por status social, entre outras, articulando-as com a concepção de homem para Viktor Emil Frankl, sendo aquele que não busca “prazer” ou “poder”, mas sim aquele que está em uma insaciável busca pelo sentido de vida. Ademais, considerando que há na sociedade contemporânea uma busca patológica por uma felicidade incondicional, refletindo nas causas da prostituição, a Teoria de Viktor Frankl mostra que quanto mais o homem persegue uma noção acabada de felicidade, prazer ou sucesso, em detrimento da realização de um sentido, mais ele se distanciará com esses objetivos. À medida em que houver uma razão para a felicidade, então ela decorrerá espontânea e automaticamente.

Palavras-chave: Sentido de Vida; Prostituição; Fenomenologia; Logoterapia.

*Graduando em Psicologia pela UFPR. willianhcorrea@hotmail.com

“PSICOLOGIA E TÉCNICA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE HEIDEGGER”

Rafael Prado,
Marcus T. Caldas,
Carmem L.B.T.Barreto (UNICAP)*

A contemporaneidade vem sendo regida, de modo cada vez mais forte e hegemônico, pela imposição da técnica moderna cujas marcas são o desenraizamento do homem em relação aos lugares, às coisas, às pessoas e ao seu mundo, a competição e a falta de solidariedade. A presença da técnica moderna no campo da psicologia se faz tanto no âmbito da vivência dos pacientes cujo sofrimento os leva a procurar psicoterapia quanto no âmbito da teorização psicológica no qual predominam propostas teóricas com forte influência do método técnico-científico. A prática psicológica revela a insuficiência de determinados pressupostos teóricos para atender à demanda da população o que nos leva à necessidade de repensar o paradigma hegemônico de construção da psicologia como ciência. Nessa direção, o pensamento de Heidegger pode contribuir quando aponta para a possibilidade desenvolvida na reflexão sobre a Serenidade. Em resposta às restrições colocadas pela hegemonia do pensamento técnico-científico, Heidegger propõe a “serenidade” como postura de dizer, sim e não ao mesmo tempo, à técnica. Tivemos o objetivo de refletir, por meio de pesquisa bibliográfica, sobre como o encontro entre psicólogo e paciente se dá, como a compreensão entre ambos é possível e como o psicólogo está implicado no processo psicoterápico. Na ação psicológica, pensamos em “serenidade” como a escuta do excluído pela técnica, possível no pensamento meditante. A linguagem articulada a esta modalidade de pensamento acolhe tal dimensão que, mais do que excluía, corre o risco de desaparecer.

Palavras-chave: Técnica Moderna; Psicologia; Linguagem; Serenidade.

*Bolsa de Doutorado concedida pela Fundação de Amparo à Ciência e à Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE) Rafael Auler de Almeida Prado Doutorando em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco. e-mail: rafaelpradoauler@gmail.com Marcus Tulio Caldas Doutor em Psicologia pela Universidade de Deusto-Espanha. Professor da graduação e pós-graduação do curso de psicologia da Universidade Católica de Pernambuco. e-mail: marcus_tulio@uol.com.br Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto Doutora em Psicologia Clínica pela USP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco. Coordenadora do Laboratório em Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial- LACLIFE. e-mail: carmemluciarbarreto@hotmail.com

“RAP, VIVÊNCIAS E ALGUMAS (DES) CONSTRUÇÕES”

Adrielle Fernanda Baldessim,
Cibele Renata dos Santos Souza,
Drieli Soares de Campos,
Fernanda Carolina Parangaba Sales,
Flávia Trova,
Jéssica Thomazini,
Verônica Januário de Souza (UNIARARAS)*

O rap no Brasil se faz como porta voz dos que estão excluídos da cultura dominante, por isso os jovens tem no rap brasileiro uma forma de se expressarem, se comunicarem, de se ouvirem e serem ouvidos. Nesse processo, há a oportunidade de narrar suas experiências de vida, além da realidade cotidiana de suas comunidades, viabilizando o desenvolvimento de identificação com aqueles que compartilham a "privação financeira, preconceito racial e social". Através da fenomenologia buscamos compreender a importância do rap na vida desses sujeitos, bem como a partir de suas vivências, perceber as versões de sentidos, e as produções de falas autênticas, presentes nas letras de suas músicas. Para a construção do presente trabalho, fez-se uma análise de algumas letras de rap's brasileiros, e o que se vê ao adentrarmos nesse mundo das letras e das inúmeras perspectivas teóricas, é que tais palavras podem ser vistas como fala e produção subjetiva de um determinado modo de viver, e que explicitam sobre a realidade do próprio país (política, economia, sociedade). Portanto, os caminhos encontrados por esses indivíduos que fazem parte desse contexto e apesar de toda desigualdade, não impede que novas formas de vivenciá-las sejam produzidas, tal como produção de sentido para eles próprios, e por isso revelando-se como uma interessante ferramenta para o profissional psicólogo, mais especificamente o humanista que considerará o sujeito a partir de suas vivências e não com algo já dado e estabelecido.

Palavras-chave: Rap; Vivência; Versão de sentido.

*Fernanda Carolina Parangaba Sales, cursando o sétimo período (quarto ano) de Psicologia pela faculdade Herminio Ometto, (Uniararas) contato: fernanda_doncella@hotmail.com / Verônica Januário de Souza, cursando o sétimo período de psicologia pela faculdade Herminio Ometto, (Uniararas) contato: veronica_januario@ig.com.br

“RECONHECENDO NOSSA EXPERIÊNCIA ELEMENTAR: UMA DISCUSSÃO SOBRE A RADICALIDADE DE SER HUMANO”

Poliana Gonçalves Barbosa (UFMG),
Miguel Mahfoud (UFMG)*

Há muito tempo as ciências humanas se questionam sobre as características fundamentais do ser humano, se existem e como identificá-las. Este trabalho objetiva compreender os elementos radicais da pessoa humana segundo as contribuições de Luigi Giussani. Para tanto, realizamos uma pesquisa teórica sobre o conceito de experiência elementar proposto pelo autor. Encontramos Giussani se debruçando sobre a experiência humana (assim como a fenomenologia o faz), destacando nela aquilo que nos torna propriamente humanos e realiza-nos enquanto tal: a experiência elementar. Essa, é descrita como um núcleo de exigências (buscas) inatas que trazemos em nós - exigência de beleza, amor, verdade, justiça e felicidade -, as quais se expressam como abertura para a totalidade. Giussani pontua ainda que somos seres que nos realizamos e afirmamo-nos na relação com o outro, além de trazermos em nós uma urgência de sermos confirmados enquanto semelhante por nossos pares. Na relação com o mundo, nem sempre colhemos respostas legítimas às nossas exigências, advindo daí uma tensão, que também nos mobiliza e reacende nossas buscas. A afirmação de nossa pessoa e de qualquer outra só acontece com base na experiência elementar, e para tal é necessário posicionarmo-nos (atividade do espírito) frente à realidade e suas provocações, emitindo juízos sobre elas; caso contrário, ferimo-nos por nos alienarmos de nossas exigências constituintes. Assim, concluímos que o conceito de experiência elementar nos implica em nosso próprio movimento de constituição humana ao enfatizar a relação sujeito-mundo como provocação para um posicionamento verdadeiro, fato intrínseco à realização de nossas exigências fundamentais.

Palavras-chave: Experiência elementar; Exigências constitutivas da pessoa; Elementar.

*Poliana é mestranda em psicologia social do programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais. Miguel é editor da revista Memorandum e professor associado efetivo da Universidade Federal de Minas Gerais

“REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE O PAPEL DO DIAGNÓSTICO NA PRÁTICA CLÍNICA”

Alessandro de Magalhães Gemino (FAMATH/UFF),
Kassia Fonseca Rapella (FAMATH)*

Em sua constituição, o campo das práticas clínicas legou uma série de considerações nosológicas sobre a psicopatologia. Esta característica direcionou, de modo geral, diversas questões sobre o encaminhamento do tratamento psicoterápico. Muitas vezes, esperamos ouvir algo que comprove determinado pressuposto, ou que dê a luz ao diagnóstico, porém não é sempre na fala esperada que o fenômeno se desvela. É preciso estar atento à nossa necessidade de disposição para o vazio, para o nada. O ser humano é um vir-a-ser e o vazio é inerente ao mesmo. O diagnóstico pode ser pensado, então, como uma forma de ser; forma esta disponível para ser desconstruída. Tem sua importância significativa, mas não podemos utilizá-lo para categorizar um ser como sendo algo simplesmente dado e restringir suas possibilidades. O horizonte teórico fenomenológico-hermenêutico, proposto pelo filósofo Martin Heidegger, tem, como proposta fundamental, nos fornecer um horizonte crítico a fim de pensarmos a questão da sintomatologia em sua relação aos esforços em se classificar e objetivar alguns modos de ser do homem, prejudiciais ao exercício da liberdade, tão proeminentes nos tempos atuais.

Palavras-chave: Psicopatologia; Diagnóstico; Fenomenologia; Clínica.

*Kassia Fonseca Rapella (kassia.rapella@hotmail.com) e Alessandro de Magalhães Gemino (alessandrogemino@gmail.com)

“REFORMA PSIQUIÁTRICA, OFICINAS ARTÍSTICAS E FENOMENOLOGIA: A HISTÓRIA DA CIA. EXPERIMENTAL MU...DANÇA”

Myrna Coelho - USP, ABD.*

Essa apresentação é o resultado da pesquisa de mestrado defendida na USP em janeiro de 2007 intitulada "das loucuras Da História: dança-teatro, sofrimento psíquico e inclusão social". A presente pesquisa trata dos percursos da construção coletiva do espetáculo de dança-teatro “das loucuras Da História pela Cia. Experimental Mu...Dança, no município de Diadema, entre 1999 e 2001, e seus desdobramentos até 2006. A Cia. Experimental Mu...Dança é uma companhia de dança-teatro formada em 1999 por pessoas com grave sofrimento psíquico e outras militantes do Movimento da Luta Antimanicomial. O espetáculo das loucuras Da História tem 80 minutos de duração divididos em 16 coreografias criadas coletivamente, a partir de dois eixos definidos pelos participantes: como o grupo vivenciou o processo de enlouquecimento e pesquisas coletivas sobre o conceito loucura. Ao abordar a interface arte e loucura descrevemos a experiência de criação do grupo discutindo-a como construção de um espaço de participação política e analisando-a na perspectiva da fenomenologia-existencial.

Palavras-chave: Dança-teatro; Reforma Psiquiátrica; Fenomenologia.

*Myrna Coelho: psicóloga, participante da Associação Brasileira de Daseinsanalyse, mestre e doutora pela USP. myrnacoelho@usp.br

“RELAÇÃO DIALÓGICA NO PROCESSO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: UMA REFLEXÃO TEÓRICA”

Camila da Costa Olmos Bueno (FAC3)*

Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo foi estudar um processo de orientação profissional não- diretivo, de natureza fenomenológica e suas contribuições para a escolha profissional de adolescentes. Pretende-se aqui fazer uma reflexão teórica sobre as contribuições da gestalt no processo de orientação profissional (OP), por acreditar-se que tal abordagem abarca eixos fundamentais no trabalho de OP. A Gestalt considera que cada indivíduo tem um potencial criativo inato. Portanto, nesta modalidade de OP, acredita-se que o indivíduo é dotado de potencialidades para escolher sua profissão. Outro pilar importante é a valorização da liberdade e responsabilidade do sujeito, o que confere ao orientador profissional, o papel de facilitador do processo, sendo que quem irá escolher e responsabilizar-se por isso é o próprio indivíduo. A Gestalt enfatiza a importância de considerar a integração das experiências em totalidades significativas do ser humano. Dessa forma, no trabalho de OP valoriza-se o indivíduo em totalidade: quem é esse adolescente que está indeciso quanto à sua carreira; quais são os motivos que estão impedindo-o de escolher; quais são suas expectativas pessoais; quais são as expectativas da família; quais são suas potencialidades, quais são suas limitações. Neste sentido, faz-se relevante destacar a unicidade e singularidade de cada pessoa, outro aspecto fundamental das abordagens humanistas. A proposta de orientação profissional em questão é um processo que não diz respeito somente à informações de profissões, como também à busca do autoconhecimento, por acreditar-se que esse é o fator fundamental para uma escolha responsável e autônoma. A Gestalt é vista como uma abordagem dialógica que valoriza a relação entre pessoa e pessoa. Esta modalidade de atendimento de OP, não centraliza a pessoa do orientador, assim como não prioriza a figura do orientando. Neste contexto merece destaque a relação dialógica que se estabelece entre esses dois indivíduos, tendo como objetivo a experiência mútua do encontro.

Palavras-chave: Orientação Profissional; Relação Dialógica; Fenomenologia.

*Camila da Costa Olmos Bueno: psicoterapeuta, orientadora profissional, mestre em psicologia, professora do curso de psicologia da Faculdade Anhanguera Educacional de Campinas, unidade 3. www.nucleogestalt.com.br brcamila_olmos@yahoo.com.br

“SAÚDE MENTAL NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN”

Nara Helena Lopes Pereira da Silva,
Carmen Lúcia Cardoso (FFCLRP/USP)*

A Estratégia de Saúde da Família (ESF) é uma política de reorientação do modelo assistencial com a implantação de equipes multiprofissionais em unidades básicas, cujo objetivo é atuar na promoção da saúde, prevenção, recuperação e manutenção da saúde das famílias no decorrer da vida. Já o tema da Saúde Mental é delicado, pois se refere a questões de direitos humanos, cidadania, inclusão social, respeito às diversidades, redes sociais, comunidades, entre outros. Nosso objetivo é apresentar algumas contribuições da fenomenologia de Edith Stein para pensarmos a saúde mental na ESF. Para tal, caracterizamos as principais experiências em saúde mental relatadas por três profissionais de atenção primária (médico, psiquiatra e agente comunitária de saúde) e a partir da análise, dois temas emergentes nas entrevistas foram escolhidos para discussão: (1) a necessidade de ações com ênfase nas famílias e em projetos de vida, para além de uma visão centrada na cura e no tratamento da doença; (2) a valorização da relação humana como um dos principais focos do trabalho das equipes. Uma análise das experiências em Saúde Mental na ESF a partir da antropologia fenomenológica pode auxiliar as equipes a refletir sobre as concepções de humano que embasam suas práticas e ações, bem como sobre como promover a construção conjunta de projetos existenciais ao longo do tempo e como valorizar as singularidades. Conclui-se que as concepções sobre Comunidade, Pessoa e Formação Humana advindas da fenomenologia de Stein oferecem contribuições importantes para pensarmos a interface saúde mental e saúde da família.

Palavras-chave: Atenção Primária; Saúde Mental; Edith Stein; ESF.

*Nara Helena L P Silva é psicóloga e doutoranda e Carmen Lúcia Cardoso é professora e doutora (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – FFCLRP/USP). E-mail-nara.helena@gmail.com

“SAÚDE PÚBLICA E MEDICINA DOS ESPÍRITOS: O SURGIMENTO DO HOSPITAL DO BOM RETIRO”

Andrea de Alvarenga Lima (UFPR),
Adriano Furtado Holanda (UFPR)*

A temática complexa e multifacetada das relações entre psiquiatria e espiritismo, no Brasil, tem sido foco de discussões acadêmicas, em disciplinas diversas, revelando um interesse crescente sobre o tema, cujas nuances, que apenas começam a ser exploradas, apontam para a construção histórica de um campo diversificado de intervenções e significados. O presente trabalho apresenta e discute resultados selecionados da pesquisa de Mestrado em Psicologia, intitulada Psiquiatria e Espiritismo no atendimento à doença mental: a história do Hospital Espírita de Psiquiatria Bom Retiro (Curitiba 1930-1950). Tendo o método fenomenológico como substrato, foram utilizados procedimentos da pesquisa historiográfica oral e documental e consultados os acervos do próprio Hospital, da Universidade Federal do Paraná, da Biblioteca Pública do Paraná e da Federação Espírita do Paraná. No recorte aqui exposto, analisa-se a constituição do saber psiquiátrico no Paraná e as relações entre esse saber e o espiritismo, destacando-se as diferentes posições assumidas pela classe médica paranaense em relação ao espiritismo e suas práticas de cura. Sobre esse pano de fundo, é tematizada a efetiva constituição do Hospital Espírita de Psiquiatria Bom Retiro, em 1946, com o objetivo de demonstrar como se estabeleceram as relações entre a perspectiva religiosa e a racionalidade científica nesse espaço, nos primeiros anos de funcionamento da instituição

Palavras-chave: História da Psicologia; História da Psiquiatria; Espiritismo; Saúde Mental; Hospital Espírita de Psiquiatria Bom Retiro.

*Andrea de Alvarenga Lima – Psicóloga e Historiadora - Mestre em Psicologia (UFPR) alvarenga.lima@gmail.com / Adriano Furtado Holanda – Psicólogo – Doutor em Psicologia (UFPR) aholanda@yahoo.com

“SENTIDO DE REUNIÕES DE DEVOLUTIVA NO CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA”

Ariany da Silva Villar (UCDB),
Josemar de Campos Maciel (UCDB)*

O presente trabalho é uma reflexão acerca do sentido de reuniões de devolutiva no contexto da investigação científica no campo das ciências sociais, ao mesmo tempo em que é uma tentativa de elaboração empírica e em escala micro do conceito de entrelugar, num sentido diverso, mas não discrepante, do que lhe conferiu Homi Bhabha. O fenômeno trazido em questão é de cunho dinâmico e representacional, um lugar que não preenche espaços nem sequer é mensurável; uma experiência que nasce da relação entre sujeito-pesquisador e sujeito-pesquisado e que, carregada de densas significações nem sempre pacíficas, é por si só fonte de conhecimento. No entanto, em vão seriam envidados esforços de estilo puramente classificatório ou preditivo, que tentassem inferir leis ou lógicas a partir de tais eventos, considerando que estes ultrapassam lógica e temporalidade homogêneas e dispensam, portanto, tentativas de enquadramento e generalização. Por este motivo, o referencial teórico deste trabalho é a teoria pós-colonial e a metodologia de sua construção é o arsenal heurístico, que consiste num processo regulado de elaboração interna de dados a partir de uma problemática sugerida pelo contato já descrito entre os sujeitos de uma pesquisa e um pesquisador, que não pode ser negligenciado simplesmente por se encontrar além das concepções horizontais da epistemologia científica.

Palavras-chave: Pesquisa Heurística; Pós-estruturalismo; Psicologia Social.

*Ariany da Silva Villar é acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco. Endereço eletrônico: ariany.villar.psico@gmail.com Josemar de Campos Maciel é Doutorando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, e Professor titular da Universidade Católica Dom Bosco. Endereço eletrônico: maciel50334@yahoo.com.br

“SENTIDO DE VISITAS DE DEVOLUTIVA NO CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA”

Kamilla Golin (UCDB),
Josemar de Campos Maciel (UCDB)*

O artigo discute parte de uma ação de devolutiva realizada a partir de uma dissertação feita com base na investigação heurística. Apresentado como discussão científica sobre um estudo de caso, o trabalho prevê a discussão de um referencial ético político, gerado a partir de uma trança de envolvimento e relações de escuta e de espaços entre sujeitos que conversam entre si; tendo como principal foco de desenvolvimento a elaboração interna do próprio pesquisador, mediada por leituras da fenomenologia, estendidas a um diálogo com a literatura pós-colonial / descolonial e pós-estruturalista. O tema discutido é o sentido de visitas particulares de devolutiva realizadas após a apresentação de um trabalho pelo pesquisador aos seus sujeitos, moradores da comunidade de São Gonçalo Beira Rio (Cuiabá –MT). As relações estabelecidas entre o pesquisador e o sujeito pesquisado são o principal foco de estudo. Estas relações são apresentadas na forma de diálogos, e vão sendo elaboradas a partir da sensibilidade possível a uma estudante do curso de psicologia, dando ao leitor uma ideia da visibilidade / invisibilidade da relação entre a academia (no Centro-Oeste) e a comunidade. Com esta reflexão tematiza-se a pesquisa como um todo, e a ação de devolutiva, em particular, como representação do entre – lugar estabelecido entre comunidade e pesquisador, de maneira a possibilitar um entendimento do conhecimento gerado dessa relação. Com e por isso, encara-se a devolutiva como um ato essencial pós-pesquisa, onde o pesquisador volta ao local pesquisado, revisitando relações já estabelecidas e tentando construir empiricamente novas significações.

Palavras-chave: Pesquisa Heurística; Pós-estruturalismo; Psicologia Social.

*Kamilla Golin Kamilla.golin@yahoo.com.br Josemar de Campos Maciel maciel50334@yahoo.com.br

“SER OBRA DE ARTE E PARAR O MUNDO_ DIÁLOGOS ENTRE HEIDEGGER E CASTAÑEDA”

Ana Gabriela Rebelo dos Santos (UFF),
Roberto Novaes de Sá (UFF)*

Este trabalho propõe pensarmos a cerca das possibilidades de experiência de mundo a partir da articulação (sem com isso querer equivaler idéias) entre o ser obra de arte, idéia desenvolvida pelo filósofo Martin Heidegger (1889-1976) na conferência A Origem da Obra de Arte e o parar o mundo, idéia exposta pelo antropólogo Carlos Castañeda (1925-1998) ao longo de sua obra. Segundo Heidegger o Ser obra é instalar um mundo e instalar um mundo é deixar em aberto o aberto do mundo. Isto é, abertura de sentido. Segundo Heidegger, o homem é o ente cujo ser esta sempre em jogo na sua existência. “Parar o mundo”, é o que fala o índio Don Juan a seu aprendiz Castañeda. É preciso que ele consiga parar o mundo, ou seja, desmoronar o seu conceito de mundo para conseguir ver o mundo desprendido do consenso social. Falando desses conceitos, os autores discorrem sobre realidades plásticas, sobre mundos que existem a partir de experiências, sobre formas de se estar no mundo ativamente e transitar entre mundos se mantendo na abertura do ente. A idéia não é fazer uma relação de equivalência entre o que desenvolvem os autores, e sim abrir mais um espaço para pensar a cerca da experiência e existência do homem. Como recurso metodológico destacamos passagens da trajetória de Castañeda descritas nos livros: Uma Estranha Realidade e Viagem a Ixtlan, e buscamos caminhos junto as idéias de Heidegger em A Origem da Obra De Arte. Objetivamos abrir um espaço para pensar em formas de estar no mundo do ser-aí. Possibilidades que nos apontam um retorno às questões essenciais do acontecer humano, das quais a Fenomenologia trata, questões fundamentais do pensamento ontológico.

Palavras-chave: Heidegger; Castañeda; Obra de arte.

*Ana Gabriela Rebelo dos Santos (anagabriolarebelo@gmail.com)- Graduada em Psicologia na Universidade Federal Fluminense, Mestranda Bolsista da CAPES do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense e Arteterapeuta integrante da equipe da Clínica Pomar no Rio de Janeiro; Roberto Novaes de Sá (roberto_novaes@terra.com.br) - Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1982), mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1987) e doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994). Atualmente é Professor Associado da Universidade Federal Fluminense, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia na área de concentração Estudos da Subjetividade. Tem experiência na área de Psicologia Clínica, com ênfase em Intervenção Terapêutica, atuando principalmente nos seguintes temas: Fenomenologia, Existencialismo, Hermenêutica, Daseinsanalyse, Martin Heidegger, práticas clínicas e modos de existência na contemporaneidade.

“SER PSICOTERAPEUTA: REFLEXÕES EXISTENCIAIS SOBRE VIVÊNCIAS DE ESTAGIÁRIOS-TERAPEUTAS INICIANTES”

Jéssica Paula Silva Mendes (UNIPAR),
Sionara Karina Alves de Brito Gressler (UNIPAR),
Sylvia Mara Pires de Freitas (UNIPAR)*

Esta produção apresenta uma análise reflexiva, com base no existencialismo sartreano, sobre a idealização do estagiário-terapeuta iniciante em Ser Terapeuta. Tal reflexão teve como ponto de partida algumas vivências das autoras. Partindo dessas vivências, propomos desconstruir o lugar de soberania onde muitas vezes é colocado o psicoterapeuta, lugar esse construído por ideologias que criaram o papel do profissional responsável pela cura, valorizando-o sobremaneira ao ponto de subjetivar verdades que desconsideram a interdependência da relação terapeuta-cliente, proporcionando sentidos que levam o estagiário-terapeuta iniciante a criar, alienadamente, expectativas frente suas atuações, as quais, ao abarcar toda a responsabilidade pela cura do Outro, nega-o como artifice de sua existência. A busca, não de ser um produto acabado, mas de permanecer aberto no sentido de vir-a-ser um profissional cada vez mais preparado, é, entre outras, uma das qualidades mais importante para a experiência de tornar-se psicoterapeuta. Ao invés de se acomodarem, visar uma ampliação e, conscientes de que alcançar maiores patamares implica correr riscos, manifestar a coragem e a vontade de abandonar a segurança do conhecido para mergulhar no desconhecido, de onde possa emergir muitas potencialidades ainda inexploradas. Tais funções destinadas ao ser terapeuta, oculta por sua vez a condição humana, pois se precaver à manutenção das expectativas de um papel estereotipado superpõe o indivíduo enquanto pessoa. Consideramos que projetos idealizados não abarcam frustrações, impossibilitando o reconhecimento dos limites do próprio projeto de Ser terapeuta.

Palavras-chave: Ser psicoterapeuta; Idealização; Fenomenologia-existencial.

*¹Discente do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR. E-mail: tata_jotape@hotmail.com . Av. Londrina, 3390, apto. B3. CEP: 87502-250 ²Discente do 4º ano de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR. E-mail: sionaragressler@hotmail.com . Av. Maringá, 4789, apto 404. CEP: 87502-080 ³Psicóloga. Mestre em Psicologia Social e da Personalidade pela PUC/RS. Especialista em Psicologia do Trabalho pelo Centro Universitários Celso Lisboa (CEUCEL/RJ). Formação em Psicoterapia Existencial pelo Núcleo de Psicoterapia Vivencial (NPV/RJ). Docente e Orientadora de Estágio em Psicologia Clínica e de Grupo, na abordagem Fenomenológico-Existencial e Co-coordenadora do Curso de Especialização em Psicologia Fenomenológico-Existencial da Universidade Paranaense – UNIPAR/Umuarama – Paraná. Docente-orientadora de Estágio em Psicologia do Trabalho, na Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). E-mail: sylviamara@gmail.com . Av. Mascarenhas de Moraes, s/n. Universidade Paranaense, Campus sede Umuarama, Paraná – Colegiado do curso de Psicologia.

“SER TRÁGICO NO MUNDO-DA-VIDA DO PSICÓLOGO CLÍNICO”

Roberta da Costa Borges (ILES/ULBRA - Itumbiara/GO),
Gabriela Barbosa Guizzetti (ILES/ULBRA - Itumbiara/GO)*

Na busca pela compreensão do ser trágico no mundo-da-vida do psicólogo, realizamos o presente estudo à luz do Método Fenomenológico e do Referencial teórico de Martin Heidegger, para responder ao questionamento “por que o psicólogo clínico deve reconhecer-se trágico?”. Discutindo o ser psicólogo, não enquanto suas atribuições profissionais, mas enquanto humano diante de sua própria tragédia. O objetivo deste estudo foi compreender a vivência ser trágico no mundo-da-vida do psicólogo à luz do Método Fenomenológico. Tratou-se de uma pesquisa bibliográfica em que buscou-se a qualidade científica do estudo através de uma investigação pautada na compreensão dos significados e sentidos encontrados em livros, artigos e textos. A análise mostrou que o pensamento trágico nos revela que a tragédia, ao passo que gera a angústia, gera também uma virtude, que é a coragem. Então, o ser torna-se herói quando, consciente de sua tragédia e de seu destino inevitável, a morte, ele escolhe enfrentá-la. A clínica e o psicólogo clínico aparecem como opção: a clínica como o espaço em que o cliente busca confrontar-se com os fatos cruéis da condição humana, diante de sua angústia ou de sua tragédia; e o psicólogo clínico para compreender essa tragédia enquanto ser trágico, que se angustia tanto quanto seu cliente. Portanto, o psicólogo deve ter coragem de enfrentar sua própria tragédia porque só assim poderá construir uma relação recíproca com seu cliente, compartilhando um momento de transformação de ambos nesse encontro.

Palavras-chave: Tragédia; Psicólogo Clínico; Fenomenologia Ontológico-Hermenêutica.

*Roberta da Costa Borges - Psicóloga Clínica e Mestre pela USP/Ribeirão Preto/SP, Profª. orientadora da monografia realizada no Instituto Luterano de Ensino Superior de Itumbiara/GO (ILES/ULBRA). robertacostaborges@hotmail.com Gabriela Barbosa Guizzetti - Graduada em Psicologia pelo Instituto Luterano de Ensino Superior de Itumbiara/GO (ILES/ULBRA), Pós-Graduada em Gestalt Terapia pelo ITGT de Goiânia/GO. gabiguizzetti@yahoo.com.br

“SER, ANGÚSTIA E MORTE – REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE HEIDEGGER E KIERKEGAARD”

Thaís Quixadá Fontenele (UFC),
Thiago Carvalho Freitas (UFC)*

O presente artigo pretende expor as questões relativas à angústia, à finitude humana e à morte, sob a ótica da analítica existencial de Heidegger, do sentido do ser, e do existencialismo cristão de Kierkegaard e seu conceito de existência como possibilidade. Por meio de pesquisa bibliográfica, coube a nós esquadrihar os diálogos que os dois autores – que não são contemporâneos – tecem ao longo de suas obras acerca da existência humana. Para Heidegger, o Dasein (o ente que compreende o ser) se singulariza na angústia, pois é através dela que se dá a tomada de consciência de si mesmo na sua condição de ser-no-mundo. Esta, para Kierkegaard, é um desajuste necessário a que o homem está sempre sujeito enquanto vivente e ativamente participante do processo de escolhas e tomada de decisões. Com relação à morte, a proposição heideggeriana é relativamente simples: apenas na relação com sua morte o Dasein pode captar sua temporalidade inerente; porém, não é por se descobrir finito que o homem deve sentir-se ameaçado a cada instante. Kierkegaard nos apresenta finitude não apenas como sinônimo de morte (em sua definição usual), mas como a situação de possibilidades abertas diante do indivíduo, que se vê cercado pela infinidade do possível e da finitude humana, angustiada, desesperado diante dos temores da existência. Para melhor expor o diálogo entre os autores, o artigo segue os seguintes caminhos: descrever e comentar os conceitos e as expressões comuns dos autores e aprofundar as particularidades inerentes a cada um deles.

Palavras-chave: Heidegger; Kierkegaard; Existência; Angústia; Morte;

*Graduandos em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. thaisquixada@yahoo.com.br / thiagowcf@gmail.com

“SUICÍDIO E PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL”

Gabriela Beltrão Veneri (Universidade Federal do Paraná)*

Considerando o crescente número de suicídios no Brasil e no mundo, assim como a escassez de estudos sobre o tema a partir da Psicologia Fenomenológico Existencial, produziu-se este trabalho. O mesmo possui como objetivo principal promover a discussão sobre o suicídio e como abordar esta questão na Psicoterapia Fenomenológico Existencial, para que a prática clínica desta abordagem possa ser enriquecida, permitindo que, se possível, dentro do contexto apresentado pelo sujeito em terapia, a prevenção seja realizada. A metodologia utilizada foi a pesquisa e revisão bibliográfica, na qual foram utilizadas 28 referências bibliográficas. A partir disto, fez-se possível afirmar que o foco da psicoterapia, quando se trata de suicídio, não está na busca de causas que levam a pessoa a um ato de tão profunda dor e desespero, mas em criar medidas que possam ser adotadas com a finalidade de prevenção. O psicoterapeuta deve sempre buscar, juntamente com o cliente, entender como o suicídio se dá num processo durante a existência deste indivíduo. A psicoterapia deve auxiliar o sujeito a conseguir restituir seu Eu. O aqui-e-agora das sessões ajuda o cliente a perceber como estabelecer relações em seu cotidiano (ou restabelecê-las quando foram perdidas), ajudando-o a aprender que para estar com o Outro é necessário que ele signifique o Eu, construindo assim relacionamentos genuínos, tendo consciência dos limites entre o Eu e o Outro, e aceitando-os. A psicoterapia deve sempre respeitar a unicidade do indivíduo, assim como a complexidade que há no ato suicida.

Palavras-chave: Suicídio; Psicoterapia; Fenomenológico-Existencial.

*Gabriela Beltrão Veneri - Mestranda em Psicologia, com ênfase em Psicologia Clínica, na Universidade Federal do Paraná. Email: gabi_veneri@hotmail.com

“SUPRESSÃO DOS DIREITOS HUMANOS E A CONSTITUIÇÃO DA “SUBJETIVIDADE””

Luis Jardim (Unip/Uninove)*

A violência sofrida sistematicamente traz marcas para a existência que determinam seu modo de ser. Para a fenomenologia heideggeriana, o Dasein (Ser-aí) é temporal, e isso significa que a cada vez somos e nos projetamos a partir de nossa própria história. Ser a própria história implica em nossas possibilidades ôntico-existenciárias serem abertas a partir das experiências anteriores e de como compreendemos o mundo e a si mesmos. Neste sentido, a experiência de ter a garantia dos direitos humanos violada, seja pela instauração do medo ou tortura, pode determinar nosso modo de pensar e agir futuro. Pretendo mostrar neste trabalho que a determinação de nossa, assim chamada, “subjetividade” pela experiência sistemática da violência poderia se dar a partir de uma modificação das afinações. As afinações são os equivalentes ônticos da disposição fundamental e, a cada vez, é o modo como estamos afinados que determina a compreensão que temos de si e do mundo. Na medida em que esta dá o tom de nossa relação com o mundo, esse tom também marca nossa postura, ação e pensamento. Em outras palavras, a mudança da afinação transforma quem somos. A partir de exemplos de torturas sofridas durante as ditaduras militares no Brasil e Argentina, buscaremos evidenciar como se transformam as afinações por esse mecanismo invasivo que, pela ameaça, dor e medo, pretende modificar nosso modo de estar no mundo.

Palavras-chave: Direitos humanos; Afinação; Ditadura; Martin Heidegger; Tortura

*luisfjardim@yahoo.com.br – Graduado e mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP é psicoterapeuta individual e de grupo. Pertence a equipe de Fenô & Grupos e é professor e supervisor de Fenomenologia na Universidade Paulista UNIP e Universidade Nove de Julho UNINOVE em São Paulo

“TENTATIVAS SUICIDAS: UMA COMPREENSÃO HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA”

Márcio Arthoni Souto da Rocha (UFC),
Georges Daniel Janja Bloc Boris (UNIFOR)
Virgínia de Sabóia Moreira Cavalcanti (UNIFOR)*

Este trabalho tem como principal objetivo compreender a experiência suicida a partir de um referencial humanista-fenomenológico. Para isto, tomamos como referência a revisão conceitual da psicologia humanista que tem como base a fenomenologia da ambigüidade de M. Merleau-Ponty. Partindo da compreensão de que a experiência vivida só pode ser adequadamente compreendida em mútua constituição com o mundo, supera-se a dicotomia de interno e externo, tão presente nos estudos sobre a subjetividade. A experiência suicida é reconhecida como uma experiência mundana, uma vez que não é possível compreendê-la sem sua condição de imbricação com o mundo. Foram entrevistados como colaboradores deste estudo pacientes psiquiátricos do sexo masculino que descreveram suas tentativas suicidas através de entrevistas fenomenológicas. Identificando como cada colaborador compreendia sua experiência de tentativa suicida, foi possível descrevê-la sem as amarras teóricas já presentes nos estudos sobre o suicídio. Essa experiência caracteriza-se como uma vivência de aniquilamento existencial, onde as condições culturais e sócio-econômicas em torno do suicídio precisam ser sistematicamente consideradas para que este fenômeno humano seja melhor compreendido.

Palavras-chave: Suicídio;. Psicologia Humanista; Fenomenologia.

*Professor da UFC. Doutorando em psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR): arthoni@yahoo.com.br Doutor em sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Professor do Mestrado em Psicologia da UNIFOR: geoboris@unifor.br. Professora do Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza, Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP (1990), com Pós-Doutorado em Antropologia Médica por Harvard University: virginiamoreira@unifor.br

“TERAPIA DE FAMÍLIA E SEUS SIGNIFICADOS: NARRATIVAS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DOS CLIENTES (POSTER)”

Juares Soares Costa,
Vera Engler Cury (PUC-Campinas)*

A partir de nossa experiência profissional como Psicoterapeuta de Família e de Casal — e coerentemente com os propósitos do Grupo de Pesquisa “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção”, da PUC-CAMPINAS, que tem entre seus objetivos a pesquisa científica de modalidades diferenciadas de atenção psicológica em contextos institucionais — apresentamos esta pesquisa em andamento, objetivando a compreensão e interpretação de um ponto de vista fenomenológico, dos elementos significativos da experiência vivida por clientes atendidos em Terapia de Família e do processo desencadeado a partir do atendimento. A pesquisa aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa, encontra-se na fase das entrevistas, a partir das quais construiremos narrativas, considerando-as como um dos caminhos para o acesso a experiência vivida pelos clientes. Segundo Benjamin (1994) o narrador conta o que retira de sua experiência, ou da(s) que é (são) relatada(s) por outros. O entrevistado ao narrar a experiência vivida, atualiza-a na conversa com o pesquisador, que incorpora em sua primeira narrativa elementos da experiência que está vivendo e dos relatos escutados. Posteriormente construiremos novas narrativas baseadas nas experiências que tivemos com o(s) entrevistado(s), que também conterão elementos referentes ao pesquisador. Ao final construiremos uma síntese interpretativa, buscando descrever, compreender e destacar os elementos significativos das experiências compartilhadas com os clientes.

Palavras-chave: Terapia familiar; Psicologia clínica; Fenomenologia; Atenção psicológica.

*Juares Costa, Psiquiatra, psicoterapeuta, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas. / Vera Engler Cury, Professora do programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas

“UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE A PROPOSTA DO PLANTÃO PSICOEDUCATIVO PARA EDUCADORES”

Renata Capeli S. Andrade (PUC-SP; UNIP),
Heloisa Szymanski (PUC-SP)*

Apresentaremos um estudo fenomenológico de uma proposta de atenção psicoeducacional para educadores, o plantão psicoeducativo. Seu objetivo é investigar como o plantão psicoeducativo se constitui como uma prática de intervenção psicoeducativa e qual sua relevância para os educadores participantes e as instituições educativas onde acontece. Seguem-se os aportes de Arendt sobre reflexão, compreendida como um pensar sobre o viver em que podemos nos apropriar de outras perspectivas sobre o vivido e engendrar novos olhares para as experiências cotidianas. Segue-se no método a orientação fenomenológica na modalidade de pesquisa-intervenção. Essa prática se desenvolve através de entrevistas reflexivas individuais e encontros reflexivos com educadores de uma CEI e uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, localizadas na periferia da cidade de São Paulo. O plantão psicoeducativo está disponível para ouvir os educadores, tendo como elemento organizador da demanda a explicitação do que os aflige no cotidiano escolar e pessoal. Podemos inicialmente defini-lo como um espaço para reflexão e cuidado daquilo que se faz emergente. Os resultados iniciais apontam para a valorização desse espaço por ser entendido como um momento raro em que as pessoas que o procuram podem ser ouvidas e pensar em outras perspectivas para as dificuldades enfrentadas. As implicações da vida profissional à própria saúde e o relacionamento com alunos e equipe gestora são alguns dos temas abordados no plantão psicoeducativo.

Palavras-chave: Plantão psicoeducativo; Atenção à educadores; Fenomenologia.

*rcapeli@uol.com.br

“UM ESTUDO SOBRE O OLHAR NA CONSTRUÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA”

Talian Cordeiro Batista (UCDB),
Josemar Campos Maciel (UCDB)*

O presente trabalho pretende elaborar considerações acerca da relação entre o pesquisador e o pesquisado, resultando na construção de um campo de pesquisa, entendido como reflexo de um olhar coletivo. Para isso, parte-se do material inicial empírico de uma exposição fotográfica, que fez – ou deveria ter feito - parte das ações de devolutiva resultantes de uma dissertação de mestrado. A devolutiva de fato aconteceu, representada e materializada em fotografias, porém a sua forma específica deveu moldar-se ao desejo dos fotografados, que foram se apropriando do material, conferindo-lhe um sentido estranho ao projeto original e, ao mesmo tempo, que ia confirmando o impacto do trabalho sobre os sujeitos, que sentiam-se vistos e presenteados. A pesquisa não aconteceu, no caso em questão, guiada somente pelo olhar e o caminhar do pesquisador, mas nasceu e estruturou-se / desestruturou-se como um entrelugar comunicativo, permitido pela sensibilidade do pesquisador em caminhar com o Outro. Ao recusar a exposição, a comunidade tomou posse de suas histórias representadas pelas imagens, de forma particular, que é discutida no texto que segue. A partir da observação das fotos e das reações da comunidade a todo o contexto da exposição-devolutiva, pretende-se sistematizar uma reflexão sobre o sentido de se construir um campo de pesquisa como relação dinâmica, para além do cumprimento de tarefas.

Palavras-chave: Pesquisa Heurística; Pós-estruturalismo; Psicologia social.

*Talian Cordeiro Batista, acadêmica de iniciação científica, (UCDB) e Josemar Campos Maciel, professor do mestrado em Desenvolvimento Local.

“VIVÊNCIAS CIDADÃS EM UM GRUPO-AÇÃO: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA DA EXPERIÊNCIA.”

Matheus R. Prudenciatto,
Pedro V. B. Milanesi (UNIARARAS)*

Trata-se de uma pesquisa-ação sob o enfoque da psicologia fenomenológica, que se propôs a pensar os espaços de cidadania no contemporâneo, realizada num CRAS situado em uma cidade do interior de São Paulo. Para isto, se fez uma revisão histórica do fenômeno pelo mundo ocidental, principalmente pelo Brasil. O equipamento, apresentado como importante estratégia em políticas públicas de assistência social deste país, foi escolhido a partir de sua regulamentação e a forma como está sendo conduzido na cena atual. O ideário de cidadania pensada aqui se pautou no pensamento de Hannah Arendt, que prega o uso da ação e da palavra como emancipadores ao humano. O grupo, formado por cinco usuárias do equipamento, teve cinco encontros, sendo o último um contato direto no bairro habitado pelas participantes. O movimento grupal propiciou discussões sob assuntos que são silenciados por um discurso opressor quando o tema cidadania é pautado. A experiência grupal, que se mostrou como espaço de cidadania, e como acabou por mostrar e identificar outros espaços possíveis para seu exercício. Também, a partir de uma leitura da significação subjetiva desta experiência a partir da vivência grupal, permitiu considerar que espaços são promotores de cidadania quando existe a possibilidade da palavra e da ação, do falar e ouvir enquanto autenticidade e apropriação. A pesquisa ainda apontou o tema e o lugar onde foi realizada como potentes para a elaboração de novas pesquisas.

Palavras-chave: Espaço cidadão; Cidadania; Grupos; Fenomenologia; CRAS.

*Matheus: Psicólogo recém-formado pela instituição, orientando em 2010. Pedro: Psicólogo, professor da instituição e orientador.

“VIVÊNCIAS DO TRABALHADOR INFORMAL: ANÁLISES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS”

Aline Andressa Martinez Mello,
Caroline Pelegrini Dambrós,
Marina Meneguetti Vaccaro,

Sylvia Mara Pires de Freitas (Universidade Estadual de Maringá)*

Diversos estudos têm demonstrado que, de forma geral, os trabalhadores informais são alvos de preconceito, sendo estigmatizados e colocados à margem da sociedade. Este resumo refere-se a pesquisa realizada durante o curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá/Pr, que teve como principal objetivo compreender, a partir de uma perspectiva fenomenológico-existencial, o sentido que o próprio trabalhador informal atribui ao seu ofício, bem como sua vivência na relação com seu trabalho informal. Para isso, adotou-se uma metodologia de cunho qualitativo, em que se empregou o método fenomenológico de Husserl e o método progressivo regressivo proposto por Sartre. Foram realizadas entrevistas semi-dirigidas com trabalhadores informais da cidade de Maringá – PR e a partir dos conteúdos obtidos nessas, foi realizada uma análise visando compreender as vivências dos sujeitos à luz do existencialismo sartreano. Pôde-se perceber que o problema maior encontrado na vivência dos trabalhadores informais e na maneira com que significam o seu ofício, diz respeito à ausência de uma consciência reflexiva sobre algumas de suas escolhas que não vislumbram a segurança de um futuro estável como primordial, mas acreditam que a satisfação das necessidades momentâneas é mais expressiva. Ademais, notou-se também que esta parcela da população não está reconhecendo as inúmeras possibilidades às quais pode acatar para realizar seus projetos existenciais, e, esse fechamento ao horizonte de possibilidades faz com que suas escolhas sejam realizadas de maneira alienada ao projeto neoliberal que visa o prazer imediato do indivíduo autônomo e livre, desconectado do coletivo e de sua história.

Palavras-chave: Trabalho Informal; Psicologia do Trabalho; Psicologia Existencial.

*Aline Andressa Martinez Mello: acadêmica do quinto ano do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá – lininha.andressa@hotmail.com Caroline Pelegrini Dambrós: acadêmica do quinto ano do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá – carolinepelegrini@hotmail.com Marina Meneguetti Vaccaro: acadêmica do quinto ano do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá – carolinepelegrini@hotmail.com Sylvia Mara Pires de Freitas: Possui graduação em Psicologia, especialização em Psicologia do Trabalho pelo Centro Universitário Celso Lisboa- CEUCEL/RJ, formação em Psicologia Clínica (abordagem existencial) pelo Núcleo de Psicoterapia Vivencial (NPV/RJ) e mestrado em Psicologia Social e da Personalidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora assistente da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR) e da Universidade Paranaense (UNIPAR/PR). – sylviamara@gmail.com

PROGRAMAÇÃO DAS MESAS REDONDA

SEXTA – DIA 03/JUNHO

08h30 – 10h Abertura - MR1 Auditório 1

- Quanto Basta para ser Existencialmente Normal? / Yolanda Cintrão Forghieri (USP)
- Pensamento de Carl Rogers e a Construção da Psicologia Humanista no Brasil / Irmão Henrique Justo (La Salle/RS)

Coffe-break

10h30 - 12h

MR2 Auditório 1

- Por uma História da Fenomenologia no Brasil: Sobre as Contribuições de Nilton Campos / Adriano Holanda (UFPR)
- A Contribuição de Jaspers, Binswanger, Boss e Tatossian para a Psicopatologia Fenomenológica / Virginia Moreira (Unifor)
- A Fenomenologia da Vida em Michel Henry: Reflexões Críticas da Psicopatologia e Psicoterapia / Andrés Antunez (USP)

MR3 Auditório 2

- Fenomenologia e Ciências Humanas: a crítica de Husserl ao Positivismo / Carlos Diógenes Cortes Tourinho (UFF)
- De Que se Ocupa a Psicologia, segundo os Fenomenólogos / Luiz D. Moutinho (UFPR)

Almoço

14h – 15h30min

MR4 Auditório 1

- Por uma cartografia do não-saber: Considerações sobre um modelo de Pesquisa Fenomenológica nas Ciências sociais / Josemar de Campos Maciel (UCDB)
- Desafios para uma Clínica Fenomenológica / William Barbosa Gomes (UFRGS)

MR5 Auditório 2

- Fenomenologia, Corpo e Existência em Merleau-Ponty / Adão Peixoto (UFG)
- Sobre a Fenomenologia de Merleau-Ponty / Leandro Neves Cardim (UFPR)

coffe-break

16h – 17h30min

MR6 Auditório 1

- Fenomenologia da experiência religiosa contemporânea: Novas formas de produção de sentido do Sagrado / Mary Ruth Esperandio (PUC-PR)
- A Fenomenologia da Religião em Ales Bello: Perspectivas e Desafios / Márcio Luiz Fernandes (PUC-PR)
- Fenomenologia e Experiência Religiosa em Paul Tillich / Tommy Akira Goto (PUC-MG)

MR7 Auditório 2

- Cuidado como Amor: A Propósito do Sentido da Analítica Existencial em Heidegger / Marcos Aurélio Fernandes (UCB)
- Cuidado de Si como Cuidado do Outro: Ética e Finitude em *Ser e Tempo* / André Duarte (UFPR)

Coffe-break

18h00 – 19h30min - Sexta, 03 de junho de 2011

MR8 Auditório 1

- Diálogo Fenomenológico da Sexualidade em Trânsito: Corpo, Gênero e Sexo / Maria Alves de Toledo Bruns (USP-RP)
- Ser Bruto na Ontologia de Merleau-Ponty: elementos para pensar a situação terapêutica / Mônica Botelho Alvim (UFRJ)

MR9 Auditório 2

- Inconsciente como Experiência / Carlos Augusto Serbena (UFPR)
- Intervenção Precoce em Psicoses / Ileno Izidio da Costa (UnB)

SÁBADO – DIA 04/JUNHO

08h30 – 10h

MR10 Auditório 1

- A Clínica Psicológica Infantil em uma Perspectiva Existencial / Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ)
- Corpo Vivido: Uma Contribuição para a Psicologia / Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)

MR11 Auditório 2

- A Experiência de Recordar entre Fenomenologia e Heterofenomenologia / Gustavo Gauer (UFRGS)
- Como sei que eu sou eu? Cinestesia e espacialidade nas conferências husserlianas de 1907 / Thiago Gomes de Castro (UFRGS)

Coffe-break

10h30 – 12h

MR13 Auditorio 1

- Pensando o Suicídio sob a Ótica Fenomenológica Hermenêutica: algumas considerações / Elza Dutra (UFRN)
- A morte e o morrer: contribuição heideggeriana para a Psicologia / Lucia C.da Silva (UEM)

MR14 Auditório 2

- Sartre e a Psicologia Clínica / Daniela Schneider (UFSC)
- Uma Análise Existencialista para um caso Clínico de Transtorno Obsessivo Compulsivo / Sylvania Mara Pires Freitas (UEM)

Almoço

14h – 15h15min

- Apresentação de Temas Livres (Oral e Pôster)- Salas 1 a 25

Intervalo

15h30min – 16h45min

- Apresentação de Temas Livres (Oral e Pôster)- Salas 1 a 25

Coffe-break

17h15min – 18h45min

MR15– Auditório 1

- Modelo Epistemológico de Constituição do Conhecimento: Conceito de Mundo e de Pessoa em Gestalt-Terapia / Jorge Ponciano Ribeiro (UnB)
- Fundamentos Teóricos para Estudos da Experiência Consciente da Violência Psicológica / Adelma Pimentel

18h45min – 19h00min – Encerramento

APRESENTAÇÃO ORAL DE TEMA LIVRE

SESSÃO 01 – Sábado, 04 de junho – 14h às 15h15min (sala 1)

- [ORAL - 24] CONSIDERAÇÕES SOBRE RELAÇÕES DE AJUDA A PARTIR DE UM TEXTO KIERKEGAARDIANO - Myriam Moreira Protasio (UERJ)
- [ORAL - 86] TENTATIVAS SUICIDAS: UMA COMPREENSÃO HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA - Márcio Arthoni Souto da Rocha (UFC); Georges Daniel Janja Bloc Boris (UNIFOR); Virgínia de Sabóia Moreira Cavalcanti (UNIFOR)

SESSÃO 02 – Sábado, 04 de junho – 14h às 15h15min (sala 2)

- [ORAL - 21] ANÁLISE DE UM PROCESSO DE ESCOLHA PROFISSIONAL NA COMPREENSÃO DO EXISTENCIALISMO SARTREANO - Marina Gomes Coelho de Souza (UFRJ); Geórgia Bunn Santos (UNISUL)
- [ORAL - 56] O FENÔMENO DA MÁ-FÉ DIANTE DA RESPONSABILIDADE DA ESCOLHA PROFISSIONAL - Graciele Maria Welter (UNIPAR) Joyce Gomes Camapum (UNIPAR) Laerte Bach de Souza (UNIPAR) Marivania Cristina Bocca (Profa/Orientadora - UNIPAR)
- [ORAL - 76] RELAÇÃO DIALÓGICA NO PROCESSO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: UMA REFLEXÃO TEÓRICA - Camila da Costa Olmos Bueno (FAC3)

SESSÃO 03 – Sábado, 04 de junho – 14h às 15h15min (sala 3)

- [ORAL - 3] A CHEGADA NA ESCOLA: ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE O OLHAR DOS PAIS, CRIANÇAS E EDUCADORES - Luciana Szymanski (PUC-SP), Carolina Grando (PUC-SP), Elaine Freire (PUC-SP), Marcos Souza Junior (PUC-SP), Fabiana Villas (PUC-SP)
- [ORAL - 13] A RELAÇÃO ENTRE TROTE UNIVERSITÁRIO E BULLYING: UMA INVESTIGAÇÃO EXISTENCIALISTA - Thaís Serafim dos Santos (UNIPAR); Jorge Antonio Vieira (UNIPAR)
- [ORAL - 46] MEDIAÇÕES SOCIOLÓGICAS: UMA ANÁLISE EXISTENCIALISTA DE TRAJETÓRIAS ESCOLARES EM MEIOS POPULARES - Ranieri Cortez (UNISUL)

SESSÃO 04 – Sábado, 04 de junho – 14h às 15h15min (sala 4)

- [ORAL - 12] A POTÊNCIA TRANSFORMADORA DO FENÔMENO DE PATHOS - Mariana Puchivailo(UFPR)
- [ORAL - 23] COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DA ANGÚSTIA E MEDO EM ALPHONSUS DE GUIMARAENS - Felipe Gallego (Uninove) Sebastião B. Mariano (Uninove) Luis Jardim (Unip/Uninove)
- [ORAL - 49] O CARÁTER TERAPÊUTICO DA FALA NA DASEINSANALYSE - Keyla da Cunha Paes Barreto (UNINOVE) , Luís Jardim (UNIP/UNINOVE)

SESSÃO 05 – Sábado, 04 de junho – 14h às 15h15min (sala 5)

- [ORAL - 20] AMPLIANDO AS POSSIBILIDADES DE COMPREENSÃO PSICOLÓGICA A PARTIR DA LINGUAGEM POÉTICA - Rafael Prado; Marcus T. Caldas; Carmem L.B.T.Barreto (UNICAP)
- [ORAL - 63] O RELACIONAMENTO TERAPÊUTICO COMO FORMA DE CRESCIMENTO: UM ESTUDO DE CASO - Itala Villaça Duarte (Erasto Gaertner); Aline Mariana Rodicz (Erasto Gaertner)
- [ORAL - 82] SER TRÁGICO NO MUNDO-DA-VIDA DO PSICÓLOGO CLÍNICO - Roberta da Costa Borges (ILES/ULBRA - Itumbiara/GO) e Gabriela Barbosa Guizzetti (ILES/ULBRA - Itumbiara/GO)

SESSÃO 06 – Sábado, 04 de junho – 14h às 15h15min (sala 6)

- [ORAL - 50] O CONCEITO DE JOGO PARA BUYTENDIJK E GADAMER: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA - Thiago de Paula Cruz
- [ORAL - 59] O PARADOXO ENTRE TEORIA E PRÁTICA NA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA: O PONTO DE VISTA DE ARTHUR TATOSSIAN - Lucas Bloc (UNIFOR); Virginia Moreira (UNIFOR)
- [ORAL - 81] SER PSICOTERAPEUTA: REFLEXÕES EXISTENCIAIS SOBRE VIVÊNCIAS DE ESTAGIÁRIOS-TERAPEUTAS INICIANTEs - Jéssica Paula Silva Mendes (UNIPAR); Sionara Karina Alves de Brito Gressler (UNIPAR); Sylvania Mara Pires de Freitas (UNIPAR)

SESSÃO 07 – Sábado, 04 de junho – 14h às 15h15min (sala 7)

- [ORAL - 37] FENOMENOLOGIA E GRUPOS: EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO TERAPÊUTICO COM ADOLESCENTES EM INSTITUIÇÃO DE SAÚDE - Natalia Campos Bernardo (UNINOVE); Luana de Santana Oliveira (UNINOVE); Luis Jardim (UNIP/UNINOVE)
- [ORAL - 44] INTERVENÇÕES GESTÁLTICAS COM JOVENS AUTISTAS NA EQUITAÇÃO TERAPÊUTICA A PARTIR DE CAMPOS RELACIONAIS - Fabiana De Zorzi (UNIFOR), Georges Daniel Janja Bloc Boris (UNIFOR), Miguel Angel Liello (UNISC)
- [ORAL - 69] PROCESSO DE REABILITAÇÃO DOS PACIENTES DE UMA CLÍNICA-ESCOLA DE FISIOTERAPIA: UMA VISÃO FENOMENOLÓGICA - Pedro Vitor Barnabé Milanesi; Priscila Zuliani Librelon (Centro Universitário Hermínio Ometto - UNIARARAS)

SESSÃO 08 – Sábado, 04 de junho – 14h às 15h15min (sala 8)

- [ORAL - 30] DESCAMINHOS DA RAZÃO E A CRISE NA CONTEMPORANEIDADE: CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS MODOS DE SER ELEGIDOS PELO CAPITALISMO - Jean Marlos Pinheiro Borba (DINTER-UERJ-PPGPS & UFMA)
- [ORAL - 71] PSICOLOGIA E TÉCNICA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE HEIDEGGER - Rafael Prado; Marcus T. Caldas; Carmem L.B.T.Barreto (UNICAP)
- [ORAL - 73] RECONHECENDO NOSSA EXPERIÊNCIA ELEMENTAR: UMA DISCUSSÃO SOBRE A RADICALIDADE DE SER HUMANO - Poliana Gonçalves Barbosa (UFMG); Miguel Mahfoud (UFMG)

SESSÃO 09 – Sábado, 04 de junho – 14h às 15h15min (sala 9)

[ORAL - 58] O PAPEL DA RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE NO PROCESSO DE ADICÇÃO E RECUPERAÇÃO – UMA PESQUISA FENOMENOLÓGICA - Jessé Luiz Cunha (PUCPR), Márcia Correa (PUC-PR), Mary Rute Gomes Esperandio (PUC-PR)

[ORAL - 65] OS SENTIDOS DO USO DE DROGAS POR PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA. - Mona Lisa Mistrelo. (Centro Universitário Herminio Ometto - Uniararas)

SESSÃO 10 – Sábado, 04 de junho – 14h às 15h15min (sala 10)

[ORAL - 7] A FORÇA DA PALAVRA EM NICOLAU DE CUSA - Sonia Regina Lyra (Icthyus Instituto-PR)

[ORAL - 25] CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA FORMAÇÃO SACERDOTAL: UMA REFLEXÃO TEÓRICA - Thais De Assis Antunes Baungart (FAC 3)

[ORAL - 61] O PROBLEMA DO MAL NO MOVIMENTO HASSÍDICO-CABALISTA DO SÉC.XVIII - Ana Claudia Judice Alleotti

SESSÃO 11 – Sábado, 04 de junho – 14h às 15h15min (sala 11)

[ORAL - 4] A EXISTÊNCIA COMO “CUIDADO”: ELABORAÇÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE A CLÍNICA PSICOTERÁPICA - Danielle de Gois Santos (Universidade Federal Fluminense); Roberto Novaes de Sá (Universidade Federal Fluminense)

[ORAL - 57] O LUGAR DO ANALISTA E A DIMENSÃO DA PREOCUPAÇÃO: UM *DI-ÁLOGO* ENTRE FREUD E HEIDEGGER - Luiz Paulo Leitão Martins

[ORAL - 28] O ERRO FENOMENOLÓGICO DE GILBERT RYLE - Cesar Rey Xavier (Fac. Dom Bosco - Curitiba)

SESSÃO 12 – Sábado, 04 de junho – 14h às 15h15min (sala 12)

[ORAL - 39] GRUPO DE ESCUTADORES: UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA - Pedro Vitor Barnabé Milanesi (Centro Universitário Herminio Ometto - Uniararas)

[ORAL - 51] O DIÁLOGO E A REFLEXÃO COMO FUNDAMENTO PARA AS PRÁTICAS PSICOEDUCATIVAS: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO - Heloisa Szymanski (PUC-SP), Luciana Szymanski (PUC-SP), Renata Capeli S.Andrade (PUC-SP; UNIP), Simone Walckoff Calil (USP; UNIP)

[ORAL - 88] UM ESTUDO SOBRE O OLHAR NA CONSTRUÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA - Talian Cordeiro Batista (UCDB) e Josemar Campos Maciel (UCDB)

SESSÃO 13 – Sábado, 04 de junho – 14h às 15h15min (sala 13)

- [ORAL - 9] A INTERSUBJETIVIDADE NO TEATRO EXISTENCIALISTA: ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DA PEÇA “ENTRE QUATRO PAREDES” - Mário Seto Takeguma Junior ; Sylvia Mara Pires de Freitas (UEM/PR)
- [ORAL - 10] A LIBERDADE É AZUL: REFLEXÕES CLÍNICAS SOBRE A ARTE CINEMATOGRAFICA E A LIBERDADE - Jaqueline Gaspar de Lima (PUC-SP) e Luis Jardim (UNIP/UNINOVE)
- [ORAL - 80] SER OBRA DE ARTE E PARAR O MUNDO_ DIÁLOGOS ENTRE HEIDEGGER E CASTAÑEDA - Ana Gabriela Rebelo dos Santos (UFF); Roberto Novaes de Sá (UFF)

SESSÃO 14 – Sábado, 04 de junho – 14h às 15h15min (sala 14)

- [ORAL - 38] FENOMENOLOGIA E HERMENEUTICA NA PESQUISA EM SAUDE COLETIVA: DIÁLOGOS, INTERROGAÇÕES E POTENCIALIDADES. - Anna Karynne da Silva Melo (UNIFOR/UFC), Liliane Brandão Carvalho (UNIFOR/UFC), Maria Lucia Magalhães Bosi (UFC)
- [ORAL - 66] PESQUISA HEURÍSTICA E CLÍNICA DO SOCIAL: UM ENSAIO TEORICO-PRÁTICO - Silvia Cristina Santana (UCDB) Josemar de Campos Maciel (UCDB)
- [ORAL - 78] SENTIDO DE REUNIÕES DE DEVOLUTIVA NO CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA - Ariany da Silva Villar (UCDB); Josemar de Campos Maciel (UCDB)

SESSÃO 15 – Sábado, 04 de junho – 14h às 15h15min (sala 15)

- [ORAL - 5] A EXPERIÊNCIA-SOFRIMENTO DO PRESO POLÍTICO NA SITUAÇÃO DE TORTURA - Myrna Coelho, - USP, ABD.
- [ORAL - 85] SUPRESSÃO DOS DIREITOS HUMANOS E A CONSTITUIÇÃO DA “SUBJETIVIDADE” - Luis Jardim (Unip/Uninove)
- [ORAL - 90] VIVÊNCIAS CIDADÃS EM UM GRUPO-AÇÃO: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA DA EXPERIÊNCIA. - Matheus R. Prudenciatto e Pedro V. B. Milanesi (UNIARARAS)

SESSÃO 16 – Sábado, 04 de junho – 15h30min às 16h45min (sala 1)

- [ORAL - 16] A VIVÊNCIA DO FAMILIAR CUIDADOR DE PESSOAS COM ESQUIZOFRENIA À LUZ DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO - Roberta da Costa Borges (ILES/ULBRA - Itumbiara/GO) e Miziki Ferreira Silva (ILES/ULBRA - Itumbiara/GO)
- [ORAL - 34] ESQUIZOFRENIA: UM OLHAR EXISTENCIAL SARTREANO - Flávia Augusta Vetter Ferri (UNIOESTE)
- [ORAL - 75] REFORMA PSIQUIÁTRICA, OFICINAS ARTÍSTICAS E FENOMENOLOGIA: A HISTÓRIA DA CIA. EXPERIMENTAL MU...DANÇA - Myrna Coelho - USP, ABD.

SESSÃO 17 – Sábado, 04 de junho – 15h30min às 16h45min (sala 2)

- [ORAL - 2] A ARTICULAÇÃO ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE EM UM PROJETO DE LITERATURA: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO - Suzana Filizola Brasiliense Carneiro (PUC-SP) CNPq, Heloisa Szymanski
- [ORAL - 67] PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS: UMA ANÁLISE HEIDEGGERIANA DA EXPERIÊNCIA DE SOLICITUDE - Fernanda Santini Franco; Heloisa Szymanski (PUC-SP)
- [ORAL - 68] PRÁTICAS EDUCATIVAS, SUBJETIVIDADE E DIALOGIA: UM ENFOQUE FENOMENOLÓGICO DA EDUCAÇÃO - Rogério Sousa Pires (UNIMEP/CAPES/PROESP)

SESSÃO 18 – Sábado, 04 de junho – 15h30min às 16h45min (sala 3)

- [ORAL - 14] A VISÃO DO TRABALHADOR A RESPEITO DO PSICÓLOGO QUE ATUA NO CONTEXTO DO TRABALHO - Marcelo Alves/ Pedro Vitor Barnabé Milanesi. (Uniararas)
- [ORAL - 54] O ESTRESSE PARA TRABALHADORES DE UMA COOPERATIVA DE SAÚDE: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL - Melck Kelly P. M. da Silva (UEM); Sylvia Mara P. de Freitas (UEM)
- [ORAL - 91] VIVÊNCIAS DO TRABALHADOR INFORMAL: ANÁLISES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS - Aline Andressa Martinez Mello, Caroline Pelegrini; DambrósMarina Meneguetti Vaccaro; Sylvia Mara Pires de Freitas (Universidade Estadual de Maringá)

SESSÃO 19 – Sábado, 04 de junho – 15h30min às 16h45min (sala 4)

- [ORAL - 31] DES-COBRINDO O SILÊNCIO NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA - Itala Villaça Duarte (Hospital Erasto Gaertner); Iolanda de Assis Galvão (Erasto Gaertner)
- [ORAL - 83] SUBJETIVIDADE DE ATENÇÃO PSICOLÓGICA NA REDE BÁSICA DE SAÚDE - Nilton Julio de Faria
- [ORAL - 89] UNIDADE DE APOIO PSICOSSOCIAL – UNIAPS: A CONSTRUÇÃO DO SIGNIFICADO CUIDAR DE QUEM CUIDA NUMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA SOCIAL” - Ana Paula Leal de Aguiar / Marcus túlio Caldas (UNICAP)

SESSÃO 20 – Sábado, 04 de junho – 15h30min às 16h45min (sala 5)

- [ORAL - 22] CODEPENDENCIA AFETIVA:A EXISTÊNCIA INAUTÊNTICA DAS RELAÇÕES - Luma C. Diógenes e Carlos MagnoTeixeira (UNIFOR)
- [ORAL - 48] NOVOS OLHARES: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA EXISTENCIALISTA EM UMA COMUNIDADE TERAPÊUTICA - Ranieri Cortez (UNISUL)
- [ORAL - 45] INTRODUÇÃO CRÍTICA AOS FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA EXISTENCIAL - Alessandro Gemino

SESSÃO 21 – Sábado, 04 de junho – 15h30min às 16h45min (sala 6)

- [ORAL - 1] A (POUCO CONHECIDA) CONTRIBUIÇÃO DE BRENTANO PARA AS PSICOTERAPIAS HUMANISTAS - Georges Daniel Janja Bloc Boris - UNIFOR
- [ORAL - 6] A FENOMENOLOGIA SOCIAL DE ALFRED SCHUTZ - Ana Paula Leal de Aguiar / Marcus túlio Caldas (UNICAP)
- [ORAL - 62] O QUALITATIVO E O DESCONHECIDO: REFLEXÕES A PARTIR DE MICHAEL POLANYI - Josemar de Campos Maciel

SESSÃO 22 – Sábado, 04 de junho – 15h30min às 16h45min (sala 7)

- [ORAL - 11] A PERMANÊNCIA DO TRATAMENTO EM SAÚDE MENTAL NO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO NA LÓGICA MANICOMIAL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA - Moraes, Geofilho Ferreira (UNISUL)
- [ORAL - 53] O ENTRELACAMENTO DA PARTE E DO TODO: RELAÇÕES ENTRE UM CASO PARTICULAR E A HISTÓRIA DA SAÚDE MENTAL. - Augusto Ribeiro Coaracy Neto. (UnB), Ileno Izidio Costa (UnB)
- [ORAL - 77] SAÚDE PÚBLICA E MEDICINA DOS ESPÍRITOS: O SURGIMENTO DO HOSPITAL DO BOM RETIRO - Andrea de Alvarenga Lima (UFPR), Adriano Furtado Holanda (UFPR)

SESSÃO 23 – Sábado, 04 de junho – 15h30min às 16h45min (sala 8)

- [ORAL - 19] ABORDAGEM EXISTENCIAL SARTREANA EM PSICOTERAPIA: O RESGATE DA LIBERDADE - Flávia Augusta Vetter Ferri (UNIOESTE)
- [ORAL - 35] ESTUDO DE CASO SOBRE UM GRUPO MUSICAL SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICO-DIALÉTICA SARTREANA EM PSICOLOGIA - Ana Teresa Almeida de Souza Lima (UNISUL)
- [ORAL - 41] IMPASSES, DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE UMA CLÍNICA SARTRIANA. - Fernanda Alt, Carolina Mendes Campos (IFEN)

SESSÃO 24 – Sábado, 04 de junho – 15h30min às 16h45min (sala 9)

- [ORAL - 64] O SIGNIFICADO DA PSICOLOGIA E DA TERAPIA HOLÍSTICA PARA TERAPEUTAS HOLÍSTICOS GRADUADOS EM PSICOLOGIA - Daniel Martynetz (UFPR), Carlos Augusto Serbena (UFPR)
- [ORAL - 72] RAP, VIVÊNCIAS E ALGUMAS (DES) CONSTRUÇÕES - Adrielle Fernanda Baldessim, Cibele Renata dos Santos Souza, Drieli Soares de Campos, Fernanda Carolina Parangaba Sales, Flávia Trova, Jéssica Thomazini, Verônica Januário de Souza (UNIARARAS)
- [ORAL - 79] SENTIDO DE VISITAS DE DEVOLUTIVA NO CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA - Kamilla Golin (UCDB) Josemar de Campos Maciel (UCDB)

SESSÃO 25 – Sábado, 04 de junho – 15h30min às 16h45min (sala 10)

- [ORAL - 60] O PENSAMENTO ATEU E A VIVÊNCIA RELIGIOSA NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL - Raphael Barbosa (UNIPAR); Jorge Antônio Vieira (UNIPAR)
- [ORAL - 70] PROSTITUIÇÃO E SENTIDO DA VIDA: RELAÇÕES DE SIGNIFICADO - Willian Henrique Corrêa (Universidade Federal do Paraná)
- [ORAL - 87] UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE A PROPOSTA DO PLANTÃO PSICOEDUCATIVO PARA EDUCADORES - Renata Capeli S. Andrade (PUC-SP); UNIP), Heloisa Szymanski (PUC-SP)

SESSÃO 26 – Sábado, 04 de junho – 15h30min às 16h45min (sala 11)

- [ORAL - 55] O EXISTENCIALISMO SARTRIANO NA PRÁTICA DO DIAGNÓSTICO CLÍNICO - Andréa Luiza da Silveira (Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó)
- [ORAL - 74] REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE O PAPEL DO DIAGNÓSTICO NA PRÁTICA CLÍNICA - Alessandro de Magalhães Gemino (FAMATH/UFF) e Kássia Fonseca Rapella (FAMATH)
- [ORAL - 84] SUICÍDIO E PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL - Gabriela Beltrão Veneri (Universidade Federal do Paraná)

SESSÃO 27 – Sábado, 04 de junho – 15h30min às 16h45min (sala 12)

- [ORAL - 15] A VIVENCIA DE PAIS EM UM AMBIENTE DE UTI NEONATAL - Tony Michel Guimarães. (Centro Universitário Herminio Ometto Uniararas)
- [ORAL - 18] A VIVÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA NOS CUIDADOS PALIATIVOS - Grasielle Rosvadoski da Silva (FAG), Marielly Mendes de Moraes (FAG), Nayelle Brandelero (FAG)
- [ORAL - 26] CONVIVENDO COM A ANGÚSTIA DA CONDIÇÃO HUMANA: A ESTRANHEZA DO MÉDICO FRENTE À MORTE - Aline Addressa Martinez Mello (UEM), Lucia Cecília da Silva (UEM)

SESSÃO 28 – Sábado, 04 de junho – 15h30min às 16h45min (sala 13)

- [ORAL - 8] A INFÂNCIA SOB A COMPREENSÃO TEÓRICA DO MATERIALISMO DIALÉTICO EM SARTRE E VYGOTSKY. - Vébora Gilvane Duarte Antunes- Graduanda em Psicologia (UNISUL) e Zuleica Pretto – Mestre em Psicologia (UNISUL).
- [ORAL - 43] INFÂNCIAS NO PLURAL: URGÊNCIA POR NOVOS DEBATES - Zuleica Pretto (UFSC/UNISUL)
- [ORAL - 47] NA TERAPIA COM FERNANDO - Luana Dallo, Marcia Techy Iastrenski

SESSÃO 29 – Sábado, 04 de junho – 15h30min às 16h45min (sala 14)

- [ORAL - 17] A VIVÊNCIA DO SOFRIMENTO: O OLHAR DE CLIENTES EM PSICOTERAPIA -
Eveline Caracas, Virginia Moreira (UNIFOR)
- [ORAL - 29] DEFICIENTES AUDITIVOS E PSICOLOGIA: RELATOS DO OUTRO LADO - Heloisa
Christina Mehl Gonçalves
- [ORAL - 36] EXISTÊNCIA E CORPOREIDADE: A CONDIÇÃO DE DEFICIENTE FÍSICO NUMA
PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA - Andréa Luiza da Silveira (Unochapecó) Rita de
Cássia Silveira Cambuzzi (Ufscar) Rose Silveira Von Hertwig (Psicoterapeuta) Maria da
Piedade Resende da Costa (Ufscar)

SESSÃO 30 – Sábado, 04 de junho – 15h30min às 16h45min (sala 15)

- [ORAL - 27] CORPO E SUBJETIVAÇÃO – UMA QUESTÃO DA PSICOLOGIA? - Joanneliese Lucas
de Freitas (UFPR), Mariana Abuhamad (UFPR), Paula Arenhart Pundek Rocha (UFPR)
- [ORAL - 52] O DISCURSO BREVE DO PACIENTE: COMPREENDER E INTERPRETAR
SEGUNDO WEIZSAECKER. - Jane Borralho Gama e Francisco Martins (UnB)
- [ORAL - 40] HEIDEGGER E AS CONTRIBUIÇÕES DAS AFINAÇÕES PARA A PRÁTICA
CLÍNICA - Luis Jardim (Unip/Uninove)

APRESENTAÇÃO EM PAINEL (POSTER) DE TEMA LIVRE

Sessão Única – Sábado, 04 de junho – 15h às 16h (Hall)

- [POS-2] A EXPERIÊNCIA DELIRANTE: O OLHAR FENOMENOLÓGICO DE BINSWANGER / Juliana Pita (Unifor), Virgínia Moreira (Unifor)
- [POS-3] A FENOMENOLOGIA CRÍTICA COMO MÉTODO APLICADO À PESQUISA SOBRE PODER E POLÍTICA / Juliana Fernandes (UNIFOR) Georges Daniel Janja Bloc Boris (UNIFOR)
- [POS-5] A PRÁTICA DA PSICOLOGIA HUMANISTA NA TERAPIA DE CASAL / Alice Sobottka ;Amanda Furtado;Aline Zorel;Cíntia Sciamana; Joise Bertola; Karen Cunha;Roseli Vieira; Thaís Viel; (Centro Universitário Hermínio Ometto-UNIARARAS)
- [POS-6] A RESSIGNIFICAÇÃO DO PSICODIAGNÓSTICO NA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL / Taís Pozzan Lehn (Universidade Paranaense - UNIPAR); Orlete Maria Pompeu de Lima (Universidade Paranaense - UNIPAR)
- [POS-7] DISCURSOS DE PSICÓLOGAS SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UM RELATO DE PESQUISA NO CENTRO MARIA DO PARÁ / Nathália Dourado F. Costa, Vitória Cordovil de Almeida (UFPA)
- [POS-8] ÉTICA, CONTEMPORANEIDADE E CUIDADO: A EXPERIÊNCIA VIVIDA EM UMA CLÍNICA-ESCOLA / Renata Bessa Holanda (UNIFOR); Ana Maria Ferreira Alves (UNIFOR); Liliâne Brandão de Carvalho (UNIFOR); Virgínia de Saboia Moreira Cavalcanti (UNIFOR)
- [POS-9] EXPERIÊNCIA VIVIDA DE MÃES DO ADOECIMENTO DO FILHO COM CÂNCER / Fernanda Gomes Lopes (UNIFOR – APP); Anna Karynne Melo (UNIFOR); Anice Holanda (APP).
- [POS-10] JOGANDO PHANTASY STAR: TRAJETÓRIA COMPREENSIVA AO SENTIDO DE JOGAR VIDEOGAME / Thiago de Paula Cruz; Henriette Tognetti Penha Morato (USP)
- [POS-11] O CUIDADO E AS PRÁTICAS PSICOLÓGICAS: O DIÁLOGO EM UMA CLÍNICA-ESCOLA. / Ana Maria Alves (UNIFOR) Renata Holanda (UNIFOR) Liliâne Carvalho (UNIFOR/UFC) Virginia Moreira (UNIFOR)
- [POS-12] O DESDOBRAMENTO DA NOÇÃO DE ESTRUTURA NOS DOIS PRIMEIROS TRABALHOS DE MERLEAU-PONTY / Vitor Vasconcelos de Araújo (Universidade de Fortaleza) Virginia Moreira (Universidade de Fortaleza)
- [POS-13] O PORTADOR DE CÂNCER ATRAVÉS DE UMA VISÃO HUMANISTA FENOMENOLÓGICA / Rafael Panucci(Uniararas)Natalia Panini(Uniararas)Elaine Ragassi(Uniararas)Joice Benfica(Uniararas)Lessandra de Almeida(Uniararas)José Melo(Uniararas)Talita Curtulo(Uniararas)Vinicius Reis(Uniararas)
- [POS-14] PENSAMENTO CALCULANTE E PENSAMENTO MEDITANTE: CONSIDERAÇÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE A ATENÇÃO NA CLÍNICA PSICOTERÁPICA / Alessandro de Magalhães Gemino (UFF e FAMATh), Kássia Fonseca Rapella (FAMATh), Isabella Batistta (FAMATh) e Lirie Brum (FAMATh)

- [POS-15] SAÚDE MENTAL NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN / Nara Helena Lopes Pereira da Silva, Carmen Lúcia Cardoso - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Departamento de Psicologia
- [POS-16] SER, ANGÚSTIA E MORTE – REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE HEIDEGGER E KIERKEGAARD / Thaisa Quixadá Fontenele (UFC) / Thiago Carvalho Freitas (UFC)
- [POS-17] TERAPIA DE FAMÍLIA E SEUS SIGNIFICADOS: NARRATIVAS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DOS CLIENTES (POSTER) / Juarez Soares Costa, Vera Engler Cury (PUC-Campinas)
- [POS-18] DESDOBRAMENTOS FENOMENOLÓGICOS DO CONCEITO DE EMPATIA - Rafael Bruno Torres (I.C. - UNIFOR), Virginia Moreira (UNIFOR)
- [POS-19] ESQUIZOFRENIA E A RESTRIÇÃO DE LIBERDADE NA FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL - Carla Slomp (Uninove), Luis Jardim (Unip/Uninove)

ÍNDICE DE TÍTULOS DOS TRABALHOS APRESENTADOS

- A CLÍNICA PSICOLÓGICA INFANTIL EM UMA PERSPECTIVA EXISTENCIAL 8
- A CONTRIBUIÇÃO DE JASPERS, BINSWANGER, BOSS E TATOSSIAN PARA A PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA 9
- A FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO EM ALES BELLO: PERSPECTIVAS E DESAFIOS 10
- A FENOMENOLOGIA DA VIDA EM MICHEL HENRY: REFLEXÕES CRÍTICAS DA PSICOPATOLOGIA E PSICOTERAPIA 11
- A MORTE E O MORRER: CONTRIBUIÇÃO HEIDEGGERIANA PARA A PSICOLOGIA 12
- COMO SEI QUE EU SOU EU? CINESTESIA E ESPACIALIDADE NAS CONFERÊNCIAS HUSSERLIANAS DE 1907 13
- CORPO VIVIDO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A PSICOLOGIA 14
- DE QUE SE OCUPA A PSICOLOGIA, SEGUNDO OS FENOMENÓLOGOS 15
- DESAFIOS PARA UMA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA 16
- DIÁLOGO FENOMENOLÓGICO DA SEXUALIDADE EM TRÂNSITO: CORPO, GÊNERO E SEXO 17
- FENOMENOLOGIA DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA CONTEMPORÂNEA: NOVAS FORMAS DE PRODUÇÃO DE SENTIDO DO SAGRADO 18
- FENOMENOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS: A CRÍTICA DE HUSSERL AO POSITIVISMO 19
- FENOMENOLOGIA E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM PAUL TILLICH 20
- FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA ESTUDOS DA EXPERIÊNCIA CONSCIENTE DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA 22
- INTERVENÇÃO PRECOCE EM PSICOSES 23
- MODELO EPISTEMOLÓGICO DE CONSTITUIÇÃO DO CONHECIMENTO: CONCEITO DE MUNDO E DE PESSOA EM GESTALT-TERAPIA 24
- O CUIDADO COMO AMOR: A PROPÓSITO DO SENTIDO DA ANALÍTICA EXISTENCIAL EM HEIDEGGER 25
- O CUIDADO DE SI COMO CUIDADO DO OUTRO: ÉTICA E FINITUDE EM SER E TEMPO 26
- O INCONSCIENTE COMO EXPERIÊNCIA 27
- O MÉTODO FENOMENOLÓGICO EM PSICOLOGIA, UMA LEITURA DE NILTON CAMPOS 28
- O PENSAMENTO DE CARL ROGERS E A CONSTRUÇÃO DA PSICOLOGIA HUMANISTA NO BRASIL 29
- O SER BRUTO NA ONTOLOGIA DE MERLEAU-PONTY: ELEMENTOS PARA PENSAR A SITUAÇÃO TERAPÊUTICA 30
- PENSANDO O SUICÍDIO SOB A ÓTICA FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES 31
- POR UMA CARTOGRAFIA DO NÃO-SABER: CONSIDERAÇÕES SOBRE UM MODELO DE PESQUISA FENOMENOLÓGICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS 32
- QUANTO BASTA PARA SER EXISTENCIALMENTE NORMAL ? 33

- RECORDAR ENTRE FENOMENOLOGIA E HETEROFENOMENOLOGIA 34
- SARTRE E A PSICOLOGIA CLÍNICA 35
- SOBRE A FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY 36
- UMA ANÁLISE EXISTENCIALISTA PARA UM CASO CLÍNICO DE TRANSTORNO OBSESSIVO
COMPULSIVO 37
- A (POUCO CONHECIDA) CONTRIBUIÇÃO DE BRENTANO PARA AS PSICOTERAPIAS
HUMANISTAS 39
- A ARTICULAÇÃO ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE EM UM PROJETO DE LITERATURA: UM
OLHAR FENOMENOLÓGICO 40
- A CHEGADA NA ESCOLA: ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE O OLHAR DOS PAIS,
CRIANÇAS E EDUCADORES 41
- A CONSTRUÇÃO DE UMA RELAÇÃO TERAPÊUTICA A PARTIR DO ENCONTRO INTER-
HUMANO 42
- A EXISTÊNCIA COMO CUIDADO: ELABORAÇÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE A CLÍNICA
PSICOTERÁPIA 43
- A EXPERIÊNCIA DELIRANTE: O OLHAR FENOMENOLÓGICO DE BINSWANGER 44
- A EXPERIÊNCIA-SOFRIMENTO DO PRESO POLÍTICO NA SITUAÇÃO DE TORTURA 45
- A FENOMENOLOGIA CRÍTICA COMO MÉTODO APLICADO À PESQUISA SOBRE PODER E
POLÍTICA 46
- A FENOMENOLOGIA NO ATENDIMENTO CLÍNICO DE ABORDAGEM CORPORAL 47
- A FENOMENOLOGIA SOCIAL DE ALFRED SCHUTZ 48
- A FORÇA DA PALAVRA EM NICOLAU DE CUSA 49
- A INFÂNCIA SOB A COMPREENSÃO TEÓRICA DO MATERIALISMO DIALÉTICO EM SARTRE
E VYGOTSKY. 50
- A INTERSUBJETIVIDADE NO TEATRO EXISTENCIALISTA: ANÁLISE FENOMENOLÓGICA
DA PEÇA ENTRE QUATRO PAREDES 51
- A LIBERDADE É AZUL: REFLEXÕES CLÍNICAS SOBRE A ARTE CINEMATOGRAFICA E A
LIBERDADE 52
- A POTÊNCIA TRANSFORMADORA DO FENÔMENO DE PATHOS 53
- A PRÁTICA DA PSICOLOGIA HUMANISTA NA TERAPIA DE CASAL 54
- A RELAÇÃO ENTRE TROTE UNIVERSITÁRIO E BULLYING: UMA INVESTIGAÇÃO
EXISTENCIALISTA 55
- A RESSIGNIFICAÇÃO DO PSICODIAGNÓSTICO NA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA-
EXISTENCIAL 56
- A VISÃO DO TRABALHADOR A RESPEITO DO PSICÓLOGO QUE ATUA NO CONTEXTO DO
TRABALHO 57

- A VIVÊNCIA DE PAIS EM UM AMBIENTE DE UTI NEONATAL 58
- A VIVÊNCIA DO FAMILIAR CUIDADOR DE PESSOAS COM ESQUIZOFRENIA À LUZ DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO 59
- A VIVÊNCIA DO SOFRIMENTO: O OLHAR DE CLIENTES EM PSICOTERAPIA 60
- A VIVÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA NOS CUIDADOS PALIATIVOS 61
- ABORDAGEM EXISTENCIAL SARTREANA EM PSICOTERAPIA: O RESGATE DA LIBERDADE 62
- AMPLIANDO AS POSSIBILIDADES DE COMPREENSÃO PSICOLÓGICA A PARTIR DA LINGUAGEM POÉTICA 63
- ANÁLISE DE UM PROCESSO DE ESCOLHA PROFISSIONAL NA COMPREENSÃO DO EXISTENCIALISMO SARTREANO 64
- CODEPENDENCIA AFETIVA: A EXISTÊNCIA INAUTÊNTICA DAS RELAÇÕES 65
- COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DA ANGÚSTIA E MEDO EM ALPHONSUS DE GUIMARAENS 66
- CONSIDERAÇÕES SOBRE RELAÇÕES DE AJUDA A PARTIR DE UM TEXTO KIERKEGAARDIANO 67
- CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA FORMAÇÃO SACERDOTAL: UMA REFLEXÃO TEÓRICA 68
- CONVIVENDO COM A ANGÚSTIA DA CONDIÇÃO HUMANA: A ESTRANHEZA DO MÉDICO FRENTE À MORTE 69
- CORPO E SUBJETIVAÇÃO – UMA QUESTÃO DA PSICOLOGIA? 70
- DEFICIENTES AUDITIVOS E PSICOLOGIA: RELATOS DO OUTRO LADO 71
- DESCAMINHOS DA RAZÃO E A CRISE NA CONTEMPORANEIDADE: CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS MODOS DE SER ELEGIDOS PELO CAPITALISMO 72
- DES-COBRINDO O SILÊNCIO NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA 73
- DESDOBRAMENTOS FENOMENOLÓGICOS DO CONCEITO DE EMPATIA 74
- DISCURSOS DE PSICÓLOGAS SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UM RELATO DE PESQUISA NO CENTRO MARIA DO PARÁ 75
- ESQUIZOFRENIA E A RESTRIÇÃO DE LIBERDADE NA FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL 76
- ESQUIZOFRENIA: UM OLHAR EXISTENCIAL SARTREANO 77
- ESTUDO DE CASO SOBRE UM GRUPO MUSICAL SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICO-DIALÉTICA SARTREANA EM PSICOLOGIA 78
- ÉTICA, CONTEMPORANEIDADE E CUIDADO: A EXPERIÊNCIA VIVIDA EM UMA CLÍNICA-ESCOLA 79
- EXISTÊNCIA E CORPOREIDADE: A CONDIÇÃO DE DEFICIENTE FÍSICO NUMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA 80

- EXPERIÊNCIA VIVIDA DE MÃES DO ADOECIMENTO DO FILHO COM CÂNCER 81
- FENOMENOLOGIA E GRUPOS: EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO TERAPÊUTICO COM ADOLESCENTES EM INSTITUIÇÃO DE SAÚDE 82
- FENOMENOLOGIA E HERMENEUTICA NA PESQUISA EM SAUDE COLETIVA: DIÁLOGOS, INTERROGAÇÕES E POTENCIALIDADES. 83
- GRUPO DE ESCUTADORES: UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA 84
- HEIDEGGER E AS CONTRIBUIÇÕES DAS AFINAÇÕES PARA A PRÁTICA CLÍNICA 85
- IMPASSES, DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE UMA CLÍNICA SARTRIANA. 86
- INFÂNCIAS NO PLURAL: URGÊNCIA POR NOVOS DEBATES 87
- INTERVENÇÕES GESTÁLTICAS COM JOVENS AUTISTAS NA EQUITAÇÃO TERAPÊUTICA A PARTIR DE CAMPOS RELACIONAIS 88
- INTRODUÇÃO CRÍTICA AOS FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA EXISTENCIAL 89
- JOGANDO PHANTASY STAR: TRAJETÓRIA COMPREENSIVA AO SENTIDO DE JOGAR VIDEOGAME 90
- MEDIAÇÕES SOCIOLÓGICAS: UMA ANÁLISE EXISTENCIALISTA DE TRAJETÓRIAS ESCOLARES EM MEIOS POPULARES 91
- NA TERAPIA COM FERNANDO 92
- NOVOS OLHARES: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA EXISTENCIALISTA EM UMA COMUNIDADE TERAPÊUTICA 93
- O CARÁTER TERAPÊUTICO DA FALA NA DASEINSANALYSE 94
- O CONCEITO DE JOGO PARA BUYTENDIJK E GADAMER: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA 95
- O CUIDADO E AS PRÁTICAS PSICOLÓGICAS: O DIÁLOGO EM UMA CLÍNICA-ESCOLA. 96
- O DESDOBRAMENTO DA NOÇÃO DE ESTRUTURA NOS DOIS PRIMEIROS TRABALHOS DE MERLEAU-PONTY 97
- O DIÁLOGO E A REFLEXÃO COMO FUNDAMENTO PARA AS PRÁTICAS PSICOEDUCATIVAS: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO 98
- O DISCURSO BREVE DO PACIENTE: COMPREENDER E INTERPRETAR SEGUNDO WEIZSAECKER. 99
- O ENTRELAÇAMENTO DA PARTE E DO TODO: RELAÇÕES ENTRE UM CASO PARTICULAR E A HISTÓRIA DA SAÚDE MENTAL. 100
- O ERRO FENOMENOLÓGICO DE GILBERT RYLE 101
- O ESTRESSE PARA TRABALHADORES DE UMA COOPERATIVA DE SAÚDE: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL 102
- O EXISTENCIALISMO SARTRIANO NA PRÁTICA DO DIAGNÓSTICO CLÍNICO 103

- O FENÔMENO DA MÁ-FÉ DIANTE DA RESPONSABILIDADE DA ESCOLHA PROFISSIONAL 104
- O LUGAR DO ANALISTA E A DIMENSÃO DA PREOCUPAÇÃO: UM *DIÁLOGO* ENTRE FREUD E HEIDEGGER 105
- O PAPEL DA RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE NO PROCESSO DE ADICÇÃO E RECUPERAÇÃO – UMA PESQUISA FENOMENOLÓGICA 106
- O PARADOXO ENTRE TEORIA E PRÁTICA NA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA: O PONTO DE VISTA DE ARTHUR TATOSSIAN 107
- O PENSAMENTO ATEU E A VIVÊNCIA RELIGIOSA NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL 108
- O PORTADOR DE CÂNCER ATRAVÉS DE UMA VISÃO HUMANISTA FENOMENOLÓGICA 109
- O PROBLEMA DO MAL NO MOVIMENTO HASSÍDICO-CABALISTA DO SÉC.XVIII 110
- O QUALITATIVO E O DESCONHECIDO: REFLEXÕES A PARTIR DE MICHAEL POLANYI 111
- O RELACIONAMENTO TERAPÊUTICO COMO FORMA DE CRESCIMENTO: UM ESTUDO DE CASO 112
- O SIGNIFICADO DA PSICOLOGIA E DA TERAPIA HOLÍSTICA PARA TERAPEUTAS HOLÍSTICOS GRADUADOS EM PSICOLOGIA 113
- OS SENTIDOS DO USO DE DROGAS POR PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA. 114
- PENSAMENTO CALCULANTE E PENSAMENTO MEDITANTE: CONSIDERAÇÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE A ATENÇÃO NA CLÍNICA PSICOTERÁPICA 115
- PESQUISA HEURÍSTICA E CLÍNICA DO SOCIAL: UM ENSAIO TEORICO-PRÁTICO 116
- PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS: UMA ANÁLISE HEIDEGGERIANA DA EXPERIÊNCIA DE SOLICITUDE 117
- PRÁTICAS EDUCATIVAS, SUBJETIVIDADE E DIALOGIA: UM ENFOQUE FENOMENOLÓGICO DA EDUCAÇÃO 118
- PROCESSO DE REABILITAÇÃO DOS PACIENTES DE UMA CLÍNICA-ESCOLA DE FISIOTERAPIA: UMA VISÃO FENOMENOLÓGICA 119
- PROSTITUIÇÃO E SENTIDO DA VIDA: RELAÇÕES DE SIGNIFICADO 120
- PSICOLOGIA E TÉCNICA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE HEIDEGGER 121
- RAP, VIVÊNCIAS E ALGUMAS (DES) CONSTRUÇÕES 122
- RECONHECENDO NOSSA EXPERIÊNCIA ELEMENTAR: UMA DISCUSSÃO SOBRE A RADICALIDADE DE SER HUMANO 123
- REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE O PAPEL DO DIAGNÓSTICO NA PRÁTICA CLÍNICA 124
- REFORMA PSIQUIÁTRICA, OFICINAS ARTÍSTICAS E FENOMENOLOGIA: A HISTÓRIA DA CIA. EXPERIMENTAL MU...DANÇA 125

- RELAÇÃO DIALÓGICA NO PROCESSO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: UMA REFLEXÃO TEÓRICA 126
- SAÚDE MENTAL NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN 127
- SAÚDE PÚBLICA E MEDICINA DOS ESPÍRITOS: O SURGIMENTO DO HOSPITAL DO BOM RETIRO 128
- SENTIDO DE REUNIÕES DE DEVOLUTIVA NO CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA 129
- SENTIDO DE VISITAS DE DEVOLUTIVA NO CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA 130
- SER OBRA DE ARTE E PARAR O MUNDO_ DIÁLOGOS ENTRE HEIDEGGER E CASTAÑEDA 131
- SER PSICOTERAPEUTA: REFLEXÕES EXISTENCIAIS SOBRE VIVÊNCIAS DE ESTAGIÁRIOS-TERAPEUTAS INICIANTES 132
- SER TRÁGICO NO MUNDO-DA-VIDA DO PSICÓLOGO CLÍNICO 133
- SER, ANGÚSTIA E MORTE – REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE HEIDEGGER E KIERKEGAARD 134
- SUICÍDIO E PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL 135
- SUPRESSÃO DOS DIREITOS HUMANOS E A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE 136
- TENTATIVAS SUICIDAS: UMA COMPREENSÃO HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA 137
- TERAPIA DE FAMÍLIA E SEUS SIGNIFICADOS: NARRATIVAS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DOS CLIENTES (POSTER) 138
- UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE A PROPOSTA DO PLANTÃO PSICOEDUCATIVO PARA EDUCADORES 139
- UM ESTUDO SOBRE O OLHAR NA CONSTRUÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA 140
- VIVÊNCIAS CIDADÃS EM UM GRUPO-AÇÃO: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA DA EXPERIÊNCIA. 141
- VIVÊNCIAS DO TRABALHADOR INFORMAL: ANÁLISES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS 142

ÍNDICE DE AUTORES DOS TRABALHOS APRESENTADOS

Adão José Peixoto	21
Adelma Pimentel	22
Adriano Furtado Holanda	28
Adriano Furtado Holanda	128
Adrielle Fernanda Baldessim.....	122
Alessandro de Magalhães Gemino	115
Alessandro de Magalhães Gemino	124
Alessandro Gemino	89
Alice Sobottka	54
Aline Addressa Martinez Mello	69
Aline Addressa Martinez Mello	142
Aline Mariana Rodicz	112
Aline Zorel	54
Amanda Furtado	54
Ana Cláudia Judice Alleotti.....	110
Ana Gabriela Rebelo dos Santos	131
Ana Maria Alves	96
Ana Maria Ferreira Alves	79
Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo	8
Ana Paula Leal de Aguiar.....	48
Ana Teresa Almeida de Souza Lima	78
André Duarte	26
Andrea de Alvarenga Lima	128
Andréa Luiza da Silveira	80
Andréa Luiza da Silveira	103
Andrés Antunez	11
Anice Holanda.....	81
Anna Karynne da Silva Melo	83
Anna Karynne Melo	81
Ariany da Silva Villar.....	129
Augusto Ribeiro Coaracy Neto	100
Camila da Costa Olmos Bueno.....	126
Carla Slomp.....	76
Carlos Augusto Serbena	27
Carlos Augusto Serbena	113
Carlos Diógenes Cortes Tourinho	19
Carlos Magno Teixeira	65
Carmem L.B.T.Barreto.....	63
Carmem L.B.T.Barreto.....	121
Carmen Lúcia Cardoso	127
Carolina Grandó	41
Carolina Mendes Campos.....	86
Caroline Pelegrini Dambrós	142
Cesar Rey Xavier.....	101
Cibele Renata dos Santos Souza.....	122
Cíntia Sciamana.....	54
Daniel Martynetz.....	113
Daniela Schneider.....	35
Danielle de Gois Santos	43
Drieli Soares de Campos	122

Elaine Freire	41
Elaine Ragassi	109
Elza Dutra.....	31
Eveline Caracas	60
Fabiana De Zorzi	88
Fabiana Villas.....	41
Felipe Gallego	66
Fernanda Alt.....	86
Fernanda Carolina Parangaba Sales	122
Fernanda Gomes Lopes	81
Fernanda Santini Franco.....	117
Flávia Augusta Vetter Ferri.....	62
Flávia Augusta Vetter Ferri.....	77
Flávia Trova	122
Francisco Martins	99
Gabriela Barbosa Guizzetti.....	133
Gabriela Beltrão Veneri.....	135
Georges Daniel Janja Bloc Boris.....	39
Georges Daniel Janja Bloc Boris.....	46
Georges Daniel Janja Bloc Boris.....	88
Georges Daniel Janja Bloc Boris.....	137
Geórgia Bunn Santos.....	78
Graciele Maria Welter	104
Grasiele Rosvadoski da Silva	61
Gustavo Gauer.....	34
Heloisa Christina Mehl Gonçalves	71
Heloisa Szymanski	40
Heloisa Szymanski	98
Heloisa Szymanski	117
Heloisa Szymanski	139
Henriette Tognetti Penha Morato	90
Ilda T. Souza Guiz.....	78
Ileno Izidio Costa	100
Ileno Izidio da Costa.....	23
Iolanda de Assis Galvão.....	73
Irmão Henrique Justo	29
Isabella Batista	115
Itala Villaça Duarte	73
Itala Villaça Duarte	112
Jane Borralho Gama	99
Jaqueline Gaspar de Lima	52
Jean Marlos Pinheiro Borba	72
Jessé Luiz Cunha	106
Jéssica Paula Silva Mendes	132
Jéssica Thomazini.....	122
Joanneliese de Lucas Freitas	14
Joanneliese Lucas de Freitas	70
Joice Benfica	109
Joise Bertola	54

Jorge Antônio Vieira	55
Jorge Antônio Vieira	108
Jorge Ponciano Ribeiro	24
José Melo.....	109
Josemar Campos Maciel.....	140
Josemar de Campos Maciel.....	32
Josemar de Campos Maciel.....	111
Josemar de Campos Maciel.....	116
Josemar de Campos Maciel.....	129
Josemar de Campos Maciel.....	130
Joyce Gomes Camapum	104
Juares Soares Costa	138
Juarez Francisco da Silva	47
Juliana Fernandes	46
Juliana Pita	44
Kamilla Golin.....	130
Karen Cunha.....	54
Karin Hellen Kepler Wondracek	11
Kássia Fonseca Rapella.....	115
Kássia Fonseca Rapella.....	124
Keyla da Cunha Paes Barreto	94
Laerte Bach de Souza	104
Leandro Neves Cardim.....	36
Lessandra de Almeida	109
Liliane Brandão Carvalho.....	83
Liliane Brandão de Carvalho.....	79
Liliane Carvalho.....	96
Lirie Brum.....	115
Luana Dallo	92
Luana de Santana Oliveira.....	82
Lucas Bloc.....	107
Lucia Cecília da Silva.....	12
Lucia Cecília da Silva.....	69
Luciana Szymanski.....	41
Luciana Szymanski.....	98
Luis Jardim.....	52
Luis Jardim.....	66
Luis Jardim.....	76
Luis Jardim.....	82
Luis Jardim.....	85
Luís Jardim.....	94
Luis Jardim.....	136
Luiz Damon Moutinho	15
Luiz Paulo Leitão Martins	105
Luma C. Diógenes.....	65
Marcelo Alves	57
Márcia Correa.....	106
Márcia Techy Iastrenski	92
Márcio Arthoni Souto da Rocha.....	137
Márcio Luiz Fernandes.....	10

Marcos Aurélio Fernandes	25
Marcos Souza Junior	41
Marcus T. Caldas.....	63
Marcus T. Caldas.....	121
Marcus túlio Caldas.....	48
Maria Alves de Toledo Bruns.....	17
Maria da Piedade Resende da Costa.....	80
Maria Lucia Magalhães Bosi.....	83
Mariana Abuhamad	70
Mariana Puchivailo.....	53
Marielly Mendes de Moraes.....	61
Marina Gomes Coelho de Souza Geórgia Bunn Santos	64
Marina Gomes Coelho de Souza	78
Marina Meneguetti Vaccaro	142
Mário Seto Takeguma Junior	51
Marivania Cristina Bocca.....	104
Mary Rute Gomes Esperandio.....	106
Mary Ruth Esperandio.....	18
Matheus R. Prudenciatto	141
Melck Kelly P. M. da Silva	102
Miguel Angel Liello	88
Miguel Mahfoud.....	123
Miziki Ferreira Silva	59
Mona Lisa Mistrelo	114
Mônica Botelho Alvim.....	30
Myriam Moreira Protasio	67
Myrna Coelho.....	45
Myrna Coelho.....	125
Nara Helena Lopes Pereira da Silva.....	127
Natalia Campos Bernardo.....	82
Natalia Panini	109
Nathália Dourado F. Costa	75
Nayelle Brandelero.....	61
Orlete Maria Pompeu de Lima	56
Paolo Agostinho L. de S. Miindello	22
Paula Arenhart Pundek Rocha.....	70
Pedro V. B. Milanesi	141
Pedro Vitor Barnabé Milanesi	57
Pedro Vitor Barnabé Milanesi	84
Pedro Vitor Barnabé Milanesi	119
Poliana Gonçalves Barbosa	123
Priscila Zuliani Librelon.....	119
Rafael Bruno Torres	74
Rafael Panucci.....	109
Rafael Prado	63
Rafael Prado	121
Ranieri Cortez	91
Ranieri Cortez	78
Ranieri Cortez	93
Raphael Barbosa.....	108
Renata Bessa Holanda	79

Renata Capeli S. Andrade.....	139
Renata Capeli S. Andrade.....	98
Renata Holanda	96
Rita de Cássia Silveira Cambruzzi	80
Roberta da Costa Borges	59
Roberta da Costa Borges	133
Roberto Novaes de Sá	43
Roberto Novaes de Sá	131
Rogério Sousa Pires.....	118
Rose Silveira Von Hertwig.....	80
Roseli Vieira.....	54
Sebastião B. Mariano	66
Silvia Cristina Santana	116
Simone Walckoff Calil.....	98
Sionara Karina Alves de Brito Gressler	132
Sonia Regina Lyra.....	49
Suzana Filizola Brasiliense Carneiro.....	40
Sylvia Mara P. de Freitas.....	102
Sylvia Mara Pires de Freitas	51
Sylvia Mara Pires de Freitas	132
Sylvia Mara Pires de Freitas	142
Sylvia Mara Pires Freitas.....	37
Taís Pozzan Lehn	56
Talian Cordeiro Batista.....	140
Talita Curtulo	109
Thais de Assis Antunes Baungart.....	68
Thaís Serafim dos Santos	55
Thaís Viel	54
Thaís Quixadá Fontenele	134
Thiago Carvalho Freitas	42
Thiago Carvalho Freitas	134
Thiago de Paula Cruz	90
Thiago de Paula Cruz	95
Thiago Gomes de Castro	13
Tommy Akira Goto	20
Tony Michel Guimarães	58
Vébora Gilvane Duarte Antunes Zuleica Pretto	50
Vera Engler Cury.....	138
Verônica Januário de Souza	122
Vinicius Reis	109
Virgínia de Saboia Moreira Cavalcanti	79
Virgínia de Sabóia Moreira Cavalcanti	137
Virginia Moreira.....	9
Virgínia Moreira.....	44
Virginia Moreira.....	60
Virginia Moreira.....	74
Virginia Moreira.....	96
Virginia Moreira.....	97
Virginia Moreira.....	107
Vitor Vasconcelos de Araújo.....	97



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA



Vitória Cordovil de Almeida	75
William Barbosa Gomes.....	13
William Barbosa Gomes.....	16
Willian Henrique Corrêa	120
Yolanda Cintrão Forghieri.....	33
Zuleica Pretto	87